

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA – DELAC
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS – PROMEL**

MARINA APARECIDA PACHECO LEÃO

**SLAM DAS MINAS:
UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS DE (RE)EXISTÊNCIA SOBRE
MULHERES PRETAS E PERIFERIZADAS BRASILEIRAS**

São João del-Rei
2024

Marina Aparecida Pacheco Leão

**SLAM DAS MINAS:
UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS DE (RE)EXISTÊNCIA SOBRE
MULHERES PRETAS E PERIFERIZADAS BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientador: Prof. Dr. Ivan Vasconcelos Figueiredo

São João del-Rei – Minas Gerais

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L437s Leão, Marina Aparecida Pacheco.
Slam das Minas: Uma análise das metáforas de
(re)existência sobre mulheres pretas e periferizadas
brasileiras / Marina Aparecida Pacheco Leão ;
orientador Ivan Vasconcelos Figueiredo . -- São João
del-Rei, 2024.
181 p.

Dissertação (Mestrado - Letras) -- Universidade
Federal de São João del-Rei, 2024.

1. Slam das Minas. 2. Análise Crítica. 3.
Metáfora. 4. Decolonialidade. I. Vasconcelos
Figueiredo , Ivan, orient. II. Título.


Marina Aparecida Pacheco Leão

SLAM DAS MINAS:

UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS DE(RE)EXISTÊNCIA
SOBRE MULHERES PRETAS E PERIFERIZADAS
BRASILEIRAS

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ivan Vasconcelos Figueiredo – UFSJ
(Presidente/Orientador)

 Documento assinado digitalmente
DANIELA DA SILVA VIEIRA
Data: 02/03/2024 14:46:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Daniela da Silva Vieira – UFJF
(Titular Externa)

Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo - UFSJ
(Titular Interno)

Prof.^a Dr.^a Nádia Dolores Fernandes Biavati
Coordenadora do PPG em Letras

Fevereiro de 2024



Emitido em 29/02/2024

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 12/2024 - CCOMS (12.43)

(Nº do Protocolo: 23122.007267/2024-22)

(Assinado digitalmente em 05/03/2024 08:07)

CLAUDIO MARCIO DO CARMO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DELAC (12.21)

Matrícula: ###441#4

(Assinado digitalmente em 04/03/2024 16:18)

IVAN VASCONCELOS FIGUEIREDO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

CCOMS (12.43)

Matrícula: ###514#8

(Assinado digitalmente em 04/03/2024 16:45)

NADIA DOLORES FERNANDES BIAVATI

COORDENADOR DE CURSO

PROMEL (13.20)

Matrícula: ###414#8

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/> informando seu número: **12**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **04/03/2024** e o código de verificação: **e8174c3d7e**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Ivan Vasconcelos Figueiredo, por provocar inquietações que me fizeram refletir. Obrigado por respeitar meu espaço, proporcionando-me a liberdade e autonomia necessárias para minha movimentação e crescimento. Ao longo deste percurso acadêmico, sua orientação foi mais do que uma simples tarefa profissional; foi uma trajetória de um contínuo aprendizado. Gostaria, assim, de expressar minha gratidão por sua dedicação, paciência e compreensão.

Agradeço a todos que contribuíram para a concretização deste trabalho. Expresso minha gratidão ao Promel e, de maneira especial, aos professores que acompanharam de perto minha jornada acadêmica. Reconheço o apoio dos secretários e servidores que estiveram no Programa durante minha trajetória como aluna. Além disso, sou grata à UFSJ por ter proporcionado minha formação universitária.

Agradeço ao Professor Cláudio Márcio do Carmo pelas valiosas sugestões e contribuições durante o exame de qualificação, bem como por expandir minha visão nos momentos em que tive o privilégio de assistir às suas aulas.

À minha família, meu eterno agradecimento. A meus pais, João e Ivone, cujo amor, apoio e sacrifícios tornaram possível cada passo deste percurso acadêmico. A minha esposa, Nadine, por ser minha companheira e fonte de inspiração constante. E ao meu irmão Guilherme, pelo incentivo de sempre.

Não poderia deixar de expressar meu reconhecimento às poetisas ativistas do Slam das Minas. Agradeço por serem faróis de esperança e por demonstrarem que a resistência, a luta e a arte podem ser instrumentos de transformação e criação de um mundo melhor.

RESUMO

O Slam das Minas é um movimento artístico-cultural e político que representa uma tentativa de criação de um espaço social de luta e resistência. Esta pesquisa se propõe a evidenciar o Slam das Minas como um movimento transgressor que questiona as epistemologias dominantes e contribui para a expansão de olhares descentralizados por meio de saberes e fazeres plurais, se constituindo, assim, como um movimento político necessário para refletir e procurar contribuir para uma sociedade mais justa e equânime. A pesquisa tem como objetivo investigar as redes de práticas sociais e discursivas em que as temáticas do Slam das Minas estão organizadas. Especificamente, o intuito é: A) analisar como as poesias do Slam das Minas promovem a visibilidade das demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais e de que forma elas se inserem em estratégias políticas mais amplas; B) explorar quais são as metáforas acionadas como fontes de modelos culturais que emergem nos "gritos por (re)existência" nas batalhas; por fim, C) debater sobre como as metáforas buscam desafiar e romper com os sistemas de opressão que afetam a (re)existência dos corpos em foco. Por meio de uma abordagem ontológica interligada ao arcabouço teórico-metodológico, promove-se, nas e por meio das zonas movediças transdisciplinares proporcionadas pela ACD, uma articulação com a decolonialidade e o feminismo negro, de modo que o objeto seja investigado nas e a partir de suas particularidades e complexidades, sendo, então, as teorias e metodologias suportes nesse percurso. O quadro teórico-metodológico é composto pelos eixos “decolonialidade” (CURIEL, 2020; LUGONES, 2020; QUIJANO, 1992, 2005); “feminismo negro”; (CARNEIRO, 2019; COLLINS, 1990, 2000; HOOKS, 2019; RIBEIRO, 2017, 2018); e “análise crítica do discurso” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2019; RESENDE, 2009; RESENDE; REGIS, 2017); assim como noções conexas de performatividade (BUTLER, 1993, 2018) e precariedade da condição humana (BUTLER, 2019). Como categoria de análise das materialidades linguístico-discursivas projetadas nas poesias do Slam, têm-se as metáforas textuais (GEE, 2001; LAKOFF; JOHNSON, 2003) e os modelos culturais (GEE, 2001). O *corpus*-amostra consiste em sete poesias selecionadas do movimento Slam das Minas e divulgadas na plataforma de vídeos on-line YouTube. Como recorte, a análise focaliza as metáforas de resistência presentes nas poesias, considerando suas relações com os modelos culturais, relações de poder e ideologia nos contextos sociais. De modo correlato, a pesquisa explora como as metáforas de resistência reagem e reescrevem práticas de opressão, mostrando a maneira pela qual essas poesias se inserem em estratégias políticas mais amplas. O estudo procura contribuir para a compreensão das pessoas e vozes marginalizadas no cenário contemporâneo, demonstrando como a linguagem poética pode atuar como forma de resistência e (re)construção de sentidos de identificação.

Palavras-chave: Slam das Minas; Análise Crítica; Metáfora; Decolonialidade.

ABSTRACT

The Slam das Minas is an artistic, cultural, and political movement that represents an attempt to create a social space of struggle and resistance. This research aims to highlight the Slam das Minas as a transgressive movement that questions dominant epistemologies and contributes to the expansion of decentralized perspectives through diverse knowledge and practices. It thus constitutes a necessary political movement to reflect on and seek contributions to a more just and equitable society. The research aims to investigate the networks of social and discursive practices in which the themes of Slam das Minas are organized. Specifically, the intention is to: A) analyze how Slam das Minas poetry promotes the visibility of black, decolonial, and intersectional feminist demands, and how they fit into broader political strategies; B) explore the metaphors employed as sources of cultural models that emerge in the "cries for (re)existence" in the battles; finally, C) discuss how these metaphors seek to challenge and break with the systems of oppression that affect the (re)existence of the bodies in focus. Through an ontological approach linked to the theoretical-methodological framework, an articulation with decoloniality and black feminism is promoted within the transdisciplinary shifting grounds provided by the Critical Discourse Analysis. This allows the object of study to be investigated in and from its particularities and complexities, with theories and methodologies serving as supports in this journey. The theoretical-methodological framework consists of the axes of "decoloniality" (CURIEL, 2020; LUGONES, 2020; QUIJANO, 1992, 2005); "black feminism" (CARNEIRO, 2019; COLLINS, 1990, 2000; HOOKS, 2019; RIBEIRO, 2017, 2018); and "critical discourse analysis" (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2019; RESENDE, 2009; RESENDE; REGIS, 2017); as well as related notions of performativity (BUTLER, 1993, 2018) and the precariousness of the human condition (BUTLER, 2019). As a category of analysis for the linguistic-discursive materialities projected in Slam poetry, textual metaphors (GEE, 2001; LAKOFF; JOHNSON, 2003) and cultural models (GEE, 2001) are used. The sample corpus consists of seven poems selected from the Slam das Minas movement and disseminated on the online video platform YouTube. The analysis focuses on the metaphors of resistance present in the poems, considering their relationships with cultural models, power relations, and ideology in social contexts. Similarly, the research explores how the metaphors of resistance react and rewrite practices of oppression, showing how these poems fit into broader political strategies. The study seeks to contribute to the understanding of marginalized individuals and voices in the contemporary scene, demonstrating how poetic language can act as a form of resistance and of (re)construction of senses of identification.

Keywords: Slam das Minas; Critical Discourse Analysis; Metaphor; Decoloniality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Momentos da prática social.....	66
Figura 2 – Metáforas e modelos culturais como um dos momentos integradores das práticas	112
Figura 3 – Imagem ilustrativa das metáforas sobre resistência projetadas no <i>corpus</i>	135
Quadro 1 – Etapas do enquadre para ACD de Chouliaraki e Fairclough (1999).....	109
Quadro 2 – Composição do <i>corpus</i> da pesquisa	114
Quadro 3 – Passos metodológicos da pesquisa	117
Quadro 4 – Dizeres de resistência/existência	122-132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
3	
1 PERSPECTIVAS AMPLIADAS: UM ENFOQUE DECOLONIAL E FEMINISTA NEGRO	19
1.1 O olhar de Lélia González em interface com a Interseccionalidade	19
1.2 Decolonialidade	24
1.3 Feminismo negro	34
1.3.1 Patriarcados	40
1.4 Poesia Marginal: É tudo nosso!	44
1.5 Considerações parciais.....	47
2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	49
2.1 Análise Crítica do Discurso: Considerações iniciais	49
2.2 Situando as redes de práticas.....	53
2.3 O problema da reflexibilidade	56
2.4 Questões da análise da conjuntura.....	59
2.5 Análise de prática particular.....	60
2.5.1 Redes de práticas relevantes.....	62
2.5.2 Relação do discurso com outros momentos da prática	66
2.6 Ação, representação e identificação.....	68
2.6.1 Modos de representar, de ser e de agir	70
2.7 Função do problema na prática, superação dos obstáculos, reflexão sobre a análise	72
2.8 Discurso como prática social: poder, ideologia e hegemonia	75
2.9 Modelos Culturais e Metáfora	88
2.10 Considerações parciais.....	105
3 ANÁLISE.....	106
3.1 A composição do <i>corpus</i> para análise	106
3.1.1 Metodologia	108
3.1.2 Procedimento da análise	114
3.2 Fase analítica	117
3.2.1 Passo 1: Um olhar sobre o problema	118
3.2.2 Passo 2: Mapeamento dos dizeres de resistência.....	122
3.2.2.1 Visão macro sobre os elementos textuais: consonâncias e dissonâncias	134

3.2.2.2 Para além das metáforas: momentos da prática.....	151
3.2.3 Passo 3: Desdobramentos da análise.....	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS.....	170
ANEXO.	176

INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental e, em particular, a brasileira, é social, histórica e culturalmente regulada por normas sociais, as quais se estabelecem pelas relações de poder, implicando em 'normalização' de determinados padrões representacionais, identitários e acionais. Nessa dinâmica, incide uma tendência de obliteração das diferenças, em que determinados corpos são, política e socialmente, marginalizados de outras vivências e colocados em condições de invisibilidade, vulnerabilidade social, silenciamento e precariedade humana.

Na medida em que os jogos de poder ocorrem no e pelo discurso (FOUCAULT, 1966), em que uma das pretensões é a regulação dos corpos, há, portanto, um direcionamento da desigualdade social para determinados grupos sociais (BUTLER, 2018; 2019). Como contorno para essa reflexão, podemos pensar nas mulheres pretas e periferizadas que compõem o Slam das Minas e contam, por meio das poesias, os descasos e as injustiças sociais desencadeados por uma história marcada pela opressão de gênero associada ao racismo, em um contexto capitalista.

A partir da perspectiva do feminismo negro, coloca-se em tela a configuração dessas condições epistêmicas de opressão e violência, bem como as possibilidades de (re)existência por parte de mulheres pretas e periferizadas. O feminismo negro também destaca que a luta pelas condições de equidade social perpassa por desvelar as condições que atravessam, de modo interligado a sociabilidade e gênero, como as categorias de raça e classe (GONZÁLEZ, 2020).

Diante desse contexto, o problema da presente pesquisa se estabelece na tentativa de discutir sobre como as redes de relações entre as práticas sociais e discursivas que permeiam as poesias visam combater e denunciar a opressão sistêmica vivida por mulheres pretas, marginalizadas e periferizadas brasileiras.

O Slam das Minas é um movimento por meio do qual mulheres lutam por um lugar que é seu por direito e afirmam seus sentidos de identificação e existência por meio das poesias. Enquanto movimento social, artístico-cultural e político, representa uma tentativa de criação de um espaço social de luta e resistência, em que os corpos e as vozes de mulheres - antes silenciadas, obliteradas e oprimidas - cultivam vivências, potências e acolhimentos. Enquanto uma intervenção artístico-cultural que promove a dessacralização do saber

acadêmico, o Slam das Minas democratiza também discussões acerca da política por meio de sentimentos e coloca em destaque aquilo que o sistema quer esconder: que as condições sociais foram criadas e politicamente induzidas a determinados grupos sociais, conforme Butler (2018). A poesia inserida dentro do Slam possibilita a vivência e união de corpos em um espaço de acolhimento e de referência para diversas vozes que foram e são silenciadas pela sociedade. Torna-se, também, uma fonte de reflexão social, cultural e política ainda necessária na contemporaneidade.

Partimos da perspectiva de que as temáticas tratadas pelo Slam das Minas (racismo, machismo, desigualdade social, dentre outras) auxiliam, portanto, para reconhecer e resistir as naturalizações e as condições direcionadas (social e politicamente) de precariedade humana, bem como denunciar as condições de opressão e são alicerces no combate das desigualdades. Falar sobre esses temas não é somente importante, mas é urgente e fundamental.

A incitação por pesquisar o tema surge pela inquietação de conhecer produções femininas de grupos periferizados e pelo desejo de ouvir o que as ruas “falam”. Ao contemplar essa intervenção social e artística, é provocado o desconforto necessário ao próprio sistema de produção de conhecimentos acadêmicos.

Dessa forma, esta pesquisa pretende colaborar para que corpos plurais sejam inseridos e reconhecidos nas esferas dos saberes e fazeres cotidianos e acadêmicos e para que a voz de mulheres pretas e marginalizadas sejam, a cada dia, mais reconhecidas, legitimadas e proliferadas em diferentes espaços – sociais, políticos e culturais.

De modo correlato, o presente estudo procura instaurar um olhar e chaves de leitura em diálogos com perspectivas acadêmicas do Sul Epistemológico. Ao realizar um movimento epistemológico de procurar privilegiar as vozes de mulheres, pesquisadoras, ativistas e também não ativistas do Sul Epistemológico em contraste com os teóricos do campo, marcamos uma proposta de giro decolonial para esta pesquisa. Considerar a perspectiva de diálogos entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) com saberes do Sul Epistemológico proporciona uma abordagem interdisciplinar que vai além das fronteiras disciplinares tradicionais, tal como ocorre na linguística aplicada indisciplinar (LOPES, 2006), traçando uma abordagem crítica, reflexiva e socialmente engajada.

Após mapeamento no Catálogo¹ de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), outros trabalhos que abordassem a temática do Slam das Minas, foi possível notar que não há muitos estudos que abordam esse movimento como objeto analítico. Três teses (FREITAS, 2018; GAMA, 2019; JESUS, 2021) assumiram um papel de muita relevância, tanto por nos mostrarem outras direções possíveis no estudo do tema, como por ampliarem os nossos conhecimentos teóricos sobre feminismo, periferia e discurso. Outros trabalhos, mesmo que interessantes, não abordaram o Slam das Minas ou outras ramificações do Slam como objeto principal, ou foram em direções análogas, por caminhos arquitetônicos, geográficos e tecnológicos, o que não acrescentou, em termos metodológicos e teóricos, para esta pesquisa.

Freitas (2018) parte de um debate sobre as relações entre poesia, cidadania e insurgência em São Paulo. Por meio das reflexões construídas pela autora, o slam aparece como movimento e poema, sendo uma potência de transformação das condições de produção e reprodução da poesia, expandindo os seus significados e resistindo aos conceitos que colocam a poesia em uma esfera acadêmica e formalizada, não englobando práticas que nascem das ruas e das periferias.

Assim como neste trabalho, Freitas² (2018) analisa a poesia de uma mulher, mas que participa de uma outra vertente do Slam, não sendo o Slam das Minas. A autora também investiga a poesia com o intuito de relacioná-la com as noções de performance e cidadania, abordada pela autora em todo o trabalho.

Já Gama(2019), por sua vez, realiza uma pesquisa de extrema relevância, não apenas por evidenciar as tantas ramificações do *Poetry Slam* (Poesia Slam) e as conexões de falas que os movimentos proporcionam para muitas pessoas que outrora foram silenciadas, mas também pela realização de uma análise que contribui para reforçar a importância dessas manifestações culturais à afirmação identitária de um grupo e à ampliação dos lugares de

¹ O catálogo de teses utilizado para a pesquisa pode ser encontrado através do link: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. As palavras-chave para a busca das dissertações foram: slam das minas, poesia, batalhas de poesias.

² Freitas (2018) apresenta que, no slam, poesia, cidadania e performance estão interligadas, sendo práticas dialéticas e constitutivas. O foco da pesquisa de Freitas (2018) consiste em evidenciar essa relação; o mesmo não se aplica ao presente trabalho. Desta forma, apesar de transitar por caminhos análogos no que diz respeito ao movimento slam, ambos os trabalhos se distanciam por não abordarem o mesmo foco de pesquisa e a mesma vertente do movimento.

fala. O trabalho de Gama (2019) consiste em retratar os movimentos dos Slams que atravessam uma cidade específica, neste caso, a cidade de Salvador³/BA, abordando, para tanto, os Estudos de Performance. A pesquisadora utilizou técnicas de observação e, também, entrevistas realizadas com os participantes dos movimentos. O objetivo do trabalho foi o de compreender o papel e a importância dos movimentos do Slam para as comunidades periféricas, buscando entender como essa ferramenta artística e performática contribui para a construção de um olhar crítico e poético nas órbitas da cidade de Salvador/BA.

Dito isso, o trabalho de Gama⁴ (2019) tece um diálogo com o presente trabalho por se tratar de um espaço que visa salientar a significativa presença de movimentos artísticos periféricos para a nossa sociedade, que têm a urgência de promover a escuta de vozes apagadas e distorcidas por estereótipos histórico-sociais.

Outra pesquisa que contribuiu para a construção deste trabalho foi desenvolvida pela pesquisadora Jesus (2021). De acordo com o trabalho elaborado pela autora, o Slam das Minas BA (Bahia) se constitui como um espaço propício para a celebração da voz, para a luta contra os poderes hegemônicos e para a afirmação de sentidos de identificação de sujeitos que querem mostrar quem são por meio de seus próprios discursos, reivindicando, assim, novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Jesus (2021) busca, a partir das análises da atuação das *slammers* nas batalhas do Slam das Minas BA, identificar aspectos transformadores que evidenciam o movimento como insubmisso e resistente perante as divergências sociais que incriminam e silenciam os corpos de mulheres negras - sujeitos que são o foco das análises da autora. Jesus (2021) desenvolveu uma análise documental ancorada no âmbito performático e bibliográfico, onde conseguiu estabelecer um elo entre as temáticas poéticas com a vida das mulheres negras, de modo a se aproximar ⁵desta pesquisa, já que tratamos do mesmo movimento: o *Slam* das Minas.

³ Apesar de a maioria das poesias selecionadas para análise acontecerem em movimentos situados no Rio de Janeiro e em São Paulo (fato decorrente ao maior número de conteúdos disponibilizados nas plataformas digitais serem do Slam das Minas RJ e do Slam das Minas SP).

⁴ Entretanto, há determinadas diferenças: a pesquisa de Gama (2019) tem como objeto a cidade de Salvador e aborda diferentes Slams. Por outro lado, este trabalho não possui uma limitação geográfica. Uma outra característica é que esta pesquisa é centralizada no movimento Slam das Minas, abordando outros Slams apenas para sintetizar ou exemplificar algum argumento inerente.

⁵ Entretanto, esta pesquisa traz como ineditismo uma proposta de Estudos Críticos de Discurso decolonial e interseccional para a análise das metáforas, consideradas aqui articuladas aos demais momentos das práticas e

Com isso, notamos a complexidade que envolve a temática aqui tratada, sendo necessário considerar o imbricamento de questões para além de equidade de gênero, tais como raça, classe, sexualidade. Este estudo, fundamentado na interseccionalidade, reconhece as assimetrias presentes nas diversas lutas das mulheres. Em resumo, o Slam das Minas é considerado um espaço de ruptura, contraposição à hegemonia e de resistência, e essa luta política também se estende às teorias e metodologias acadêmicas que o abordam.

Muitas inquietações surgiram durante o processo de análise, sendo elas:

- Como a poesia do Slam das Minas se torna uma forma de resistência política e de construção de modelos culturais de contraposição, promovendo a articulação de demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais na sociedade contemporânea?
- Quais são as metáforas sobre resistência e (re)existência materializadas nas poesias?
- Quais as consonâncias e dissonâncias nas metáforas projetadas sobre as temáticas vinculadas ao resistir?
- De que forma as metáforas presentes nas poesias revelam indícios de modelos culturais mestres e modelos culturais de contraposição?
- De que modo as metáforas podem atuar como respostas e reescritas sobre práticas de opressão na (re)existência dos corpos?

Como objetivo geral, a pesquisa investiga as redes de práticas sociais e discursivas em que as temáticas do Slam das Minas estão organizadas. Especificamente, (I) analisa-se como as poesias do Slam das Minas promovem a visibilidade das demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais e de que forma elas se inserem em estratégias políticas mais amplas; (II) exploram-se quais são as metáforas acionadas como fontes de modelos culturais que emergem nos "gritos por (re)existência" nas batalhas; (III) debate-se sobre como as metáforas buscam desafiar e romper com os sistemas de opressão que afetam a (re)existência dos corpos em foco.

aos modelos culturais. Ou seja, os sentidos de identificação das mulheres - pretas, marginalizadas e periferizadas, brasileiras e localizadas espacialmente no Sul Epistemológico, em condições de precariedade humana e de não lugar de fala social e político, se distanciando do trabalho de Jesus (2021).

Procuramos estabelecer um quadro analítico próprio para o objeto de pesquisa desta dissertação, considerando justamente o grau de abertura transdisciplinar da ACD, inspirados em questões orientadoras tal como propõe Acosta (2018), de modo a considerar as complexidades envolvidas nas questões de gênero, raça e colonialidade. Como ponto de partida, temos a Análise de Conjuntura, proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), em interface com estudos do Feminismo Negro, da Interseccionalidade e da Decolonialidade, visando problematizar, complementar e expandir os ferramentais analíticos e o bojo teórico da ACD. Como lente para as materializações linguístico-discursivas, estabelecemos as categorias analíticas de metáforas textuais e modelos culturais de Gee (2001).

No primeiro capítulo, destacamos conceitos caros para o presente trabalho, tais como decolonialidade, interseccionalidade e feminismo negro, atrelados a uma discussão sobre o(s) patriarcados/machismo, na medida em que esses elementos sustentam a colonialidade e as relações hegemônicas de dominação. Também colocamos em tela evidências a respeito do movimento Slam das Minas e sua relação com a periferia e a Poesia Marginal, visto que essas temáticas se entrecruzam nas poesias e nas vozes das poetisas ativistas.

No segundo capítulo, trazemos considerações sobre a ACD concomitantemente com importantes conceitos que perpassam sobre o tema desta dissertação, tais como: ideologia, poder e hegemonia. Também destacamos o conceito de modelos culturais e de metáfora, que serão bases para os momentos analíticos. Posteriormente, no terceiro capítulo, apresentamos os passos metodológicos e realizamos a análise das metáforas projetadas nas poesias selecionadas, as suas vinculações aos demais momentos das práticas e aos modelos culturais, assim como as redes de práticas envolvidas.

Na conclusão desta pesquisa, emergem reflexões sobre as formas criativas por meio das quais as metáforas e os modelos culturais atuam como agentes de resistência e reexistência contra práticas de opressão. A análise das metáforas utilizadas pelas poetisas ativistas do Slam das Minas revela não apenas a complexidade das experiências de opressão, mas, sobretudo, a resistência, o senso de identificação, de representação e de agência das poetisas ativistas. Este estudo não apenas destaca a importância das metáforas e dos modelos culturais como ferramentas de subversão e poder, mas também ressalta o papel fundamental do Slam das Minas como um espaço de reescrita de discursos e de criação de sentidos de identificação. Ao final desta jornada analítica, fica claro que as metáforas não se constituem

apenas em palavras, mas são manifestações vivas de uma luta contínua por dignidade, justiça e igualdade. Esta conclusão não apenas encerra um capítulo de pesquisa, mas também abre portas para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais, além de inspirar futuras investigações sobre o poder transformador manifestado nas batalhas poéticas do Slam das Minas.

1 PERSPECTIVAS AMPLIADAS: UM ENFOQUE DECOLONIAL E FEMINISTA NEGRO

A presente seção tem como intuito principal apresentar um breve panorama referente a conceitos pertinentes para o nosso trabalho, visto que a ACD é uma abordagem teórico-metodológica para os estudos de discursos e, por meio do viés crítico, torna-se uma importante ferramenta para o rompimento das naturalizações de representações, crenças e paradigmas sociais que sustentam estruturas de dominação e contribuem para a opressão sistêmica. No entanto, é importante reconhecer que essa abordagem também possui algumas limitações diante as discussões aqui propostas, em especial, quando tratamos de problemáticas de opressão que estão interligadas a raça, gênero, classe, sexualidade, dentre outras. Deste modo, será tratado, nos subitens, especificidades a respeito da interseccionalidade, feminismo negro e decolonialidade, respectivamente, uma vez que essas temáticas nos dão suporte para olhar outros horizontes.

1.1 O olhar de Lélia González em interface com a interseccionalidade

A interseccionalidade é uma ferramenta analítica importante por se afastar de um olhar centralizado, mirado em apenas uma questão e se esquivando de todas as outras. Conforme Collins e Bilge (2020), as relações de poder estão intrinsecamente conectadas com a interseccionalidade de raça, gênero e classe. As autoras aludem que, ao envolver os sentidos de identificação individual à interseccionalidade, um novo sentido surge, enxergam-se os sentidos de identificação como algo que se constrói, sendo exercida de maneira diferente, a depender do contexto social. Dessa forma, não se trata de algo já dado, moldado e acabado, mas sobre algo em construção.

Há diferentes definições para a interseccionalidade. Segundo Collins e Bilge (2020, local 9), “a interseccionalidade é uma importante ferramenta analítica oriunda de uma práxis-crítica em que raça, gênero, sexualidade, capacidade física, status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são construtos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais”. A interseccionalidade moldura o quebra-cabeça em que pedaços soltos como os fragmentos da desigualdade de raça, gênero, sexualidade, classe e outros tantos, se encaixam uns nos outros.

Collins (2022) apresenta a teoria interseccional como uma ferramenta potente para a compreensão das múltiplas opressões e desigualdades que afetam os sujeitos em suas vivências; a autora aborda a necessidade de uma análise crítica dessas interações para, assim, abrir caminhos de transgressões políticas e sociais que visam à justiça. Afinal, "Enxergar os problemas sociais causados pelo colonialismo, pelo racismo, pelo sexismo e pelo nacionalismo como interconectados conferiu uma nova perspectiva às possibilidades de mudança social" (COLLINS, 2022, p. 15). Além de reconhecer a interseccionalidade como ferramenta essencial para enxergar e buscar formas de solucionar práticas de opressão, a autora percebe a complexidade que abarca o termo interseccionalidade.

A complexidade apontada pela autora pode ser explicada pelo termo interseccionalidade que vem sendo apropriado e utilizado de uma maneira superficial, muitas vezes esvaziando sua potencialidade crítica e política. Collins (2022) defende que é necessário considerar a história, origem e o contexto em que a interseccionalidade foi desenvolvida para observar sua complexidade e significado.

Para Collins (2022), a interseccionalidade não é apenas uma teoria, mas uma prática política e de resistência. Nessa perspectiva, a interseccionalidade é defendida como uma teoria social crítica que objetiva investigar múltiplas dimensões de senso de identificação e as interações que as interpelam, possibilitando uma análise mais próxima diante as relações de poder que afetam certos grupos sociais.

Crenshaw (1991), precursora do termo interseccionalidade, identifica a discriminação racial e a discriminação de gênero, no âmbito de como essas discriminações operam juntas, comprovando a dificuldade que trazem às mulheres pretas para alcançar o êxito e sucesso profissional, pessoal e social. Em vista disso, vemos que as imbricações de aspectos de sentidos de identificações são articuladas e agem em interação. Uma mulher negra não está em um

lugar no qual pode se considerar somente como mulher, nem somente enquanto negra, pois, por se ser mulher e por se ser negra, vive uma vida que uma mulher branca ou um homem negro não vivencia, como afirmado em González (2020).

Nessa direção, Daves (2016) elucida o conceito de interseccionalidade ao ilustrar as interpelações de cada palavra que operam e se significam mutuamente. A autora problematiza o modo em que o sistema opressor se estrutura em nossa sociedade, baseada nas questões de raça, sexualidade e classe, e analisa as formas em que essas opressões se entrecruzam, comprovando a posição de desprestígio e injúria social das mulheres negras, que estão na base da pirâmide social.

Lélia González, na década de 1970, já apontava a interseccionalidade mesmo sem utilizar o termo, em suas obras. A autora refletia sobre a discriminação não ser baseada apenas em uma única forma de opressão, mas sim em várias formas interligadas, como raça, gênero, classe, sexualidade e outras. González defendia a importância de levar em conta essas múltiplas formas de opressão em lutas sociais e políticas.

A autora pode ser considerada uma das mais importantes referências diante das discussões sobre interseccionalidade no Brasil por defender que a discriminação e a opressão não são baseadas em uma única forma de opressão, mas sim em várias formas interligadas, via esse imbricamento como uma forma de compreender a maneira que diferentes formas de opressão se cruzam e se interconectam, criando situações de discriminação e exclusão múltiplas. Além disso, González (2020) argumenta que a luta contra a opressão deveria levar em conta essas múltiplas formas de opressão e buscar abordar as questões específicas enfrentadas por cada grupo.

González abordou a questão da interseccionalidade em diversos de seus escritos, destacando a importância de se considerar a complexidade da experiência de vida das mulheres negras. No texto "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira" (1984), por exemplo, a autora aborda uma discussão de como as mulheres negras são afetadas por uma rede de opressões, em que o racismo e o sexismo operam juntos e se interconectam para produzir uma realidade de exclusão e opressão.

Quando González (2020, p. 67-68) diz que "Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular", a

autora aborda, justamente, o entendimento do que hoje chamamos de interseccional. Dessa maneira, a luta contra as opressões existentes na sociedade está interconectada, sendo necessário considerar as diversidades das experiências e dos sentidos de identificações das pessoas.

Quando ignoramos os atravessamentos interseccionais presentes na vida dos indivíduos sociais, perdemos a oportunidade de compreender as questões que esses indivíduos enfrentam. Lugones (2020) utiliza o termo “cegueira epistemológica” para problematizar, além de outras questões, a ideia de não ser possível enxergar a proporção de uma violência, quando se separam categorias de raça, gênero, classe e sexualidade. Precisamos, desta maneira, de uma visão integrada para visualizar o todo complexo e entender como se articulam os emaranhados que projetam modos de representar, ser e estar no mundo. Segundo Lugones (2020, p. 66), “A interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra”.

Por seu turno, Saffioti (2019, p. 155) constrói seu discurso a fim de evidenciar, entre outras coisas, que sujeito e objeto são construções de relações sociais historicamente situadas. Dessa forma, “homens e mulheres fazem a história, produzindo objetivações através de suas práticas sociais e, simultaneamente, apropriando-se de seus resultados, isto é, reapropriando-se subjetivamente da história que fazem”, de modo a constar que a subjetividade é concebida por meio das relações sociais.

Com Saffioti (2019), vemos que o sujeito é interpelado pelo gênero, classe e raça/etnia. Ousamos acrescentar ainda, conforme os estudos realizados a partir da decolonialidade, que os sujeitos também são interpelados pelos lugares geopolíticos dos quais fazem parte, tornando-se, dessa forma, sujeitos múltiplos, uma vez que são atravessados por mais de um sentido de identificação. A autora, ao direcionar os estudos no campo da violência e opressão, afirma a não dicotomia entre vítima e algoz; o que há, de fato, são relações instituídas pela violência, isto é, mesmo quando vítima, ainda é sujeito, com todas as suas multiplicidades. Assim como a autora insiste em lembrar, torna-se necessário dizer que as mulheres são vítimas da violência de gênero; entretanto, isso não significa que são insubmissas.

A autora, então, aciona a interseccionalidade quando fala do entrelaçar de gênero, raça/etnia e classe, sendo que, essas três características são faces de sentidos de identificação sociais. A título de ilustração, ser mulher preta periferizada na sociedade brasileira pressupõe, também, ser pobre. As clivagens de gênero e de raça, quando conectadas, evidenciam eixos de estruturação das relações estabelecidas socialmente em termos de classe. “Com efeito, cruzando-se rendimento, sexo e cor, verificou-se que, sempre em relação ao rendimento médio do homem branco, a mulher branca recebia, em média, 55,3%, o homem negro, 48,7% e a mulher negra, 27,6%” (SAFFIOTI, 2019, p. 157). Percebemos, assim, que os sentidos de identificação quando postos em conjunto, evidenciam a opressão sistêmica de nossa sociedade, que prestigia um grupo em detrimento de outro (BUTLER, 2018; 2019). No âmbito desse debate, vemos que só é possível articular uma luta transformadora em conjunto, isto é, em harmonia com o coletivo que compartilham interesses semelhantes.

As reflexões sobre a práxis interseccional direcionam fundamentos pertinentes para assimilarmos as relações entre os diferentes corpos sociais, especificamente, para compreendermos os emaranhados sociais que atravessam o corpo da mulher preta, marginalizada e periferizada. As categorias sociais movem a dinâmica da sociedade, podendo, sobretudo, determinar a maneira que essa interação social funciona. As relações de poder interseccionais usufruem de condições identitárias como gênero, classe e raça para imporem certos padrões sociais que visam colocar determinados grupos na margem, enquanto outros grupos usufruem de todos os benefícios sociais.

Dito isso, por meio de uma perspectiva interseccional, é possível analisar como as relações de poder são exercidas e de que maneira esses poderes são estabelecidos nas interações sociais. Como ressaltado por Collins (2022, p. 39), “(...) a justiça social é parte inerente da interseccionalidade e que fazer o estudo interseccional é, de certa forma, o mesmo que trabalhar pela justiça social”.

Ademais, quando observamos os eixos identitários, podemos diferenciá-los como características de poder ou de subordinação, interseccionados não somente nos sentidos de identificações, mas na forma de representação. Nesse raciocínio, a articulação de eixos identitários estimula a uma maior ou menor concentração de ações discriminatórias.

Por efeito, fica evidente que a ACD pode ser complementada mediante as demandas dos diferentes objetos de pesquisa, tendo em vista que se constitui como uma síntese movediça de teorias, como está em Chouliaraki e Fairclough (1999).

Carvalho (2018) aborda a temática da ACD e seu uso como instrumento de análise de discursos que perpetuam opressões e desigualdades sociais. A autora discute a interseccionalidade como um dos principais eixos para a ACD, considerando que os sentidos de identificações sociais são interdependentes e se inter-relacionam, contribuindo para a construção das relações de poder e dominação. Carvalho (2018, p. 71) segue uma abordagem metodológica que visa "(...) propor uma metodologia que parta da identificação de discursos de reexistência que desarticulem a matriz colonial e promovam outras formas de ser, de saber e de poder e não dos problemas sociais, aqui admitidos (...)".

Essa abordagem nos parece interessante por destacar os modos de ser, representar e identificar atribuídos pelas poetisas ativistas do Slam das Minas, isto é, ao invés de olhar para o discurso opressor, explorador e dominador vinculado à matriz colonial, branca e masculina, serão enfatizadas não as opressões sociais, mas a maneira como essas mulheres se posicionam, resistem e reexistem a partir de suas posições em sociedade. Dessa forma, ao desfocar o discurso do opressor e direcionar os discursos centrais às falas antihegemônicas, teremos em destaque uma perspectiva decolonial.

As poesias manifestadas no Slam das Minas são evidências que comprovam que os movimentos sociais, culturais, artísticos e políticos constituem um papel importante em resposta e combate aos padrões desiguais, machistas e racistas de uma sociedade que, muitas das vezes, ignora essa realidade. Portanto, o Slam das Minas é um movimento interseccional que procura colaborar para a ruptura do poder dominante e que performa a essência interseccional de misturas de sentidos de identificação que atravessam os corpos e as vozes das poetisas ativistas e interlocutoras.

1.2 Decolonialidade

A decolonialidade nos diz que é necessário analisar a materialidade em pauta sobre outras fontes. Portanto, ao constatar, por exemplo, a forma como a representação do machismo foi posta nas poesias, a maneira como a mulher teve a voz abafada, serão

explicados os atravessamentos e condicionamentos, por meio de teorias latino-americanas do feminismo, do que foi dito daquela forma e não de outra.

Um dos percussores do entendimento decolonial é o estudioso peruano Aníbal Quijano, conhecido por ter apresentado o conceito de "colonialidade do poder", noção de peso para as questões aqui debatidas.

Quijano (2005) sintetiza que a globalização se iniciou a partir da constituição da América e do capitalismo moderno e eurocentrado enquanto um padrão de poder instituído mundialmente. Um dos eixos desse padrão de poder é a ideia de raça – a qual se perpetua até hoje como consequência de um passado colonial. O autor discute justamente os encadeamentos da colonialidade do poder na América Latina. Conforme Quijano (2005, p. 117), foi justamente neste momento que “[...] raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população”.

Diferenças fenotípicas como a cor, o cabelo e os traços viraram aspectos de categorias raciais. Podemos afirmar que o fator raça deu início à estrutura de poder da sociedade a partir do período colonial. Ainda mais, a raça, em um contexto capitalista, foi relacionada à divisão de trabalho, em que ofícios nobres foram destinados aos europeus, na medida em que os negros foram escravizados. No limiar dessa discussão, a raça dominante – os brancos e, mais adiante, os europeus, classificaram, também, outros aspectos de senso de identificação a fim de dividir certos grupos para certos tipos de trabalho – trabalho pago para os brancos, trabalho não pago para os demais grupos inferiorizados.

Em outros termos, a distribuição de trabalho acontecia de acordo com a raça. Não é difícil atrelar esta questão com os dias de hoje: basta questionar as razões pelas quais um negro possui um salário mais baixo do que um branco pela mesma posição ocupada, ou, quando se torna mais difícil, para indivíduos negros, ocuparem cargos superiores e saírem de trabalhos precarizados.

Quijano (2005) não menciona a questão de gênero, assim como questionado por Lugones (2020), mas sabemos que há um campo de força que também opera sobre a mulher, inferiorizando-a, negando espaços de formação e empregos prestigiados socialmente, além das questões do trabalho doméstico, que falaremos mais adiante. Assim, além da raça, o gênero também é uma intersecção que afeta os setores profissionais.

O controle da distribuição trabalhista fez com que a Europa adquirisse maior capital e maior recurso de produção e distribuição, tornando-se, assim, o coração do mundo capitalista. A Europa, além do domínio do capitalismo mundial, impôs o domínio colonial sobre as outras esferas globais, reduzindo os aspectos culturais, históricos e experienciais em contorno dos padrões europeus. Dessa forma, Quijano (2005) fala sobre o processo de re-identificação histórica em detrimento do colonialismo como padrão de poder.

Como insistimos, na trajetória desta pesquisa, em afirmar a importância de considerarmos a resistência dos grupos oprimidos, enfatizamos que, na América Latina, sempre houve resistência intelectual contra a hegemonia eurocêntrica. Conforme Quijano (2005), uma das alegações que comprovam a oposição contra-hegemônica foi o de que a modernidade é um acontecimento para além do continente europeu.

A modernidade, além de dizer a respeito das ideias, conceitos, avanços e racionalidades, também se fundamenta pelo momento histórico em que abarca processos de “[...] relações sociais, materiais e intersubjetivas, cuja questão central é a libertação humana como interesse histórico da sociedade e também, em consequência, seu campo central de conflito” (QUIJANO, 2005, p. 123).

Ainda de acordo com o autor,

[...] foi decisivo para o processo de modernidade que o centro hegemônico desse mundo estivesse localizado na zona centro-norte da Europa Ocidental. Isso ajuda a explicar por que o centro de elaboração intelectual desse processo se localizará também ali, e por que essa versão foi a que ganhou a hegemonia mundial. Ajuda igualmente a explicar por que a colonialidade do poder desempenhará um papel de primeira ordem nessa elaboração eurocêntrica da modernidade. Este último não é muito difícil de perceber se se leva em consideração o que já foi demonstrado antes, o modo como a colonialidade do poder está vinculada com a concentração na Europa do capital, dos assalariados, do mercado de capital, enfim, da sociedade e da cultura associadas a essas determinações. Nesse sentido, a modernidade foi também colonial desde seu ponto de partida. Mas ajuda também a entender por que foi na Europa muito mais direto e imediato o impacto do processo mundial de modernização (QUIJANO, 2005, p. 125).

Desse modo, na modernidade também se perpetua o conflito de interesses. A Europa, como centro capital e colonial do mundo, evidencia as dessemelhanças do desenvolvimento da modernidade em comparação com outros lugares do mundo. A Europa centralizada foi constituída pela exploração e pelas questões mercantis e capitalistas advindas do escravismo, dominação e distribuição do trabalho na América, que tinham como objetivo o crescimento

do capital e do mercado mundial. A colonização gerou impactos também nos sentidos de identificação de diferentes grupos sociais, os quais foram reduzidos em prol do pensamento de superioridade europeu. Todo esse processo colonial fez com que nossa imagem refletisse para o outro e para nós mesmos de maneira distorcida, tendo, como um dos fatores preocupantes, a dificuldade de nos identificar e de solucionar os nossos próprios interesses, consensos e questões, visto que ainda carregamos um olhar distorcido daquilo que somos e daquilo que nos pertence.

Não é, pois, um acidente que tenhamos sido, por enquanto, derrotados em ambos os projetos revolucionários, na América e em todo o mundo. O que pudemos avançar e conquistar em termos de direitos políticos e civis, numa necessária redistribuição do poder, da qual a descolonização da sociedade é a pressuposição e ponto de partida, está agora sendo arrasado no processo de reconcentração do controle do poder no capitalismo mundial e com a gestão dos mesmos responsáveis pela colonialidade do poder. Conseqüentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos (QUIJANO, 2005, p. 138-139).

Quijano (2005) pontua a potência de uma luta decolonial enquanto chave de mudança e retratação histórica para a construção de um enredo escrito pelas nossas palavras, para nos identificarmos por aquilo que nós somos e não por projeções feitas pelos responsáveis da colonialidade do poder. Sabemos, no entanto, as pluralidades e interfaces que contornam o processo de identificação. Por isso, vamos refletir sobre as relações decoloniais implicadas em outras questões.

Curiel (2020) evidencia que o conceito de decolonialidade visa refletir sobre as nuances históricas e políticas de nossa sociedade a partir de arquétipos que fogem do colonialismo – ou seja, do padrão hierárquico dominante. Com as contribuições concedidas pela autora podemos visualizar a relação entre a decolonialidade com a interseccionalidade e o feminismo negro, uma vez que Curiel (2020) aplica em seus estudos o feminismo decolonial, cujo a proposta se direciona em observar o entrelaçar de raça, sexo, classe e lugar geopolítico social, entre outras interfaces que condicionam os indivíduos de uma sociedade. Segundo Curiel (2020),

Essas propostas, feitas principalmente por feministas indígenas e de origem indígena, afrodescendentes, populares, feministas lésbicas, entre outras, têm questionado as formas como o feminismo hegemônico, branco, branco-mestiço e com privilégios de classe entende a subordinação das mulheres, a partir de suas

próprias experiências situadas, reproduzindo o racismo, o classismo e o heterossexismo em suas teorias e práticas políticas (CURIEL, 2020, p. 140).

Dessa forma, o feminismo crítico, negro e decolonial problematiza as entranhas de uma história feminista que excluiu e silenciou mulheres que não eram brancas, burguesas, heterossexuais e binárias, a fim de construir um feminismo fomentado em, de fato, buscar a equidade para todas as mulheres. Com isso, há uma crítica pautada nas práticas e teorias feministas que apontam para a necessidade da decolonialidade na interface deste processo,

uma vez que, se o feminismo negro descarta as interseccionalidades que abraçam as pluralidades de corpos femininos (raça, sexo, sexualidade e geopolítica), reproduziria erros do passado e não abarcaria as complexidades necessárias para a análise do presente trabalho. Nesse sentido, o feminismo foi questionado por trazer um olhar binário e “cis-cêntrico” para a noção de gênero, por universalizar os corpos e desconsiderar as distintas experiências de mulheres pretas, homossexuais, não binárias, pobres e subalternizadas. Dito isso, justificamos a abordagem de um olhar do feminismo negro e decolonial em nossa pesquisa.

O âmbito decolonial feminista funciona em conjunto com a interseccionalidade por compreender que “tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno” (CURIEL, 2020, p. 154). Sendo assim, além de visualizar tais diferenças, situadas no campo da colonialidade do poder, do saber e do ser, é necessário relacioná-las ao sistema capitalista moderno e colonial. Por isso, é imprescindível, ao falar sobre interseccionalidade, abordar o feminismo decolonial e vice-versa.

O feminismo decolonial, revelado por Curiel (2020), recupera conceitos importantes da proposta decolonial. O conceito de decolonialidade, por exemplo, pode ser entendido quando pensamos na divisão de trabalho, bem como na hierarquização étnico-racial, que não foram extintas após o que chamamos de colonialismo. “O que aconteceu, ao contrário, é uma transição do colonialismo moderno à colonialidade global” (CURIEL, 2020, p. 146). A partir disso, podemos analisar as relações globais e locais.

Nas palavras da autora, inspirada nas reflexões de Henrique Dussel⁶,

⁶ Obras referenciadas:

[...] a modernidade ocidental eurocêntrica, o capitalismo mundial e o colonialismo são uma trilogia inseparável. A América é um produto da modernidade na construção de um sistemamundo; a Europa, para constituir-se como centro do mundo, a produziu como sua periferia desde 1492, quando o capitalismo se faz mundial, através do colonialismo. Com essa visão eurocêntrica, a modernidade ocidental promove-se como emancipadora, como uma utopia, como o mito que definiu a superioridade dos europeus sobre os outros, que ela considera bárbaros, imaturos e necessitados de ajuda para se desenvolver, inclusive através da guerra e da violência, e colocando-os como culpados de sua própria vitimização. É assim que essa relação entre modernidade-colonialismo e capitalismo mundial cria um padrão mundial de poder, que o peruano Aníbal Quijano chamou de colonialidade do poder, outro conceito importante resgatado pelo feminismo decolonial (CURIEL, 2020, p. 147).

Em outras palavras, a modernidade do ocidente euro-centrado, o capitalismo e o colonialismo são condições conjuntas e condicionadas, um tripé que sustenta e molda o mundo – canalizado no continente europeu. Contudo, a noção “colonialidade do poder” proposta por Quijano (2005), diz respeito às interações sociais de dominação e subordinação, em que determinado grupo detém do saber e do poder sobre os outros. Ainda de acordo com Curiel (2020, p. 148),

Isso está ligado à noção de humanidade imposta pela modernidade ocidental, iniciada nos debates sobre os índios e negros serem ou não humanos. As fêmeas e machos colonizados não eram mulheres nem homens, nem eram consideradxs humanxs. Sobre esse aspecto, o porto-riquenho Nelson Maldonado Torres propõe o conceito de colonialidade do ser, outro conceito importante retomado pelo feminismo decolonial, em que a humanidade de certas populações (sobretudo indígenas e afrodescendentes) é negada por ser considerada um obstáculo para a cristianização e para a modernização.

Além da colonialidade do ser, outro conceito pertinente considerado pelo feminismo decolonial é a colonialidade do saber. Não é difícil perceber, por meio dos próprios espaços acadêmicos, por exemplo, a valorização de conhecimentos vindos do Norte Epistemológico

DUSSEL, Henrique. “Más allá del eurocentrismo: el sistema-mundo y los límites de la modernidad”. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GUARDIOLA-RIVERA, O.; MILLAN, C. (orgs.). **Pensar (en) los intersticios**. Teoría y práctica de la crítica poscolonial. Bogotá: Instituto de Estudios Pensar. Universidad Javeriana, 1999. Faltam as páginas.

DUSSEL, Henrique. “Europa, modernidad y eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2003.

em comparação com produções do Sul Epistemológico. A primeira segue sendo mais valorizada e visibilizada em termos mundiais.

Resende (2019) afirma que os saberes e conhecimentos têm uma validação situada; sendo assim, a autora critica o fato de que quando a fonte é europeia recebe um prestígio que não necessariamente corresponde ao conteúdo em si, e sim, ao lugar em que foi produzido. Nesse cenário, a autora busca comprovar que construímos nossos sentidos de identificação, enquanto analistas de discurso latino-americanas, por meio de representações que, muitas das vezes, são inferiorizadas. Fatores que não são meros acasos, mas, como sabemos, são ideológicos e discursivos. Torna-se necessário, portanto, que produções latino-americanas precisem de validações estrangeiras para serem reconhecidas, gerando uma baixa autoestima científica e acadêmica.

Em síntese, o colonialismo é como uma dominação epistemológica por exilar certos saberes em detrimento de outros, inserindo-os em um espaço de subalternidade. É por meio da validação determinada pelos indivíduos em relação às práticas sociais que certos saberes se tornam evidentes em uma sociedade. Podemos afirmar, assim, que a decolonialidade é um movimento de contraposição ao colonialismo.

A colonização buscou formas de homogeneizar a humanidade, afetando a diversidade cultural e as mais distintas formas de se olhar para o mundo. Para além disso, conduziu à omissão dos saberes e costumes de nações colonizadas. Portanto, quando pensamos em termos de poder e saber, o colonialismo se torna manifesto.

Traçando uma analogia próxima ao nosso caminho de pesquisa, Resende (2019) aponta que os estudos discursivos seguem duas linhas: análise de discurso francesa e anglo-saxã. Trazendo esse contexto, percebemos a colonialidade no campo de saber e as problemáticas implicadas a analistas de discurso situados em fronteiras geográficas subalternizadas socialmente.

Nessa vertente, há três caminhos que devemos decolonizar: o saber, o poder e o ser. Referenciando estudiosos do assunto, a autora nos diz que colonialidade é constituída por padrões de poder estabilizados que se reproduzem em diversas vertentes sociais, culturais, educacionais e políticas, inclusive, no senso comum. Por esse motivo, “a realidade não pode ser reduzida ao que existe”, porque precisa incluir “as realidades ausentes por via do

silenciamento, da supressão e da marginalização [...]” (RESENDE, 2019, p. 34). A decolonialidade, contudo, refere-se à construção de distintos e alternativos caminhos.

Mignolo (2017) diz que os estudos decoloniais são aqueles que trazem uma alternativa às matrizes de poder. O pensador contemporâneo contribuiu significativamente para o desenvolvimento da teoria decolonial, que busca desafiar as formas dominantes de conhecimento, poder e subjetividade que emergiram durante o processo de colonização e imperialismo europeu.

A decolonialidade é uma abordagem crítica que se concentra em entender como a colonização e o imperialismo europeu moldaram e continuam a moldar as formas de pensamento e práticas do mundo. A teoria decolonial, deste modo, procura identificar e desafiar as formas em que o conhecimento é produzido e disseminado por meio de estruturas eurocêntricas, que excluem e subordinam outras formas de conhecimento e perspectivas.

Mignolo (2017) argumenta que a decolonialidade deve ser entendida como um processo contínuo de decolonização que busca romper com as estruturas e formas de poder que mantêm a dominação colonial. Essa ideia envolve a criação de espaços para o surgimento de perspectivas e conhecimentos alternativos, bem como a abertura de novas possibilidades para ações de cunho político e social. Em suma, Mignolo (2017) enfatiza a importância da decolonialidade para desafiar e transformar as formas dominantes de poder e conhecimento que perpetuam a colonização e a desigualdade global.

A decolonialidade, segundo Resende (2019), começa a partir da decolonialidade do ser, isto é, reconhecer o nosso lugar social e entender os privilégios que nos são imbricados em nossas dinâmicas sociais. Precisamos estar atentos para não reproduzir, mas, ao contrário, para romper com estruturas de cunhos racistas, machistas, capitalistas, sexistas. A decolonialidade também está no espaço de (auto)crítica. Então, “[...] decolonizar os estudos críticos do discurso por perspectivas latino-americanas implicam reconhecer que nossa história colonial e a violência que nos constituiu não podem ser ignoradas” (RESENDE, 2019, p. 35).

Ao considerarmos a afirmação de Resende (2019) sobre a necessidade de decolonizar os estudos críticos do discurso por meio de perspectivas latino-americanas, podemos perceber como se conecta com a ideia de que nossa prática, enraizada em uma história colonial marcada pela violência, é fundamentalmente problemática. As abordagens

interseccionais e decoloniais oferecem a oportunidade de examinar não apenas as teorias que aplicamos, mas também nossa própria posição como sujeitos situados em um mundo moldado por estruturas coloniais. Em suma, o diálogo entre a necessidade de decolonizar os estudos críticos do discurso e a importância da autocrítica em nossa prática de pesquisa ressalta a urgência de uma reflexão profunda sobre nossas próprias posições e responsabilidades como pesquisadores.

É necessário destacar que situações de opressão e desigualdade são, “[...] em grande medida efeito de discurso que naturalizam privilégios e, ao fazê-lo, justificam a opressão. Não podemos nos furtar a discutir seriamente as desigualdades históricas que nos constituem como sociedade” (RESENDE, 2019, p. 27). Desse modo, temos que reconhecer nosso lugar como grupo minorizado epistêmico em dialogia com o reconhecimento de privilégios e lugares de poder.

Quijano (1992) apresenta uma articulação de poderes intrínsecos na estrutura colonial para a produção de discriminações e desigualdades sociais. O autor destaca a primeira instância da dominação europeia, que decorre de um controle do imaginário dos dominados, para discutir que essa forma de dominação, fundada pelo controle aplicado por meio do apagamento e da desvalorização sistêmica das culturas, valores e crenças que não condizem com a dominação colonial, repercute na produção de conhecimentos e nas formas de ver e agir sobre o mundo.

Segundo Lugones (2020, p. 65), “Quijano entende que o eurocentrismo diz respeito à perspectiva cognitiva não só dos europeus, mas de todo o mundo eurocêntrico, daqueles que são educados sob a hegemonia do capitalismo mundial”. Dessa forma, além de negar a diversidade de olhares, o saber europeu se tornou sinônimo de poder e um padrão a ser seguido.

Pela ótica da decolonialidade, argumentamos que a ACD, assim como outras teorias críticas, foi desenvolvida em um contexto da modernidade ocidental e, portanto, condiz com os valores e as perspectivas desse cenário. Nesse sentido, essas teorias tendem a reproduzir os pressupostos da modernidade, incluindo a hierarquia dos modos de saber e a hegemonia da cultura ocidentalizada. A decolonialidade questiona a matriz dessas teorias e sugere a necessidade de uma abordagem mais pluralista que reconheça a diversidade cultural e histórica das sociedades.

Assim, a decolonialidade propõe um método mais amplo e crítico da linguagem que considere as múltiplas formas em que o poder é exercido nas relações sociais. Em síntese, a decolonialidade apresenta uma crítica aos pressupostos das teorias dominantes e visa seguir um caminho com abordagens mais plurais e críticas da linguagem. Na presente pesquisa, estabelecemos nossos passos justamente no e a partir dos graus de abertura da ACD.

Exposta a reflexão, é importante reconhecer que a ACD tem uma origem específica e uma proposta diferenciada, mas é imprescindível repensar em suas bases à luz da decolonialidade, pois, dessa maneira, podemos aplicar uma investigação mais contextualizada dos discursos e práticas sociais.

Seguindo o pensamento de Lugones (2020), vemos uma crítica mirada aos estudos de Quijano (2005) por trazer uma perspectiva biológica na composição dos significados de gênero, baseado em uma visão eurocêntrica e heteronormativa. Dessa forma, a autora reflete em um novo eixo centralizado no conceito de colonialidade: a colonialidade de gênero, trazendo o limiar interseccional (de gênero e raça) no âmbito desta nova concepção. Portanto, como afirmado por Curiel (2020, p. 148), “[...] gênero é uma categoria moderna e colonial”. A autora segue a noção de colonialidade de Quijano (2005), entretanto, concebe um novo olhar ao apontar que a colonialidade do poder não é configurada apenas pelo fator raça, há uma interseccionalidade a partir da qual o gênero e a heterossexualidade também se imbricam.

Baseada nos estudos de Greenberg⁷, Lugones (2020) discursa sobre a invisibilização de outras formas de existir no mundo para além da dicotomia homem e mulher/macho e fêmea concedida colonialmente por indicadores biológicos - fato que comprova que o sexo biológico é uma interpretação construída pelo social. Vejamos: perspectivas dualistas presumem que os dois aspectos (nesse caso, homem e mulher) são iguais e não sofrem outras distinções categóricas como: homem branco/negro, mulher cis/trans. Indivíduos intersexuais, portanto, deveriam ser convertidos ao quadro em que melhor se aplicarem para terem sua designação e entendimento social interpelado pelo construto de menina ou menino (visto que,

⁷ GREENBERG, Julie. “Definitional Dilemmas: Male or Female? Black or White? e Law’s Failure to Recognize Intersexuals and Multiracials”. In: LESTER, Toni (ed.). **Gender Nonconformity, Race, and Sexuality**. Charting the Connections. Madison: University of Wisconsin Press, 2002.

diante do olhar colonial, seriam as duas únicas maneiras possíveis de viver em sociedade). Contudo, a autora afirma que pessoas intersexuais não são obliteradas pelas normas padrões em todas as sociedades/tradições. Mas, “Como o capitalismo eurocêntrico global se constituiu por meio da colonização, diferenças de gênero foram introduzidas onde antes não havia nenhuma” (LUGONES, 2020, p. 72), causando, assim, a inferiorização e subordinação de gênero, como também, de raça. É necessário ressaltar, por outro lado, que sempre houve resistência às mudanças culturais.

É crucial reconhecer que a variação de gênero vai além da simples dicotomia entre homem e mulher, masculino e feminino. Enquanto muitas pessoas podem se identificar com o gênero correspondente ao seu sexo biológico atribuído ao nascimento, há uma parcela significativa da população que não se encaixa nessas categorias tradicionais. Isso inclui pessoas que se identificam como não-binárias, agênero, genderqueer, entre outras identidades de gênero diversas. Assim, podemos dizer que a marcação biológica é menos complexa do que as questões de gênero. Tanto que a possibilidade trans opera nas duas dimensões, tanto físico-biológica quanto de gênero de forma ampla como um ponto de referência.

Essas identidades de gênero não se enquadram nas noções binárias tradicionais, desafiando a ideia de que existe apenas masculino e feminino. Além disso, a interpretação social das identidades de gênero também desempenha um papel crucial no modo como as pessoas são percebidas e tratadas na sociedade. A sociedade muitas vezes impõe normas e expectativas de gênero que podem restringir a liberdade e autenticidade das pessoas, especialmente aquelas que não se encaixam nas categorias tradicionais.

No desenrolar desta discussão, o Slam das Minas se torna um movimento de contraposição por visar quebrar as estruturas de silenciamento e afirmar suas vozes por meio das poesias. No bojo desse movimento social, artístico-cultural e político, incide a ação e reflexão de que, na e por meio da luta de (re)existência, é possível transformar as redes de práticas sociais e discursivas, incluindo as ordens de discurso, contrapondo aos domínios sociais.

Portanto, por meio de uma perspectiva decolonial, esta pesquisa assume uma postura investigativa. A decolonialidade não é uma contribuição operacional e metodológica, mas uma postura de elaboração de pesquisa que dessacraliza uma teoria e método com o

compromisso ontológico de vincular uma desconstrução teórica no exercício de análise - que é de desconstrução.

Foi visto, nesta subseção, que as noções entre interseccionalidade, decolonialidade e feminismo negro se articulam e não operam de maneiras isoladas. Cabe agora ressaltar aspectos do feminismo negro, a fim de explorar as interfaces desse movimento em relação à presente pesquisa.

1.3 Feminismo negro

Vemos uma potência transformadora quando a mulher ocupa, na sociedade brasileira, diversos papéis, transitando por todas as esferas sociais e mostrando, por meio de muita luta, que são capazes de ocupar as posições que querem ocupar. Entretanto, há diferentes representações que procuram reforçar e naturalizar a função da mulher na e para a sociedade, limitando-as, assim, a outras possibilidades de ser e existir no mundo.

No âmbito dessa discussão, Resende (2019) observa que questões relativas ao gênero e ao sexo são construções sociais fundadas a partir de representações relacionadas à cultura, ao social e às crenças imbricadas em um contexto de poder. A representação normalizadora de uma figura feminina, vinculada a um espaço de submissão e opressão, está articulada a redes de práticas sociais e discursivas que contribuem para a manutenção de condutas que visam controlar o corpo e a voz da mulher.

Quando falamos sobre opressão, podemos entender, conforme apontado por Collins (1990, local 454), como um “termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade”. Ao considerar o grupo inserido no movimento Slam das Minas, vemos que ser mulher, preta e periférica na sociedade brasileira é ser colocada em uma posição de precariedade da condição humana, ou seja, a ter uma experiência de vida mais árdua do que qualquer outro corpo social, já que, ao considerar a interseccionalidade, isto é, a articulação de fatores diversos relacionados a raça, sexualidade, etnia, entre outros, nos deparamos a uma série de elementos que são alvos desse sistema opressor.

Carneiro (2019) aborda a questão relacionada ao tratamento social imposto à mulher preta quando diz:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas [...]. Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (CARNEIRO, 2019, p. 325-326).

De tal modo, é possível ilustrar que o feminismo se torna um movimento excludente que se silencia perante as causas e vivências de mulheres negras⁸, mulheres não binárias e não heterossexuais, especialmente, quando não soma os sentidos de identificação que interseccionam um corpo, isto é, quando classifica somente a questão de gênero como importante para a causa das mulheres. Nessa dinâmica, ao ignorar essas vertentes, contribui, mesmo não concordando, com a manutenção do sistema opressor.

Nessa direção, o corpo da mulher negra, historicamente, era visto como um corpo à margem, um corpo sem direito à vida plena e voz, um corpo que é representado, ainda hoje, como apontado por Carneiro (2019), de maneira objetificada, sexualizada e/ou subalternizada. Quando falamos em representação, devemos pensar no processo de manutenção e reconstrução dessas representações. Ao olhar para o corpo da mulher preta, essas representações se acentuam ainda mais e ganham uma projeção maior, visto o constante reforço e tentativa de representar as mulheres pretas desumanamente, dentro de um discurso de ódio. É importante ressaltar, sobretudo, que o silenciamento de vozes pretas é e estava estruturado e operado socialmente, não sendo meramente uma condição natural do sistema, tampouco um acaso.

A respeito do discurso de ódio, Carmo (2016) explica que seria uma manifestação do pensamento que incita a violência. O autor destaca a passagem do discurso para o

⁸ Carneiro (2019) explica que, na década de 1980, a categoria “negro” foi introduzida no Censo como luta política para demonstrar a dimensão social real deste país.

comportamento, indicando como ideias de ódio carregadas de preconceito podem se transformar em ações prejudiciais, especialmente contra grupos minoritários e vulneráveis. A abordagem se aprofunda na relação entre o discurso de ódio e a violação da dignidade humana, ressaltando a importância de preservar a dignidade por meio do reconhecimento mútuo na vivência social.

Dessa forma, a luta para ressignificar e reexistir esse corpo é urgente. Há de se desconstruir a visão da “mulher negra como inerentemente forte”, porque, segundo Ribeiro (2018, local 225), as mulheres negras são fortes em consequência de um “estado que é omissivo” e porque precisam “enfrentar uma realidade violenta”. Isto é, a mulher negra não é forte porque quer, mas porque precisa.

Hooks (2019a) explica, de forma muito didática, as diferentes realidades que os distintos corpos vivem. Ademais, resalta que as mulheres pretas são inferiorizadas perante a sociedade, não tendo o mesmo acesso a determinados direitos, nem mesmo espaços em que são ouvidas e vistas. A autora relata que “quando o povo negro é falado a tendência é focada nos homens negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres brancas” (HOOKS, 2019a, local 156). Ou seja, a mulher preta é sempre, nas palavras de Ribeiro (2017), o outro do outro.

Por intermédio de uma reflexão acerca de gênero, Butler (2018) destaca que o gênero é uma performance, isto é, a maneira ritualizada que o sujeito age no mundo de acordo com suas identificações. Cabe notar que o agir cotidiano do sujeito, expressando o gênero que apresentamos ao mundo, é cerceado e marcado pela reiteração de normas sociais. A autora traz uma visão de que não há uma definição especulativa sobre o que significa gênero, tampouco o que significa sexo, porque, para Butler (2018), características naturais e culturais não compõem e fundamentizam determinados termos, uma vez que esses são edificados por elementos performáticos: gênero é o que está sendo feito e atuado pelas pessoas.

Butler (2019) reflete sobre os problemas de gênero e lança uma questão sobre a subversão da identidade feminina, sobre a inexistência da mulher como essência inata e inerente. Para Butler (2019), não há como pensar gênero fora da performance. Nesta esteira, a autora desloca a linguagem em sua função designativa para uma função performativa, enquanto um segmento de ação. Sendo assim, o gênero também seria uma forma de agenciamento, logo, uma performance. De acordo com Butler (2018, p. 3),

Se o fundamento da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos no tempo, e não uma identidade aparentemente homogênea, existem possibilidades de transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo.

Em outras palavras, essas repetições estabilizadas (menina brinca de boneca, homem não chora) acontecem em uma determinada instância, visto que se o recorte social temporal for mudado, também muda o conteúdo da prática performativa. Portanto, é a partir de uma prática que se estabelece um senso de identificação de gênero. Se a prática muda, o lugar muda.

Os sujeitos estão identificados em eventuais categorias, o que não significa que a identificação aprisiona as pessoas, uma vez que em sua fluidez, abre espaços para as constantes mudanças, para constantes maneiras de identificação e performance de gêneros.

Dessa forma, Butler (2019) não se prende à limitação concedida nas nomeações e classificações de gênero, entendendo que gênero é formado por uma vasta pluralidade. Contudo, a ideia de gênero é biológica, social, histórica, discursiva e, também, performativa.

A associação entre sexo e gênero é comumente feita na sociedade e é reforçada por práticas como o ultrassom para determinar o sexo da criança antes do nascimento, o "chá de revelação" que revela o sexo da criança aos pais e familiares, ou mesmo a surpresa de descobrir o sexo da criança no momento do nascimento.

Essa primeira perspectiva, que conecta o sexo biológico ao gênero, muitas vezes é considerada como um "ideal regulador", conforme discutido por Butler (1993) ou um ponto de referência inicial que molda a percepção de gênero na sociedade. No entanto, é importante destacar que essa associação não é absoluta e estática.

O gênero não é simplesmente determinado pelo sexo biológico, mas sim construído através de práticas e performances sociais. Assim vemos que a ideia de que o gênero é algo fixo e natural é desafiada, pois as normas de gênero são socialmente construídas e podem ser questionadas e transformadas ao longo do tempo.

Quando pensamos que o bebê nasce com o ideário dos pais marcado desde o ultrassom para saber o sexo da criança e comprovado com a pergunta "é menino ou menina", vemos que a primeira perspectiva nasce do imbricamento de sexo e gênero, categorias que

são confundidas por grande parte da sociedade que não está a par das sutilezas teóricas. Assim, a ideia de gênero é, em sua primeira raiz, física e biológica.

Assim como as questões implicadas no conceito de gênero, o feminismo negro faz uma denúncia das desigualdades, justamente dessa falsa visão de uniformidade das lutas, inclusive das feministas. Sabemos que há grupos que desumanizam outros grupos sociais, não os reconhecem enquanto sujeitos e negam suas existências. Logo, diferentes corpos lutam por diferentes causas e tais batalhas não são análogas umas às outras.

Para Collins (2000), é necessário compreender como o sistema opressor opera. Dessa forma, podemos enfrentar o poder dominante com resistência. Segundo a autora,

Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que as opressões trabalham juntas para produzir injustiça. Em contraste, a matriz de dominação refere-se a como essas opressões cruzadas são realmente organizadas (COLLINS, 2000, p. 18: tradução nossa)⁹.

O conceito de matriz de dominação busca o entendimento da forma como as opressões que refletem no corpo das mulheres pretas e subalternizadas são organizadas. A fim de buscar mais potência para a pesquisa, além de abordar o conceito de matriz de dominação, também abordaremos os paradigmas interseccionais com a intenção de desvelar as relações de resistência desses corpos. Afinal, onde há opressão, há resistência.

De acordo com Curiel (2020, p. 152), o trabalho de Collins (2000)

[...] tenta entender como o racismo, a heterossexualidade, o colonialismo e o classismo interagem e integram quatro características dessa matriz: elementos estruturais, como leis e políticas institucionais; aspectos disciplinares, como hierarquias, burocracias e técnicas de vigilância; elementos hegemônicos, como ideias e ideologias; e aspectos interpessoais, como práticas discriminatórias usuais e cotidianas.

Em outras palavras, mais do que observar as intersecções de ser mulher, preta, pobre etc., é necessário falar nos processos de como esses corpos são racializados, objetificados, inferiorizados e subalternizados. Por meio da matriz de dominação (com as características:

⁹ No original: “Intersectional paradigms remind us that oppression cannot be reduced to one fundamental type, and that oppressions work together in producing injustice. In contrast, the matrix of domination refers to how these intersecting oppressions are actually organized” (COLLINS, 2000, p. 18).

estrutural, disciplinar e hegemônica e interpessoal), compreendemos que, para combater a opressão objetivando a resistência, precisamos saber como o poder é operado na sociedade.

Em paralelo com o que foi dito, o Slam das Minas se reúne em assembleia quando ocupa as ruas e manifesta para reivindicar uma vida que possa ser vivida. Assim como o Slam das Minas ressalta a importância do reconhecimento e da representação entre mulheres pretas, marginalizadas e periféricas, o feminismo negro, ao apontar que as mulheres não são todas iguais, não são tratadas da mesma forma e não desfrutam dos mesmos direitos sociais, lutam a fim de alcançar a mudança que precisa ser feita em nossa sociedade. O feminismo negro, dessa forma, batalha para o rompimento da dominação social e para a inserção de novas práticas de representação das mulheres pretas, marginalizadas e periféricas brasileiras.

Em nosso entendimento, o feminismo negro colabora para os estudos da ACD por evidenciar que as condições não são dadas, mas são criadas e direcionadas a determinados grupos sociais. Isto é, quando emerge uma representação do texto, essa representação já está emaranhada e atravessada por discursos, memórias, experiências e traços históricos, culturais e sociais, os quais entram em luta com as relações de poder, opressão e violência. Ao observarmos o movimento Slam das Minas, vemos que a representação da mulher preta, marginalizada e periférica já é marcada e obliterada socialmente, cuja rede de relações é demasiadamente complexa. Alinhado a esta complexidade, é necessário abordar sobre o sistema patriarcal, uma das condições que trouxe a necessidade da luta feminista.

1.3.1 Patriarcados

Os patriarcados¹⁰ podem ser entendidos como sistemas sociais, políticos e culturais em que o poder é exercido por homens com base em uma estrutura hierárquica que insere as mulheres em posições inferiorizadas. Os sistemas patriarcais têm suas origens na Antiguidade, na qual as sociedades, organizadas em tribos patriarcais, eram comandadas por homens mais velhos.

¹⁰ Assumimos o patriarcado no plural por entendermos que são várias formas de patriarcado. O senso de unidade pode ser um problema de análise porque o patriarcado se molda e se diferencia conforme os tempos, culturas e espaços.

No decorrer do tempo, ao longo dos séculos, o patriarcado se manifestou em distintas maneiras e em diferentes sociedades. Quando olhamos, por exemplo, a Idade Média, podemos observar a igreja católica como uma ferramenta potencializadora do sistema patriarcal, quando reforçava que as mulheres tinham o papel de se dedicar à família e de se submeterem subordinadas aos homens.

Com o advento da denominada “modernidade”, o patriarcado se ajustou às novas formas de organização social. Quando pensamos em termos capitalistas, as mulheres pretas e pobres foram destinadas a assumirem um papel duplo: como trabalhadoras e como mães. Enquanto mulheres brancas de classe média alta eram impedidas de trabalhar, tendo que se dedicar integralmente à família.

Scavone (2001) sugere que a maternidade é um fenômeno moderno que foi impulsionado pelo avanço da industrialização e da urbanização. À medida que as mulheres conquistam mais espaços educacionais e profissionais, começavam a ocupar esses locais juntamente enquanto continuavam responsáveis pela criação dos filhos, fato que levou a modernidade a se tornar uma escolha reflexiva, efetiva a partir dos métodos contraceptivos. Desse modo, a maternidade deixou de ser entendida como um destino biológico e passou a ser, também, uma decisão consciente para algumas culturas e contextos sociais, pois sabemos que há barreiras sociais que limitam e repudiam a autonomia reprodutiva das mulheres.

A autora pontua que a escolha da maternidade está relacionada aos fatores de classe, raça e gênero, pois possuem um impacto na maneira como as mulheres vivenciam a maternidade e dizem respeito ao acesso de autonomia reprodutiva que possuem em diferentes contextos e vivências.

Scavone (2001) relata a necessidade da equidade na responsabilidade parental; suponhamos que seja de casais heteronormativos, pois a autora ressalta que a divisão de tais responsabilidades entre homens e mulheres ainda não foi alcançada, pois há as desigualdades de gêneros que fazem com que as mulheres assumam, em muitas das vezes, a maior parte do trabalho relacionado à maternidade, ainda que exerçam trabalhos em outras atividades. Com isso, podemos ver uma das consequências trazidas pelo sistema patriarcal para a contemporaneidade.

Nos dias atuais, podemos perceber a presença do patriarcado de múltiplas maneiras, como o machismo e o sexismo, formas de discriminação baseadas no gênero. O machismo,

caracterizado pela negação, repressão e invalidação de particularidades consideradas femininas e pela excessiva valorização da masculinidade. O sexismo, por sua vez, aparece na forma de preconceito e discriminação contra os corpos e as vozes das mulheres, impedindo-as de direitos, oportunidades e vivências em função do gênero feminino¹¹.

Lerner (2019) revela que as mulheres foram e, precisamos afirmar, ainda são, contribuintes para a construção da sociedade e de sua civilização. Entretanto, as contribuições dessas mulheres foram apagadas, restando os registros feitos por homens vinculados às suas vivências e compreensões do mundo. Historiadores, dessa forma, negligenciaram as experiências e os conhecimentos femininos, gerando, conseqüentemente, um olhar em relação às mulheres enquanto agentes secundários. De acordo com Lerner (2019, p. 35), “Como esse processo de dar significado é essencial para a criação e perpetuação da civilização, podemos logo ver que a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada”. Por outro lado, sabemos que as mulheres possuem um papel essencial no desenvolvimento da sociedade.

Segundo Lerner (2019, p. 36), as mulheres “vêm sendo privadas de educação ao longo da história em toda sociedade conhecida, mas também excluídas da formação de teorias”. Desse modo, é ressaltada a importância da consciência feminina diante o lugar social que foi imposto, visto que a tomada de consciência é gatilho para possíveis mudanças. A autora ainda questiona o atraso dessa conscientização sobre a posição de subordinação social e a preservação do patriarcado, circunstância mais antiga do que a própria civilização.

O estabelecimento do patriarcado foi, conforme a autora (2019, p. 350), “um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C.”. Por conseguinte, não se trata de uma casualidade eventual.

¹¹ O patriarcalismo, sob a forma de machismo e sexismo, estende seus tentáculos para além das relações de gênero estritamente definidas. Em sua configuração moderna, esses fenômenos permeiam diversas esferas da sociedade, afetando não apenas mulheres, mas também pessoas de diversas identidades de gênero e orientações sexuais. Por exemplo, indivíduos não conformes ao binarismo de gênero, bem como aqueles que desafiam os papéis tradicionais de gênero, muitas vezes enfrentam formas sutis e sistemáticas de discriminação e marginalização. Da mesma forma, o machismo e o sexismo contribuem para a manutenção de hierarquias sociais baseadas em noções de masculinidade e feminilidade, perpetuando desigualdades em relação a grupos étnicos, raciais, socioeconômicos e outros.

Ao expormos algumas passagens históricas, vemos esse desenrolar ideológico se estruturar na sociedade em diferentes campos. Em termos econômicos, em relação à instituição da família monogâmica para fins de bens e propriedades privadas. Em termos religiosos, em que as mulheres eram vistas subordinadamente diante à divindade. Em termos biológicos, sendo tidas como mais fracas, logo, incapazes de fazer o que só um homem seria capaz de fazer. Em termos políticos da democracia representativa, no caso brasileiro, a baixa representatividade de mulheres eleitas em cargos do legislativo e executivo nas instâncias municipais, estaduais e federais. Em termos culturais, por meio da representação e estereótipos de gênero em meios de comunicação, como na publicidade, cinema e televisão. Historicamente, esses meios têm perpetuado padrões de comportamento e papéis de gênero que muitas vezes limitam as oportunidades e expectativas das mulheres. Por exemplo, a publicidade frequentemente retratou mulheres em papéis tradicionalmente associados às tarefas domésticas ou à busca da beleza física, enquanto os homens eram representados em posições de liderança e sucesso profissional.

À luz desta discussão, a família monogâmica foi instituída para que os homens pudessem garantir seus bens. Neste contexto, as propriedades e a família individual viraram símbolos de um sistema econômico. Essa família monogâmica é também patriarcal, uma vez que é construída com o homem em posição de dominação e a mulher, como cuidadora da casa, exercendo o trabalho privado (não visto, até hoje, como trabalho) e excluída das atividades sociais.

Daves (2016) levanta uma discussão a respeito da invisibilização do trabalho doméstico realizado por mulheres, principalmente, por mulheres negras. Segundo a autora, a desigualdade sexual passou a existir a partir da concepção de propriedade privada, onde as mulheres foram colocadas na posição de doméstica, tendo este labor ideologicamente definido como atividade exercida pelo sexo feminino, trabalho inferiorizado por não ser um gerador de lucro. Ainda mais, “[...] a dona de casa, de acordo com a ideologia burguesa, é simplesmente a serva de seu marido para a vida toda” (DAVES, 2016, local 5694), pois além de não ter horário para começar, sequer terminar seu serviço diário, não é reconhecida, tampouco valorizada, por dedicar uma exorbitante parte da sua vida nas tarefas domésticas.

Tudo isso representa uma sociedade que constrói e mantém o sistema patriarcal, formada por sujeitos que, em seu cotidiano, contribui para a reprodução do patriarcado. É

importante questionar, assim, como que o sistema patriarcal foi instituído. Lerner (2019, p. 43-44) ressalta duas metáforas que foram essenciais para o estabelecimento ideológico patriarcal: a “desvalorização simbólica das mulheres em relação à divindade” e o outro conceito metafórico, advindo da filosofia aristotélica, que representa as mulheres como “seres humanos incompletos e defeituosos de uma categoria totalmente diferente da dos homens”. Tais dados biológicos e religiosos que impuseram a mesma condição: inferiorizar a figura feminina.

A autora desmistifica o mito construído socioculturalmente, o qual se perpetua até hoje e que contribui para a supremacia hegemônica masculina, o deslumbre de que os homens sempre foram os caçadores e desbravadores, líderes de todos os grupos de todas as sociedades existentes. Como base de sua argumentação, Lerner (2019) traz evidências de antropólogas que constata, em seus trabalhos, sociedades em que mulheres e homens realizavam trabalhos análogos, essenciais para a sobrevivência da comunidade, sendo tratados como semelhantes em quase todos os quesitos. Com isso, vemos que mulheres não são menos capazes do que os homens, uma vez que “Atributos sexuais são fatos biológicos, mas gênero é produto do agir cotidiano, mas também dos condicionamentos e cerceamentos de um processo performativo articulado com a história e as culturas. “O fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social” (LERNER, 2019, p. 60).

Nesse sentido, quando Simone de Beauvoir (2009, local 5445) diz “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ela indaga que a visão dos indivíduos é socialmente construída, não é um ato ou uma questão natural. As mulheres, nesse caso, são ensinadas e incentivadas a reproduzirem a performance do “ser mulher” e a se limitarem com os lugares previamente instituídos a elas.

Neste subitem da dissertação, temáticas como o machismo, sexismo e luta de classe foram destacadas enquanto elementos problematizados pelo feminismo negro, visto que são temas inerentes à problemática da interseccionalidade e são essenciais para os desdobramentos da análise.

No próximo subitem, falaremos sobre a poesia marginal em paralelo à periferia, entendendo que o lugar geopolítico é uma esfera interseccional emaranhada aos corpos que

fazem parte do Slam das Minas e que a poesia marginal, periférica pela cultura branca e ocidental, é uma das ramificações que apoiam as batalhas de poesia do Slam.

1.4 Poesia Marginal: É tudo nosso!

*“Que sejamos tão presentes, semente dos melhores
exemplos da literatura nacional. Graduação em rua,
mestrado em poesia marginal.”*
-Moto Tai

A poesia marginal e periférica é um movimento literário da década de 1970 que se caracteriza pela produção poética de artistas que moram, muita das vezes, em áreas periféricas. Os poetas ativistas usam essa forma de expressão para assumirem uma postura marcada pela crítica social e política, relatando suas experiências de vida que perpassam sobre temas como: a violência, a pobreza e o racismo.

A poesia marginal tem a oralidade e as culturas populares como instrumentos que tocam o samba, o rap, o funk e o hip hop, entre outras ritmicidades. É uma forma cultural que não se preocupa com a estética poética, e sim, em uma arte autêntica e consciente.

A cultura marginal surgiu em um período de revolta na história do Brasil: a ditadura militar (1964-1985). Os poetas ativistas dessa corrente eram vistos como marginais das esferas culturais, políticas e sociais, isto é, estavam alicerçados do cânone literário da época. Sintetizando, de acordo com Mattoso (1981, p. 8), “tudo que não se enquadrasse num padrão estabelecido ficou sendo marginal”, fato que ainda permanece; ora, estamos analisando um desses movimentos artísticos que não se alinham aos padrões tradicionalistas.

A poesia marginal consistiu no emprego de um vocabulário isento da formalidade e de uma sintaxe que desconsiderava as regras da gramática. Teve como objetivo prestar uma crítica aos conservadorismos da sociedade, incorporando à literatura discursos que abordavam a violência das grandes cidades. Foi um movimento cultural primordial para uma geração que buscou se expressar, por meio da literatura, de uma maneira distante dos padrões tradicionais e inerte à crítica literária. Segundo Hollanda (2007, p.10),

A desierarquização do espaço nobre da poesia - tanto em seus aspectos materiais gráficos quanto no plano do discurso - faz lembrar a entrada em cena, nos idos de 60, de um gênero de música que, fazendo apelo tanto ao gosto culto quanto ao popular, conquistou a juventude universitária e ganhou seu lugar no quadro cultural. Foi a época dos Festivais de Canção e do Tropicalismo, do aparecimento de Caetano, Gil e Chico. Assim também, há uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexos entre poesia e público. Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legítimas pela crítica oficial.

Hollanda (2007) evidencia que a poesia marginal instaura um vínculo e uma aproximação com as pessoas que são deixadas à margem da sociedade, dado que esta poesia carrega uma abordagem informal e trata da experiência vivida. Dessa forma, a autora afirma que essa linguagem simples contribui para encurtar a distância entre o poeta e o leitor, que, por sua vez, não se vê com a incumbência de ser um intelectual para se relacionar com a poesia. Configura-se como uma forma de certificar para o leitor de que é possível ler e fazer poesia. Ademais, Hollanda (2007), além de ressaltar o acesso da poesia às ruas, coloca em evidência a emblemática do sistema editorial que dificulta ainda mais esse alcance. Deste modo, é plausível dizer que um dos grandes diferenciais que a poesia marginal carrega é, certamente, o de possuir uma escrita acessível a sujeitos de diferentes níveis sociais.

Vilar (2019) afirma que a poesia periférica ou poesia marginal, também inserida no movimento Slam das Minas, registra um passado que carrega histórias análogas contadas por uma comunidade marginalizada socialmente, além de mostrar que a poesia é um legado que cobra por justiça e por mudanças que acarretem um melhor amanhã. Vilar (2019, p. 9) conclui que o slam é “uma arte que fala a partir da periferia” e “de um passado escravagista colonial”. Portanto, percebe-se que a poesia marginal e as vozes que ecoam nas periferias vão muito além de qualquer definição já estabelecida e são frutos de uma história de quem resiste para defender seu espaço na sociedade.

A poesia marginal também existe como meio de trazer sentidos de identificação a determinados sujeitos e de reafirmar sua existência. No que diz respeito ao discurso homogêneo da cultura nacional, Vaz (2008, s/p), em um manifesto escrito para a Semana de Arte Moderna da Periferia, diz que “A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor. É TUDO NOSSO!” O exposto traz uma perspectiva artística, muitas vezes, inviabilizada ou esteticamente indiferente pelas normas padrões e sociais. Ressalta a importância da união da periferia para falar por meio da arte e para desconstruir as intolerâncias¹² amargas trazidas pela sociedade, além de salientar a necessidade de a periferia falar por ela mesma.

¹² Carmo (2016) analisa a questão da tolerância, especialmente no contexto brasileiro, destacando sua conexão com a violência física e simbólica, o preconceito, a discriminação e outras formas de violação dos direitos humanos. De acordo com o autor (2016, p. 215-216), “[...] a intolerância pode ser vista como um conjunto de ideias, ideologias e atitudes (por exemplo, o desrespeito) contrário a qualquer princípio democrático que deveria

A poesia marginal reafirma a voz de grupos marginalizados e tem sido fonte para que moradores da periferia historicamente excluídos possam produzir sua própria imagem e levantar sua própria voz. Afinal, os grupos minorizados não precisam de espaço de inclusão ou da bondade de outros para pensar alternativas de integração, mas querem e lutam pela própria autonomia.

1.5 Considerações parciais

Este capítulo evidencia a importância de um olhar decolonial, feminista e interseccional para contextualizar as abordagens de uma análise crítica.

A perspectiva decolonial proporcionou uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e históricas subjacentes, desafiando preconceitos arraigados e oferecendo uma visão mais abrangente do fenômeno em análise. Isso permitiu uma observação mais clara de como as estruturas de poder colonial buscam oprimir saberes e corpos decoloniais, contribuindo para a formação de discursos discriminatórios e excludentes na sociedade. Por outro lado, a abordagem decolonial também destacou a urgência de descentralizar olhares que não reconhecem nossas realidades e de adotar, como ponto de vista, lentes que não apenas valorizem, mas que emanem diretamente da diversidade de experiências decoloniais, que veem e falam a partir de suas próprias realidades e experiências, conferindo uma voz autêntica aos discursos muitas vezes marginalizados.

A abordagem do feminismo negro e da interseccionalidade reconhece as interações complexas entre diferentes sistemas de opressão ao considerar as experiências das mulheres e suas interseções com raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais, validando as complexas interações entre diversos sistemas de opressão. Essas perspectivas se destacam pela capacidade de mapear e compreender as intrincadas formas de discriminação que podem se sobrepor e se entrelaçar; não apenas mapeiam as interseções das opressões, mas também apontam caminhos para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

A contribuição do presente capítulo reside na ampliação do escopo analítico da pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda do objeto de estudo. Este encontro de

pulverizar o poder em uma via de mão dupla ao cobrar os deveres, mas dar voz e vez a todos e a todas de maneira equacionada, garantindo-lhes também os direitos”.

perspectivas proporciona não apenas uma compreensão mais completa do objeto de pesquisa, mas também abre espaço para a emergência de novas questões e possibilidades, buscando enriquecer o debate acadêmico e social.

A partir do encontro que pretendemos realizar entre a ACD com as perspectivas aqui aplicadas, visamos encontrar outras chaves de leituras vindas do sul epistemológico do feminismo negro para construir a análise.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Por ser uma teoria metodológica transdisciplinar, a ACD traz abordagens de diferentes vertentes teóricas, sendo um campo amplo e heterogêneo, uma vez que a interdisciplinaridade é uma de suas prerrogativas. Neste capítulo, iremos apresentar como a teoria se desenvolve, expondo a primeira fase, que se trata da Teoria Social do Discurso, e da segunda fase, quando a ACD se encontra com o Realismo Crítico. Apresentaremos, também, os passos de cada etapa da Análise de Conjuntura de Chouliaraki e Fairclough (1999) e teceremos um debate orientado pelos conceitos em destaque na pesquisa.

Será exposta uma discussão atrelada à categoria de análise textual metafórica em sua relação com os modelos culturais na tentativa de mensurar as práticas que perpassam as poesias do Slam das Minas, de modo a observar a maneira em que as poetisas ativistas se identificam, se representam e agem no mundo.

2.1 Análise Crítica do Discurso: Considerações iniciais

A ACD surgiu a fim de investigar os efeitos sociais de uma materialização linguístico-discursiva como alicerce de mudanças sociais, atuando contra as injustiças e desigualdades reconstruídas pelo discurso.

Fairclough (1989) compreendia o discurso como modo de ação historicamente situado, tanto moldado quanto constitutivo das estruturas sociais. Em sua primeira fase, o pesquisador considera três dimensões de análise: a prática social, a prática textual - dimensões do evento discursivo mediadas pela prática discursiva, que diz respeito aos processos de produção, distribuição e consumo do texto. Esse é o modelo tridimensional de análise de discurso aplicada à primeira fase de Fairclough, o qual estabelece as bases para a denominada “Teoria Social do Discurso”.

Na segunda fase, Chouliaraki e Fairclough (1999) reorganizaram e aprimoraram essas dimensões discursivas. Nessa revisão, Chouliaraki e Fairclough (1999) compreendem a ACD como teoria e método, abordam um diálogo mais detalhado entre a teoria social crítica e a linguística, assim como apresentam o discurso como um dos elementos das práticas sociais, com base na noção de dialética em Harvey (1996); isso muda a concepção e a forma de olhar o que vai ser analisado, deslocando o foco apenas do discurso para a dinâmica das redes de

relações dadas entre as práticas sociais e discursivas. O discurso passa, então, a ser considerado apenas como um momento das práticas.

A ACD é uma teoria transdisciplinar ao se inspirar e considerar conceitos e teorias provindos de outros campos. Noções como a de hegemonia, ideologia e prática social, por exemplo.

A prática social foi uma das contribuições advindas de Harvey (1996), que argumenta sobre uma análise dialética. Para o autor, os aspectos e acontecimentos do mundo estão internalizados nos discursos, que expressam os sentimentos e pensamentos dos sujeitos, manifestados em relações sociais e de poder. Nessa dinâmica, os discursos que circulam socialmente são capazes de afetar e ser afetados por crenças, valores e interações sociais de forma dialética. O autor ressalta a importância de olhar para o discurso como um momento da prática, não como um momento supremo e isolado de outros. Com essa conduta, ressalva que, para observar a totalidade de um momento, é preciso de um olhar para além do texto.

Os momentos são interpretados por Harvey (1996) como um limiar de fluxos e os discursos, socialmente construídos, procurando controlar nossas ações e os nossos comportamentos. Diante disso, o autor visa confrontar e questionar como as permanências de significados, estruturados pelo discurso, são estabelecidas. Contudo, o autor ressalta não acreditar que esses poderes causais são processos permanentes. Logo, o momento discursivo é também uma forma acentuada de poder que está associado dialeticamente com outras instâncias da vida social e dos atores sociais, isto é, daqueles que discursam. O autor fala do poder do discurso sobre o sujeito, assumindo um posicionamento de que os sujeitos são, de certa forma, controlados pelo discurso, em suas crenças e comportamentos.

Nessa perspectiva, a linguagem tem que estar conectada com outros momentos da prática, pois não podemos sobrecarregar a língua como o único fator opressivo. Por exemplo, devemos considerar o sujeito, a posição social que ocupa, o contexto como um todo. Sendo assim, a língua deve ser vista como um processo contínuo, em que os sujeitos nascem

inseridos dentro de certos condicionamentos que os assujeitam¹³ socialmente, mas que, dialeticamente¹⁴, colaboram no desenvolvimento contínuo da língua em sociedade.

No Realismo Crítico, teoria que também contribui para o desenvolvimento da segunda fase da ACD em Fairclough, vemos uma abordagem dialética entre sociedade e indivíduo. Por isso, a noção de “reificação” (sociedade excede e existe independentemente da ação humana) e do “voluntarismo” (sociedade como resultado de ações humanas) são descartadas, uma vez que esse processo acontece de forma interativa.

Dito isso, com influências de Harvey (1996) e do Realismo Crítico, a teoria faircloughniana foi aprimorada, de modo a estabelecer uma proposta de crítica explanatória para além do discurso em si, uma vez que, como foi visto, outros momentos das práticas sociais estão dialeticamente relacionados e passam a ser considerados como passos investigativos necessários.

Para o Realismo Crítico, o que ocorre em determinado momento está vinculado aos poderes causais que são ativados. Nesse sentido, as “estruturas sociais são resultados de ações sociais, portanto, são possíveis objetos de transformação” (RESENDE, 2009, p. 27). Os indivíduos não têm poder de criar estruturas sociais, na medida em que a sociedade é pré-existente a eles, mas são capazes, enquanto agentes sociais, de reproduzir ou transformá-las. No paradoxo transitivo e intransitivo das ciências, há, de um lado, aquilo que é produzido por sujeitos e, de um outro, coisas que independem de suas ações. Especificamente, “os eventos não são predeterminados antes de acontecerem, mas dependem de condições contingenciais” (BARROS, 2015, p. 30).

De acordo com Barros (2015), o Realismo Crítico é como uma ponte de entendimento entre indivíduo e sociedade que se divide em três ondas: realismo transcendental, naturalismo

¹³ Althusser (1980) conceitua o mecanismo pelo qual a ideologia constitui as pessoas enquanto sujeitos, como interpelação. A interpelação, no entanto, opera, ao mesmo tempo, no sujeito enquanto ser pensante e livre, mas, também, enquanto um ser assujeitado pelas estruturas sociais já moldadas e estabelecidas.

¹⁴ A dialética, como abordagem filosófica e método de investigação, visa compreender as contradições e as mudanças na realidade. No contexto marxista, essa perspectiva tornou-se essencial, baseando-se na ideia de que as contradições internas em sistemas sociais impulsionam o desenvolvimento e a transformação. Em sua obra, Harvey (1996) adota a dialética marxista como ferramenta analítica para explorar as contradições e conflitos no desenvolvimento histórico, especialmente no âmbito do capitalismo global. Seu enfoque dialético destaca o papel das lutas sociais e econômicas na transformação das estruturas espaciais e sociais, destacando a importância de uma análise crítica para compreender as complexidades do capitalismo contemporâneo.

crítico e crítica explanatória¹⁵. Para o Realismo Crítico, “é preciso penetrar nas raízes dos problemas sociais, com suas estruturas, mecanismos e poderes, visualizando, assim, uma ‘crítica explanatória’ que possa gerar argumentos críticos a favor da transformação social” (BARROS, 2015, p. 27: grifos da autora). Logo, podemos observar a ACD em paralelo ao Realismo Crítico quando, a partir de uma crítica explanatória, traçam fundamentos que atuam a favor da mudança da sociedade.

Em suma, nesse novo momento da ACD faircloughiana, há um grau de autonomia e subjetividade do sujeito diante dos cerceamentos praticados pelo mundo social. Conforme Resende e Ramalho (2009, p. 18), Foucault foi uma das grandes contribuições para a formação da Teoria Social do Discurso. Contudo, na segunda fase, as orientações analíticas vão além do campo discursivo e se expandem para o contexto, isto é, para a conjuntura como um todo: na cena, nas interações, nos valores e crenças que estão em jogo, nas instituições e nas relações de poder; enfim, em todos os momentos da prática.

Sendo assim, a partir do trabalho de Chouliaraki e Fairclough (1999), o foco da ACD foi direcionado para as redes de práticas sociais e discursivas. A análise de conjuntura advinda dessa mudança de paradigmas evidencia que não é possível ignorar o contexto. Por meio da análise da conjuntura, a ACD procura mostrar que o discurso não representa integralmente a sociedade; é necessário, portanto, investigar o social e a prática humana. É justamente esse espaço que determina a forma da ordem do discurso e as condições de gênero textual, isto é, aquilo o que pode ou não ser dito em determinada circunstância. Para Fairclough (2003), ordens do discurso são estruturas linguísticas, como os conceitos gramaticais e lexicais, como, também, dimensões relacionadas ao gênero, estilo e discurso.

Nesse sentido, ao considerar o objeto e perspectiva de análise da presente pesquisa, exaltamos a história de condicionamentos, as forças sociais que levaram as integrantes do movimento Slam das Minas a se apresentar da maneira como se representam: sendo fortes e resistentes, pois são as condições de obliterações, opressões e silenciamentos, condicionadas pela esfera social, que as tornam batalhadoras - não romantizando a palavra.

¹⁵ Conforme Barros (2015), o realismo transcendental defende que a realidade existe independente da percepção humana e que podemos ter acesso a essa realidade por meio de nossos sentidos e da razão. O naturalismo crítico vê a realidade como uma construção social; além de que, nessa perspectiva, as teorias científicas são consideradas como uma aproximação da verdade, mas sujeitas a correções. A terceira onda, por sua instância, defende a necessidade de analisar as raízes dos problemas sociais para, assim, poder gerar mecanismos que possam levar à transformação social.

2.2 Situando as redes de práticas

Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), são as práticas sociais que contextualizam os discursos. Por isso, é fundamental a expansão de um olhar para tudo que o envolve. As redes de práticas não são apenas um lugar de ação e interação, mas estruturam-se como ambientes que permitem interpretação e representação que os sujeitos fazem de si e do mundo, cujas representações modelam a maneira como agem. Ou seja, a vida social das mulheres pretas, marginalizadas e periferizadas são condicionadas por relações de poder que procuram moldar o que elas podem e não podem dizer, promover sentidos de identificação e de agir na sociedade, uma vez que as redes de práticas, as quais englobam as instituições, relações de poder e crenças, operam os mecanismos de obliteração desses corpos, na tentativa de impedi-los de se colocarem no mundo.

Fairclough (2003) centralizou sua preocupação no poder e na dominação, buscando compreender como as relações de poder se produzem e são reproduzidas na sociedade. As representações são reconstruídas discursivamente, tornando-se majoritárias quando estão articuladas, por exemplo, com base em ideais da classe dominante, a qual detém o poder e visa moldar a sociedade.

É necessário ressaltar, contudo, que não é uma relação de causa e efeito, de imposição social sobre os sujeitos, pois, de acordo com Resende e Regis (2017, p. 15-16),

Embora haja constrangimentos sociais definidos nas estruturas e práticas sociais, os atores sociais são dotados de liberdade relativa, e assim podem estabelecer relações inovadoras na (inter)ação, exercendo sua criatividade e modificando práticas estabelecidas.

Em nosso entendimento, existem margens de manobra e transgressão porque o sujeito é o centro do ato de linguagem e é isso que o Slam das Minas evidencia. Por um outro lado, assumir a posição de que a liberdade é relativa implica entender que há a presença de poder e controle social.

Acreditamos que as redes de práticas e o olhar dialético, vistos acima, podem estar atrelados ao feminismo negro, fundamentado na performatividade¹⁶ (ritual que demarca discursivamente e socialmente os corpos), e na interseccionalidade, demonstrando que o discurso vai além da interação em si e transborda em impactos para a vida social. Nesse

¹⁶ Conceito aplicado por Butler (1993) que será explorado adiante.

sentido, percebemos a limitação de uma análise centrada somente no discurso e semiose, visto que os sujeitos são afetados por suas particulares vivências. Na concepção de Butler (1993), precisamos considerar o ritual, dispositivo que posiciona não apenas instâncias sobre o saber de mundo, mas que coloca as pessoas em condições de atuar no mundo, de modo a evidenciar que há parâmetros complexos que não só dizem sobre o mundo, mas agem sobre ele.

Sendo assim, tais elementos complementam e expandem os ferramentais analíticos e o bojo teórico da ACD. Nesse trajeto, podemos entender a ACD como uma primeira camada de discussão e acesso investigativo do social, mas o nosso objeto de pesquisa e as perspectivas decoloniais demonstram que os processos sociais são mais complexos. As explicações sobre essas complexidades do objeto de pesquisa demanda, como vimos, o exercício interdisciplinar na e a partir da ACD.

Ao destacar as contribuições foucaultianas por refletir que a sexualidade é construída socialmente, Butler (1993) discute que o corpo está à mercê de uma discursividade que o regula e o limita, abordando, então, o conceito de materialidade e performatividade para discutir essa ideia. Segundo a autora,

A categoria de 'sexo' é, desde o início, normativa; é o que Foucault chamou de "ideal regulador". Nesse sentido, então, o "sexo" não funciona apenas como uma norma, mas faz parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força reguladora se manifesta como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, circular, diferenciar — os corpos que controla (BUTLER, 1993, p. 1, tradução nossa)¹⁷.

É a concepção heterogênea que impõe uma normalidade aos corpos e sexualidades. Nesse paralelo, o que emerge para fora das regras prescritas é tido como anormal, errado. Dito isso, os corpos já nascem com imposições, as quais precisam seguir, que indicam a maneira de ser e de agir no mundo e ignoram as subjetividades de cada sujeito.

No limiar da discussão, uma questão é colocada: seriam os corpos, então, construções meramente discursivas? Em linhas gerais, um corpo, naturalizado discursivamente, requer o sexo como algo não puramente natural, mas como construtivo social emergente de

¹⁷ No original: "The category of "sex" is, from the start, normative; it is what Foucault has called a "regulatory ideal". In this sense, then, "sex" not only functions as a norm, but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce—demarcate, circulate, differentiate—the bodies it controls" (BUTLER, 1993, p. 1).

circunstâncias de relações de poder e jogos de forças. Sendo assim, a performatização de gênero é uma ação - imbricada no ser e no agir - já preconcebida, tal como discutimos no capítulo anterior desta dissertação

Butler (1993) acredita que o gênero é concebido no dia a dia das pessoas, isto é, na interação e da vivência cotidiana de forma performativa, sendo que o corpo existe no ato da fala, na linguagem que presume sua existência. Gênero pode ser entendido, assim como Butler (1993) defende, como uma performance, e cada ato performativo alimenta o processo de repetições e regularidades, reforçando os atos e os discursos que os constroem, e agindo (de forma heterossexual - em concordância com o nosso contexto ocidental) sobre o corpo/sexo.

No âmbito desse argumento, Butler (1993) explica que "Em primeira instância, a performatividade deve ser entendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, antes, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia" (BUTLER, 1993, p. 13, tradução nossa)¹⁸. Sendo assim, vemos que, ao nomear, ou melhor, ao conceber a linguagem como meio significativo, os efeitos nas práticas e nas instâncias discursivas são produzidos. Em outras palavras, representar é agir sobre o mundo.

Chouliaraki e Fairclough (1999) fazem o movimento de deslocamento do discurso como central na análise de enquadre, viés fundamental quando retomamos a performatividade para explicar que os recursos linguísticos nos mostram a dinâmica desse ritual. A nosso ver, a performatividade permite repensar a representação (modo representacional, que será visto mais detalhadamente à frente) por compreender que a noção de representação nasce dentro de um ritual que normatiza, oblitera e molda os corpos. Além disso, em nosso objeto de pesquisa, a rede de práticas deve considerar a interseccionalidade, isto é, a existência dialética de gênero, raça, espaço físico, condição social e econômica.

Apesar dos jogos de poder, a ACD, ao atrelar o poder à linguagem e – na segunda fase – procurar entender as redes de práticas, também visa estabelecer os mecanismos possíveis de contraponto à opressão, de modo a contribuir para a justiça social.

O início do enquadre proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) se dá a partir da concepção de que a vida social é constituída por práticas, sendo as práticas sociais ações

¹⁸ No original: "In the first instance, performativity must be understood not as a singular or deliberate "act," but, rather, as the reiterative and citational practice by which discourse produces the effects that it names" (BUTLER, 1993, p. 13)

institucionalizadas socialmente manifestadas em ações materiais historicamente situadas. Dessa forma, Chouliaraki e Fairclough (1999), a fim de mapear os mecanismos discursivos e as relações de poder inseridas em práticas sociais particulares, explanam um quadro teórico-metodológico composto por cinco etapas que serão mencionadas a seguir, as quais devem ser compreendidas como chaves de leituras iniciais.

2.3 O problema da reflexibilidade

No primeiro momento da análise da conjuntura, é objetivado refletir sobre a maneira como o discurso é situado na conjuntura da Modernidade Tardia. Uma questão articulada à modernidade, de acordo com Giddens (1991, p. 25), foi a separação dos aspectos de tempo e espaço, uma vez que cria uma instância interativa da sociedade em um vasto caminho, percorrendo distintos momentos e contextos; os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional também fizeram parte dessa dinâmica.

Os mecanismos de desencaixe, divididos entre fichas simbólicas, como o dinheiro, e os sistemas peritos, entendidos como sistemas de competência em um meio particular, são mecanismos que “descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinao-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço” (GIDDENS, 2002, p. 10). Os dois mecanismos permitem a desvinculação das relações sociais de seus contextos específicos e sua recombinação por meio de consideráveis espaços de tempos e espaços. No entanto, pode ter consequências negativas, como a perda de controle local sobre processos econômicos e a exclusão de pessoas que não possuem acessos aos mecanismos de desencaixe. A reflexividade, por sua vez, institucionalizada na modernidade tardia, tem sua capacidade espaço-temporal estendida pelos aspectos tecnológicos e pelos setores de comunicação.

De acordo com Giddens (1991; 2002), vemos que a modernidade tardia acontece quando a sociedade passa a refletir sobre si mesma, visando solucionar questões estruturadas sistematicamente pela modernidade em diferentes esferas: culturais, políticas, educacionais.

O autor (2002), ao avaliar o conceito de reflexividade, entende que os sujeitos são agentes no processo de construção de seus sentidos de identificação, que ocorre de uma forma não totalmente imposta – diferente das sociedades tradicionais que direcionam os indivíduos a seguirem determinados padrões de vida. De acordo com o Giddens (2002, p. 37), “A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no

contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo”. Logo, notamos uma autonomia voltada aos sujeitos sociais.

Por seu turno, Thompson (1998) explana que as formas simbólicas veiculadas na mídia – vetor de comunicação de grande alcance e potência -, ao tocarem os atores sociais, são interpretadas reflexivamente por meio da compreensão de mundo de cada indivíduo, podendo gerar, também, aspectos reflexivos do processo de representação e sentidos de identificação.

Entretanto, Ramalho e Resende (2009, p. 33) pontuam uma problematização essencial, quando questionam: “Que estilos de vida têm disponíveis para escolha pessoas que vivem à margem dos ‘bens’ produzidos pela modernidade?” Pessoas que seriam, nesse sentido, ‘perdedores da reflexividade’.

Ainda de acordo com as autoras:

[...] o conceito de reflexividade refere-se às possibilidades de os sujeitos construírem ativamente suas auto-identidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social. Por outro lado, identidades sociais são construídas por meio de classificações mantidas pelo discurso. E, assim como são construídas discursivamente, identidades também podem ser contestadas no discurso (RAMALHO; RESENDE, 2009, p. 34).

As autoras sugerem que o processo de reflexividade se efetua em harmonia, onde os acontecimentos sociais e discursivos, em interação, colaboram na construção dos sentidos de identificação de cada indivíduo. Ao abordar sobre reflexividade, é importante mencionar que vida social é vista como meio de ações situadas em um dado tempo e espaço.

Segundo Harvey (1996, p. 212: tradução nossa¹⁹), “As representações de espaço e tempo surgem do mundo das práticas sociais, mas depois se tornam uma forma de regulação dessas práticas: e é por isso; como veremos, eles são tão frequentemente contestados”. Podemos constatar, então, que as pontuações sobre dialética e reflexividade trazidas são questões que estruturam as redes de relações faircloughiana entre as práticas sociais e discursivas.

¹⁹ No original: “Representations of space and time arise out of the world of social practices but then become a form of regulation of those practices: which is why; as we shall see, they are so frequently contested” (HARVEY, 1996, p. 212).

Harvey (1996) assume uma postura que reconhece a importância do discurso na e para a sociedade, porém entende o discurso como um momento das práticas sociais articuladas com outros momentos, definidos por ele como: relações sociais; poder; práticas materiais; crenças, valores e desejos; instituições, rituais e discurso.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 29), com base em Harvey (1996), propõem como momentos e apresentam o entendimento de que a prática social deve incluir as instâncias de discurso, atividade material, relações sociais (abarcando relações de poder e luta hegemônica) e fenômeno mental (crenças, valores, desejos e ideologia). Para os autores, a reflexibilidade das práticas sociais é colocada em discussão porque as pessoas estão constantemente construindo representações das práticas das quais fazem parte.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26) evidenciam duas questões que devemos considerar: a de que a reflexividade está imbricada na luta social e que a reflexibilidade é inerente à prática. Em outras palavras, todas as ações têm um componente discursivo essencial, não só no sentido de que todas as práticas envolvem o uso da linguagem em algum nível, mas também na acepção de que as formulações discursivas dessas práticas constituem elementos intrínsecos das próprias ações realizadas.

Dito isso, ao investigar a materialidade na qual as poesias do Slam das Minas se inscrevem, podemos notar que a temática tratada é similar às asserções abordadas pelo feminismo negro. Podemos visualizar o racismo, o machismo, a violência, opressão e marginalização dos corpos de mulheres pretas recorrentes nas práticas discursivas e sociais. Essas formas de opressões são evidentes quando olhamos o número de corpos injustiçados pelo descaso social e político, quando pensamos na história que deixa vestígios de um passado arquitetado pelo ímpeto do homem branco ocidental europeu que, em prol do benefício próprio, explorava e oprimia homens e mulheres negras.

Como González (2020) argumenta que, após o escravismo, esses corpos oprimidos foram largados na miséria e no desamparo que ainda se perpetua quando frequentar a escola ou dar continuidade ao ensino superior é um caminho quase impossível, quando o salário de um negro é inferior mesmo ocupando o mesmo cargo que um branco, quando as representações de mulheres negras transitam, por exemplo, entre uma empregada doméstica ou uma servente de supermercado. São muitos fatos que evidenciam o sistema racista, machista e opressor. Contudo, não nos esqueçamos da resistência, da luta e da não passivação

desses corpos que batalham, nas ruas, nos palcos e no cotidiano para o rompimento das correntes invisíveis que dificultam e os privam da liberdade de ser quem se é e de estar onde se quer estar.

Os grandes setores de comunicação e as instituições educacionais tentaram nos vender a imagem do corpo negro submisso e passivo. Contudo, onde há luta, há resistência. A luta sempre existiu. Dessa forma, ao falar sobre a opressão, o feminismo negro e o Slam das Minas projetam e disputam representações sobre resistência, sobre justiça e sobre poder. Entre tantas outras coisas, falam sobre amor, sobre união e sobre a potência de um movimento em aliança.

Sendo assim, no primeiro passo da análise de conjuntura, destacamos o problema – constituído por relações assimétricas de poder, entendendo a relação do discurso com outros momentos da prática social.

2.4 Questões da análise da conjuntura

A movimentação para a análise explanatória nos abre para problemáticas tratadas pelo feminismo negro e pela interseccionalidade. Nesta nova conjuntura trazida pela mudança do quadro da ACD, Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) deslocam o foco no texto e começam a se preocupar com o contexto.

Nesse sentido, ao efetivar uma explanação teórica e vincular com outras abordagens, podemos reescrever, nas vozes das feministas, o que é a noção, por exemplo, de poder e performatividade para elas - sendo o conceito que redefine o significado representacional de Fairclough (2003), dizendo que a representação nasce dentro de um ritual que normatiza os corpos.

Dito isso, problematizamos e modificamos o segundo passo das etapas do enquadre que estamos acompanhando. Este passo nos motiva a encontrar possíveis obstáculos que sustentam o problema apontado – o problema referente às opressões assimétricas de poder vinculadas ao racismo, machismo e marginalização dos corpos de mulheres pretas e periféricas, e, ao ser modificado com referências interseccionais, feministas e decoloniais, reescrevemos a geografia da teoria, complexificando a proposta e trazendo um maior número de variáveis a investigar.

Essa fase contempla três partes que têm como objetivo fornecer uma compreensão mais completa da proposta em análise, por meio de três tipos de análises inter-relacionadas, explicadas por Resende e Ramalho (2009, p. 36):

(1) a análise da conjuntura, da configuração de práticas das quais o discurso em análise é parte, das práticas sociais associadas ao problema ou das quais ele decorre, (2) a análise da prática particular, com ênfase para os momentos da prática em foco no discurso, para as relações entre o discurso e os outros momentos, e (3) a análise do discurso, orientada para a estrutura (relação da instância discursiva analisada em ordens do discurso e sua recorrência a gêneros, vozes discursivas de ordens de discurso articuladas) e para a interação (análise linguística de recursos utilizados no texto e sua relação com a prática social).

Essas três análises operam juntas para fornecer uma compreensão mais profunda da proposta em análise, considerando as práticas sociais e as estruturas discursivas envolvidas.

Nas seções a seguir, procuraremos refletir sobre a conjuntura em que as poesias do Slam das Minas foram produzidas, bem como a prática social articulada ao movimento nesse cenário particular de tempo e espaço (contexto).

Em uma primeira instância, teceremos uma discussão a respeito dos papéis da mulher na sociedade ocidental contemporânea, mais pontualmente, da mulher negra. Não esquecendo, evidentemente, uma história racista e machista que ainda reflete e refrata no presente.

Nessa linha argumentativa, podemos considerar que o racismo e o machismo não são fenômenos naturais ou simplesmente acasos sem precedentes, mas são opressões arquitetadas ideologicamente por uma sociedade que reforça discursos hegemônicos, sustentando uma visão de mundo cristalizada por uma esfera de relação de poder que visa excluir outros grupos sociais.

2.5 Análise de prática particular

O discurso é um momento da prática social que ocorre em articulação com outros momentos historicamente situados. Em uma esfera de luta hegemônica, esses momentos da prática constituem uma prática particular, ocorrendo de forma relativamente estáveis e sofrendo alterações no processo de articulação.

As práticas sociais enquanto esferas estáveis condicionam o modo de agir e interagir em sociedade, sustentando ou transformando as ações sociais. A análise de práticas sociais mencionada pode ser vista à luz do conceito de hegemonia tratada por Gramsci (1978), que é uma das bases da ACD. Seguindo a ideia desenvolvida pelo autor, a hegemonia pode ser compreendida como a capacidade que um determinado grupo social tem de impor suas ideias e valores como universais, conduzindo, assim, as relações sociais.

Diante desse cenário, ao analisar as práticas sociais associadas ao problema em questão, a ACD visa compreender como a hegemonia atua para sustentar ou transformar essas práticas. Dito de outro modo, ao investigar as práticas em variadas esferas, a ACD procura identificar como a linguagem é utilizada para reproduzir ou contestar a hegemonia em cada cenário social. Por meio dessas práticas, é possível notar eventos particulares e coletivos que sustentam ou que transformam estruturas sociais. Sintetizando, Gramsci (1978) fala desse equilíbrio instável das coisas a partir da ideia de hegemonia, conforme será discutido com mais profundidade mais adiante.

Ao observar as práticas nas batalhas do Slam das Minas, vemos que o movimento segue uma prática particular, isto é, segue maneiras recorrentes de como os eventos funcionam. Isso nos diz que há uma “estrutura” social específica – advinda de um momento histórico, cultural e social que procura direcionar a maneira como o “evento” é realizado.

Há uma estrutura social, ligada à sociedade que a reproduz e contra a qual o Slam das Minas batalha, e uma estrutura genérica em si, que diz respeito às configurações da batalha como uma prática de linguagem e mecanismo de ação social. A estrutura social geral em que o Slam das Minas ocorre pode afetar as maneiras como os eventos são realizados e as questões que são discutidas neles. Por outro lado, a estrutura genérica é comum a todos os eventos do Slam das Minas e que diz respeito às configurações da batalha como prática de linguagem e mecanismo de ação social.

Enquanto a estrutura social reflete as questões e desafios enfrentados pelas mulheres, a estrutura genérica fornece um modelo consistente que permite que a prática do Slam das Minas seja justa e acessível para todas.

Dito isso, a “estrutura” genérica das batalhas do Slam das Minas pode ser exemplificada a partir de seus elementos fixos: as poesias devem ser autorais, o espaço é destinado às mulheres poetas ativistas, o tempo máximo para cada declamação poética é de

três minutos, dentre outros aspectos. Já os “eventos” seriam cada batalha em si, com suas respectivas individualidades: as diferentes poesias, as diferentes mulheres que participam de cada batalha, a variação de tempo de cada apresentação etc.

Ao analisar a prática particular, assim como a conjuntura, é possível contextualizar a análise discursiva, relacionando o objeto analisado (materializado em textos) com fatores mais amplos situados em determinado contexto.

Apresentadas tais considerações, a pesquisa analisa as redes de práticas (conjunturas) constituídas por práticas articuladas que se tornam momentos integrativos das poesias do Slam das Minas. Icaremos em tela os efeitos de poder e as práticas correspondentes às lutas hegemônicas.

Para tanto, iremos seguir o que Butler (1993) diz sobre ritual de performatividade. Entendemos a influência manifestada pelo social em nossa leitura de mundo, concomitantemente, consideramos a dinâmica considerada por Carvalho (2018, p. 71), já que sua proposta insere os posicionamentos negociados pelos sujeitos nas práticas sociais, mostrando que o sujeito tem certa autonomia no discurso e no social, podendo ressignificar aspectos dos modos de identificação e representação ao desviar conceitos que foram previamente atribuídos, construindo, assim, novos sentidos discursivos e modos de agências²⁰ sobre o social.

2.5.1 Redes de práticas relevantes

Em detrimento de olhar a análise de discurso como um método na pesquisa social, Fairclough (2016) reconhece que as mudanças da língua estão conectadas a aspectos da sociedade e da cultura de determinado tempo/época, entendendo a língua como uma ferramenta importante de estudo da sociedade e de suas oscilações.

Fairclough (2016) se preocupa em investigar a influência das relações de poder diante das dimensões discursivas, sobretudo, os textos midiáticos. O trabalho do autor é destinado

²⁰ Na teoria faircloughiana, o papel do sujeito como agente na construção e transformação das práticas discursivas e sociais é destacado, uma vez que Fairclough entende que o sujeito tem um papel ativo na sociedade, a agência do sujeito é, portanto, uma dimensão fundamental da sua abordagem, pois enfatiza a capacidade do indivíduo de agir sobre o mundo em que vive.

a estabelecer a linguagem como instrumento de mudança social e sobre os lugares que ocupa nas relações da sociedade, elaborando – para tanto - um quadro teórico a fim de analisar o discurso em uma abordagem tridimensional da Teoria Social do Discurso: enquanto texto, prática discursiva e prática social. O autor abarcou, dessa forma, ferramentas para a investigação das mudanças do discurso relacionadas ao social.

Posteriormente, Fairclough (1989) reconhece que o termo “discurso” é complexo por possuir distintas formulações conceituais vinculadas a diferentes pressupostos teóricos. “Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 22). Desse modo, pelos efeitos sociais do discurso, os sujeitos são posicionados socialmente e os discursos, quando se atravessam, são capazes de produzirem discursos novos. Contudo, por meio desse delineamento inicial do discurso, a categoria tridimensional de análise do discurso é apresentada, indicando que qualquer evento discursivo faz parte de um texto, de uma prática discursiva e de uma prática social.

De acordo com Resende (2009, p. 30), Chouliaraki e Fairclough (1999) abordam a vida social como um sistema aberto e a noção de mundo social como um sistema constituído de redes de práticas articuladas - práticas construídas por meio dos domínios sociais que articulam diversos elementos, como vistos no subitem 2.2 do Capítulo 2 desta dissertação.

Direcionando a discussão para as particularidades do texto como elemento tridimensional, podemos dizer que o movimento entre o efeito de influência de um texto ocorre em concordância com as relações de práticas sociais implicadas nessas construções textuais. Ademais, os textos acarretam mudanças e trazem efeitos mediados pelas construções de significados. Vejamos: textos publicitários que evidenciam, recorrentemente, uma mulher preta ocupando um espaço secundário na sociedade contribuem para a formação dos sentidos de identificação daquelas mulheres, para as representações sociais diante daquele corpo e para os modos de agir no mundo social.

As práticas discursivas, por sua vez, dizem respeito aos processos de produção, distribuição e consumo textual; tais processos se modificam a depender dos fatores sociais. Tanto o consumo quanto a produção podem estar na esfera individual ou coletiva. Já os processos de produção e interpretação são implicados por restrições relacionadas às estruturas sociais, aspectos da ordem do discurso e das práticas sociais. É necessário,

portanto, “fazer conexões explanatórias entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares e a natureza das práticas sociais de que fazem parte” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 114). Todavia, as práticas discursivas se realizam como forma linguística e contribuem para a manutenção ou para a transformação de crenças e valores sociais.

A terceira dimensão do modelo tridimensional é a prática social, um conceito trazido e recontextualizado do Realismo Crítico. Em seus primeiros trabalhos, Fairclough (2016) pontua aspectos imbricados nessa prática, como o discurso em relação à ideologia e ao poder, sendo o poder como hegemonia/luta hegemônica. Um marco importante no trabalho de Fairclough (2016) foi evidenciar que a estrutura social é tanto uma condição como um efeito da prática social e o “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95). Não obstante a isso, o discurso afeta os sentidos de identidades e os posicionamentos dos sujeitos, coadjuvando entre suas relações sociais e em seus conhecimentos e crenças, cujos tópicos estão ligados, respectivamente, a três funções de linguagens: identitária, relacional e ideacional, tratadas anteriormente por Halliday (1978) como: metafunção ideacional, interpessoal e textual, modificada, posteriormente, em significados, por Fairclough (2003).

Em resumo, na denominada primeira fase, a abordagem faircloughtiana é uma releitura crítica da teoria da linguagem de Halliday, que enfatiza a importância de uma abordagem integrada e holística da linguagem, que leve em conta as dimensões ideacional, interpessoal e textual em conjunto, como formas de construção de significados identitários, relacionais e ideacionais.

Em termos gerais, podemos dizer que a abordagem hallidayana afirma que toda oração exibe, em maior ou menor grau, as três metafunções. Fairclough (2016), por sua vez, enfatiza o enfoque na dimensão interpessoal.

Segundo Fairclough (2016, p. 97), “[...] a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”. Tais práticas sociais seguem várias orientações do campo político, ideológico, dentre outros. São as práticas políticas que contribuem para a solidificação ou para a transformação das

relações de poder. Já as práticas ideológicas contribuem para a naturalização e transformação dos significados do mundo, envolvendo, assim, as relações de poder.

As práticas sociais são consideradas como uma outra dimensão das práticas discursivas, as quais se manifestam em formas linguísticas, como um texto, por exemplo. Visto que este, ao implicar nos processos de produção, distribuição e consumo, é ambivalente, isto é, pode ter diferentes interpretações. As orações, dessa forma, são multifuncionais uma vez que os significados ideacionais, interpessoais e textuais são imbricados.

De acordo com Ramalho e Resende (2009, p. 35), a ACD “considera a organização da vida social em torno de práticas, ações habituais da sociedade institucionalizadas, traduzidas em ações materiais, em modos habituais de ação historicamente situados”. Práticas sociais são, assim, formadas na vida social. Dessa forma, como visto em Chouliaraki e Fairclough (1999), é a articulação entre gênero, discursos e estilos que consolida o momento discursivo de uma prática. Além disso, são os sujeitos sociais que, inseridos em redes de práticas, contribuem para a manutenção ou para a transformação de estruturas estratificadas na sociedade.

2.5.2 Relação do discurso com outros momentos da prática

Em uma dinâmica dialética, o discurso se relaciona com outros momentos da prática social. Para fins didáticos, podemos ilustrar esses momentos da prática com a figura apresentada por Resende e Vieira (2016),

FIGURA 1: Momentos da Prática Social



Fonte: Resende e Vieira (2016)

Nosso objetivo, nesta etapa, é pontuar a relação do componente discursivo presente nas poesias do Slam das Minas com os demais momentos da prática. Os elementos que compõem o que chamamos de momentos da prática são, de certa forma, parcialmente estáveis, mas podem sofrer alterações no instante em que os elementos que o configuram são reorganizados. Como exemplificado por Resende e Ramalho (2009, p. 39), “o momento discursivo de uma prática é formado pela articulação de elementos como gêneros, discursos e estilos [...]”. Dessa maneira, o momento discursivo de uma prática particular é dado por meio das relações mais ou menos permanentes de seus elementos.

O discurso, contudo, não é somente o texto, mas é uma prática social relacionada com a estrutura e, também, com o evento, isto é, há sempre aspectos relacionados às crenças, as relações sociais, a atividade material e a semiose discursiva que funcionam em conjunto nos momentos da prática.

Para fins de exemplificação, vamos pensar nas batalhas do Slam das Minas. As batalhas são compostas, entre outras coisas, de “atividade material”. Para a sua realização, são necessários o microfone, caixa de som, câmera ou celular para a gravação dos vídeos, entre outros adereços materiais dispostos em determinadas condições de espaço e tempo. Também envolve as “relações sociais” demarcadas pelo ritual: como as pessoas se relacionam com as outras no momento da batalha; quando uma poeta está em performance, já é pré-concebido que é ela quem está com a palavra naquele momento; como ocorre a relação entre poeta-plateia-jurados; há uma temática esperada nas poesias (acreditamos que ninguém vai abordar em sua poesia, como temática principal, qual é a sua música preferida ou qual sabor de sorvete prefere); também imaginamos que as juradas tem que esperar a poeta terminar sua apresentação para conceber uma nota, não podendo interromper no meio de sua fala e dizer, minha nota é 10. Existe a ideia de respeito à fala.

Há também os “fenômenos mentais”, isto é, quais as crenças que estão ali envolvidas. Quais os conhecimentos circunscritos em uma batalha poética? Existem certos saberes e fazeres compartilhados como o de que uma poesia é uma expressão artística e um gênero literário. Para o público do Slam das Minas, há o conhecimento de que o movimento é composto por mulheres e que abordam temáticas pertinentes para a reflexão e crítica da sociedade em que vivemos.

Também temos o “Discurso²¹”. Com isso, podemos inserir os turnos de fala, a maneira como as poetas ativistas dizem, o modo como o público se expressa, um tipo de discurso específico (não vamos em uma batalha poética pensando em ouvir um tom formal e acadêmico, por exemplo, nem temos a intenção de voltar para a casa com uma receita de bolo de chocolate).

²¹ A utilização de "Discurso" com "D" maiúsculo é comumente usada para se referir a uma visão mais teórica do termo, que considera o contexto social, cultural e histórico em que o discurso é produzido. Por outro lado, o "d" minúsculo da palavra "discurso" geralmente é usado para se referir a uma sequência de palavras e frases utilizadas em uma determinada situação comunicativa.

Dessa forma, sempre há uma prática social nas atividades que circundam na sociedade, composta por esses momentos que funcionam em interação. Portanto, práticas sociais prescrevem a forma de ser e interagir no mundo.

2.6 Ação, representação e identificação

Ao considerarmos os passos de análise da conjuntura, nessa etapa destacaremos que os processos de poder, dominação, ideologia e hegemonia depositam marcas textuais, as quais podem ser investigadas por meio das categorias linguístico-discursivas dos significados²² acional, representacional e identificacional propostos por Fairclough (2003).

Ao explanar as ideias centrais advindas dos significados do discurso, esboçaremos, a partir do feminismo negro, decolonialidade e interseccionalidade, outras maneiras de situar os modos de representar, agir e ser em uma materialidade discursiva.

Fairclough (2003) aplica uma outra proposta para o enquadre diante de uma realidade mais material, evidenciando os significados acional, representacional e identificacional. Em linhas gerais, o significado acional seria o modo de agir, o qual permite investigar os gêneros. O significado representacional, isto é, o modo de representar, daria acesso às marcas linguísticas registradas pelo discurso. O significado identificacional seria o modo de ser, podendo evidenciar os estilos. É por meio dos textos que esses significados se relacionam mutuamente.

De acordo com Resende e Vieira (2016), Fairclough (2003) acredita que o texto é representado como uma parte do evento discursivo, introduzindo noções de prática social e ordem do discurso. Para a ACD, o discurso está inserido em práticas sociais, como modos de agir, representar e de ser. Segundo Resende e Vieira (2016, p. 53), os três significados, bem como o conceito de ordem do discurso, são associados aos estudos foucaultianos. Os significados, por sua vez, são, em Foucault (2003), o eixo do poder, do saber e da ética. Há, na ordem do discurso, um dinamismo que valida novas conexões de discurso e gênero, mas,

²² Veremos, contudo, que a noção de significados não será aplicada na análise da presente pesquisa por possuir uma proposta mais centrada ao textual, implicando em uma análise direcionada, principalmente, para elementos linguísticos imediatos, como a gramática, sem uma ênfase em elementos contextuais. Em nosso entendimento, tal via não é muito apropriada para a pesquisa e seu objeto, especialmente, por não destacar aspectos de outras esferas que pautam a vida dos sujeitos, como a sua historicidade. Ademais, esta pesquisa adota uma abordagem teórica que integra múltiplas perspectivas e a noção de significados de Chouliaraki e Fairclough (1999) não se alinha integralmente com todas essas abordagens.

também, uma inflexibilidade que limita certos emaranhados discursivos. As facetas da ordem do discurso estão tanto nas esferas discursivas quanto nas sociais.

Fairclough (2003) explana um quadro sobre a linguagem como parte do social, divididas em três níveis que interligam a esfera do social com a da linguagem, sendo elas: gêneros, discursos e estilos. Seguindo a dinâmica aplicada, o discurso concreto, ou seja, o momento semiótico da prática interage com o discurso, gênero, estilo e, também, com os elementos da ordem do discurso. Já o discurso abstrato – momento da prática, articula as relações sociais, fenômenos mentais e atividade material. Como visto anteriormente, Fairclough (2003) sugere, a partir das funções da linguagem, três classificações de significados, que estão sempre presentes no discurso de forma dialética, contribuindo para identificar a relação dos momentos semióticos, sociais e das redes de ordens do discurso.

Dito isso, explicaremos os significados: acional, representacional e identificacional, respectivamente.

O significado acional revela que os sujeitos podem e agem sobre a sociedade em que vivem, podendo evidenciar, assim, as formas de dominação e de poder existentes. O significado acional se encontra no eixo do poder, sendo possível de ser acessado por meio dos gêneros. A representação discursiva, isto é, o discurso, é a categoria social de análise usada para identificar o significado representacional. Esse significado, por sua vez, está inserido no eixo do saber e, com ele, é possível observar as formas de compreender elementos do mundo social. O significado identificacional, por sua vez, faz parte do eixo do ser, diz das formas de identificar-se socialmente. Tais tipos de significados se relacionam, no entanto, ao conceito de estilo, pois “constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 76).

Ao compreendermos esses significados, podemos observar as múltiplas camadas de significado presentes nos discursos e a maneira como tais discursos moldam e são moldados pelas estruturas sociais em constante interação.

2.6.1 Modos de representar, de ser e de agir

Quando falamos sobre representação, não podemos pensar somente nas ligações articuladas ao texto, tendo em vista que a representação social, em nossa chave de leitura, se alia também aos corpos. Nesse sentido, a dinâmica da representação não pode ser isolada das outras históricas, visto que essa representação não nasce só do texto, mas em uma conjuntura mais ampla de opressão e violência. A representação não está só vinculada a uma memória dos sentidos da palavra; ela está vinculada com uma memória histórica e social.

Nas poesias do Slam das Minas, os modos de representar não estão somente vinculados aos sentidos que estão no texto, mas, em especial, aos sentidos que são combatidos, negados, contrapostos, os quais foram construídos historicamente pelo colonialismo e pelo patriarcado.

É importante destacar que consideramos o Slam das Minas como um texto sob uma perspectiva que o define como uma unidade semântica. Isso significa que não o vemos apenas como uma forma, mas, acima de tudo, como uma unidade de significado. Seguindo a definição de Halliday e Hasan (1976, p. 1-2), "a palavra TEXTO é usada em linguística para se referir a qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer extensão, que forma um todo unificado. (...) Um texto é mais bem considerado como uma unidade semântica: uma unidade não de forma, mas de significado." Portanto, compreendemos que um texto não é entendido somente por seus elementos individuais, mas sim pela totalidade que ele representa. Assim, mesmo ao focarmos em analisar as metáforas textuais, reconhecemos a importância de entender o texto em sua totalidade, em suas distintas materialidades corporais, verbais, icônicas e cinéticas, por exemplo.

Dito isso, vimos que, para Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), os significados são formas de acessar o gênero, o discurso na semiose e o estilo. Porém, compreendemos que o discurso não é só texto - é um momento da prática social interligado com a estrutura e o evento. Quando investigamos os significados, isolamos esse "contexto macro" que opera sobre os sujeitos. Por essa razão, articulamos as ideias dos modos de representar, ser e agir, com base em outras contribuições.

O feminismo negro e a decolonialidade problematizam o conceito de representação. Conforme abordado no capítulo anterior, para Butler (2018), a representação não é só dizer sobre algo, mas é um ritual que molda e formata os corpos. Segundo a autora, a representação

não é só o discurso que coloca no texto, mas é o ritual marcado por essa estrutura que molda os corpos; esse texto está relacionado diretamente às crenças, valores, desejos, interações sociais, ao diálogo e aos corpos que operam essa linguagem dentro de uma rede social. Deste modo, para fins da presente pesquisa, seguiremos com o conceito de representatividade de Butler (1993, 2018), porque o sentido encontrado no texto se vincula ao ritual de performatividade, ao rito de condicionamento de corpos.

Quando trazemos a interseccionalidade do que é ser mulher, preta, de classe baixa e marginalizada, isso tudo interfere no senso de identificação e representação desse corpo. Sendo assim, o conceito de interseccionalidade traz uma série de parâmetros associados que complexifica a emergência de uma representação e de um senso de identificação. A interseccionalidade nos mostra, em relação ao senso de identificação, que não temos liberdade plena para decidir quem queremos ser: somos parcialmente moldados e obliterados diante do contexto social, tendo restritas margens de manobras. Esse fato desnuda que muitos corpos são obrigados, primeiramente, a lutar para sobreviver. Segundo: para existirem. Terceiro: para serem ouvidas. Quarto: para terem uma condição de poder no social. Esse sendo de identificação atravessa uma série de movimentos até chegar ao estatuto de “poder dizer”. Ou melhor, de serem escutadas.

Desse modo, o senso de identificação tem a ver com a forma de se olhar e de se mover sobre o mundo dentro desse circuito daquilo que podemos ou não podemos ser, daquilo que, com as margens de manobras cotidianas, tanto linguística quanto de existência, fazem com que nos identifiquemos - dentro das possibilidades que nos são dadas/permitidas ou que não nos são dadas/permitidas.

O modo de agir, por sua vez, condiz com a questão do poder, da hegemonia e das interdiscursividades. Relevante é destacar o conceito sobre biopoder de Foucault (1996, 1999), em que a operação discursiva é um exercício de poder, mas não apenas isso: é um exercício de controle sobre os corpos. Conceito que Butler (2018) vai reposicionar como biopolítica - discurso pelo qual nos comunicamos, relacionamos, manejamos a forma de interagir com o outro que se trata também de uma forma de opressão, de controle sobre os corpos que tem, para ela, o espaço da figuração e da representação, aspectos que influenciam a forma como as pessoas são tratadas e valorizadas em uma sociedade, trazendo uma ideia de política como negociação de sentidos via discurso e para além dele.

A figuração refere-se à maneira em que as pessoas são representadas. Em outras palavras, considera a maneira com que as normas sociais criam ideias sobre o que é ou não aceitável socialmente. O espaço da representação, pelo seu turno, refere-se à forma como os indivíduos são retratados em diferentes esferas, essas representações influenciam o modo como as pessoas são tratadas e vistas na sociedade. Contudo, Butler (2018) argumenta que a biopolítica não é apenas uma questão de governar a vida, mas também de moldar e produzir sujeitos e está entrelaçada com as relações de poder, as quais podem afetar no processo de exclusão de certas pessoas na sociedade.

Essas questões serão trabalhadas posteriormente a partir da ótica dos modelos culturais de Paul Gee (2001). Uma vez que os modos de representar, agir e identificar são afetados exteriormente, os contextos também condicionam (e são condicionados) os sentidos de identificação que vamos assumir, por já estarem atreladas a vivências e questões cotidianas (não só discursivamente). Logo, os modelos culturais exercem influência nas vivências dos sujeitos e no condicionamento dos sentidos de identificação.

2.7 Função do problema na prática, superação dos obstáculos, reflexão sobre a análise

Nos últimos momentos da análise da conjuntura em destaque, devemos, no primeiro passo, analisar as instâncias sociais e discursivas que auxiliam na manutenção do problema destacado a respeito das opressões sistêmicas em forma de racismo, machismo e classismo que as integrantes do Slam das Minas denunciam em suas poesias: a que interesses esses problemas estão servindo? Quem está sendo beneficiado com a manutenção desses problemas?

Nos versos trazidos para a análise, poderemos observar traços discursivos que reforçam a representação da mulher preta enquanto sujeito que tem a força revestida na pele; por essa razão, não é vista como as mulheres brancas: frágeis e indefesas. Por outro lado, quando olhamos os enunciados que relatam a vida cotidiana, ou seja, manifestações que refletem o social vivido por essas mulheres em paralelo com as notícias midiáticas brasileiras que mostram circunstâncias nas quais esses corpos estão inscritos, tendo que lidar, por exemplo, com a violência policial na periferia que, em muitas das vezes, ao invés de proteger e exercer pela segurança dos moradores, os ameaça e age violentamente perante a eles,

conseguimos traçar uma linha em que o racismo e demais discriminações são conectadas com as instâncias do poder, como o Estado, que deveria lutar para o rompimento, mas que reforça e pratica a opressão contra esses corpos atuando ideologicamente a favor das relações de dominação, pois, ao tirar o direito do corpo negro, particularmente, da mulher negra, todos os demais são, de determinada forma, privilegiados.

Laclau e Mouffe (2015) articulam uma discussão do sistema político como setor de criação, transformação e reprodução de relações estabelecidas socialmente, parte conjurada da instituição social. Instituição que projeta e significa os termos de opressão, dominação e subordinação. Os autores evidenciam também que os movimentos populares empreenderam uma luta sólida contra a classe operante quando se organizaram, amadureceram em relação ao social e solidificaram suas bases.

Nesse cenário, Laclau e Mouffe (2015, p. 236) completam que “Devemos entender por uma relação de subordinação aquela em que um agente é sujeito às decisões de outrem”. Como foi ilustrado na obra, as mulheres, as quais foram submetidas a uma série de imposições sociais que as desclassificaram do agir político, cultural e social, se coagidas aos discursos que as colocavam em uma posição subordinada, não articulariam o movimento feminista. Para eles (2015, p. 237), “[...] foi somente a partir do momento em que o discurso democrático se dispôs a articular as diferentes formas de resistência à subordinação que surgiram as condições que permitiram a luta contra diferentes tipos de desigualdade”. Nesse cenário, a resistência contra a submissão se torna ferramenta para o rompimento das forças de poder homogeneizadoras estabelecidas na sociedade.

Laclau e Mouffe (2015) concordam com o ponto de vista foucaultiano no argumento de que, quando há poder, há resistência. Contudo, acrescentam a reflexão: pode haver diferentes e variadas formas de resistência. Nessa reflexão, os autores colocam em tela a noção de democracia radical e plural. Segundo suas reflexões,

O pluralismo só é *radical* na medida em que cada termo desta pluralidade de identidades encontra em si próprio de sua validade, sem que este tenha que ser buscado num fundamento positivo, transcendente ou subjacente, para a hierarquia de sentido de todos eles, e fonte e garantia de sua legitimidade. E este pluralismo radical é democrático na medida em que a autoconstitutividade de cada um de seus termos é o resultado dos deslocamentos do imaginário igualitário. Logo, o projeto de uma democracia radical e plural, *num sentido primário*, nada mais é do que a luta por uma autonomização máxima de esferas, com base na generalização da lógica equivalência igualitária (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 252).

Podemos entender, assim, que só há democracia quando há justiça social e direitos plenos efetivos para todos os corpos. Dessa forma, o conceito de democracia radical, advindo dos autores em destaque, se torna uma ferramenta de combate contra as injustiças manifestadas nas poesias do Slam das Minas de muito significado e importância.

Outro conceito de ruptura importante para se pontuar é a ideia de “ontologia do corpo”, de Butler (2003), pois permite refletir sobre a maneira pela qual as interfaces de um corpo interseccional são expostas diante as operações desiguais do sistema de Estado, de forma a pensar às formas de biopoder e de governamentalidade como ferramentas de separação de grupos, a fim de classificá-los em enquadramentos diferentes, uns de valorização e outros de desvalorização. Em outras palavras, um grupo que merece viver e outro que não merece viver. Um grupo que terá os cuidados e privilégios estatais e outros que irão sofrer violência e injustiça.

Mbembe (2019, p. 123), no início do texto sobre necropolítica, nos diz que seu “(...) ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. O autor argumenta sobre as conexões entre o poder político e a morte de indivíduos do mundo contemporâneo. Para Mbembe (2019), o Estado utiliza de sua soberania para decidir quem deve viver na sociedade, criando um sistema que nomeou de “necropolítica”.

As ideias trazidas acima nos ajudarão a observar, na análise da poesia, as instâncias sociais e discursivas que auxiliam na manutenção das opressões denunciadas, bem como a entender a quem esses problemas beneficiam. Sobretudo, nos dão chave de manobra para a superação das questões colocadas, imbricadas na segunda instância deste subtópico, que requisita o apontamento de maneiras de superar os obstáculos encontrados na pesquisa, isto é, nesse ponto temos que considerar procedimentos capazes de colaborar para a transformação das circunstâncias sociais que foram apontadas.

No último momento, como proposto pela ACD, temos que manifestar o nosso próprio posicionamento com vistas a estabelecer pontes para a transformação social. Entendendo que as poetas ativistas apontam o descaso que os corpos “a margem” enfrentam na sociedade, devemos captar a profundidade do problema que extermina oportunidades de frequentar espaços, de ter uma vida digna e, até mesmo, de viver, visto que muitas dessas pessoas têm a vida tirada pelas injustiças de uma sociedade racista, patriarcal e discriminatória.

O movimento Slam das Minas se torna um instrumento de mudança quando se coloca como instância performativa que visibiliza a luta de mulheres pretas e periferizadas; quando, ao se identificar nas poesias, representa o outro e se fortalecem em conjunto. Ao impor suas vozes (que são silenciadas socialmente), promovem a mudança. Ao não aceitarem serem reprimidas por um Estado omissivo, sendo a omissão uma ação e uma escolha, que inviabiliza e não reconhece suas causas, constroem os seus próprios caminhos e auxiliam na formação de um futuro melhor para os seus.

É por meio da luta contra-hegemônica que as poetisas ativistas desmascaram elementos que reproduzem uma organização social excludente que privilegia determinado grupo em detrimento de outros, por meio de discursos institucionalizados – ideológicos, e pela sustentação de poderes hegemônicos dos grupos dominantes.

A seguir discutiremos sobre algumas noções essenciais para esta pesquisa, sendo elas a noção de poder, ideologia e hegemonia.

2.8 Discurso como prática social: poder, ideologia e hegemonia

Como exposto anteriormente, em suma, a ACD surgiu a fim de investigar os efeitos sociais de uma materialização linguístico-discursiva como alicerce de mudanças sociais contra as injustiças e desigualdades sustentadas pelo discurso, desnudando o fato de que as condições sociais foram criadas. Resende e Vieira (2016) sustentam a concepção de que os termos “discurso”, “poder” e “ideologia” são conceitos-chave para enxergar a linguagem enquanto prática social e, dessa forma, enquanto objeto de poder indispensável quando falamos de condicionamentos impostos e estruturados socialmente.

A concepção de ideologia na ACD tem como base os estudos de Thompson (2011) e “serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes” (Resende; Ribeiro, 2006, p. 49). Existem várias maneiras que mostram como aspectos ideológicos passam pela linguagem; a ACD, dessa forma, dá suporte para analisar os discursos revestidos de ideologia que atravessam a linguagem. Para Fairclough (2003, p. 18), as “ideologias²³ são

²³No original: “Ideologies are representations of aspects of the world which can be shown to contribute to establishing, maintaining and changing social relations of power, domination and exploitation” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 18).

representações de aspectos do mundo que podem contribuir para estabelecer, manter e mudar as relações sociais de poder, dominação e exploração”. Dito isso, a ideologia é um elemento que permite que relações desiguais de poder sejam criadas ou mantidas em uma sociedade.

O autor ilustra o conceito de ideologia de forma hermética quando diz que,

As ideologias são representações de aspectos do mundo que contribuem para estabelecer e manter relações de poder, dominação e exploração. Eles podem ser encenados em formas de interação (e, portanto, em gêneros) e inculcados em modos de ser ou identidades (e, portanto, em estilos). A análise de textos (incluindo talvez especialmente suposições em textos) é um aspecto importante da análise e crítica ideológica, desde que seja enquadrada em uma análise social mais ampla de eventos e práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 227, tradução nossa)²⁴.

Ideologias podem ser entendidas, portanto, como construções advindas das práticas sociais que favorecem para a produção e reprodução das relações sociais, contribuindo, também, para a transformação das relações de opressão existentes.

Thompson (2011) evidencia a turbulência que o conceito de ideologia enfrentou e os caminhos polêmicos que designam sua trajetória. O autor retrata a história desse conceito-chave para a nossa pesquisa partindo de Destutt de Tracy²⁵ com a concepção de ideologia enquanto uma ciência das ideias, evidenciando os ataques de Napoleão diante ao uso e aos sentidos imbricados ao termo - trazendo um olhar negativo e contraditório à concepção de ideologia - e apontando Marx como um dos nomes centrais para os estudos ligados à ideologia, mesmo com as ambiguidades e os diferentes sentidos da palavra em seu trabalho.

O autor começa a discutir no seu próprio ponto de vista diferenciando dois tipos de perspectivas a respeito da ideologia, sendo nomeadas de: “neutralização do conceito de ideologia” e “concepções críticas de ideologia”. Sendo que “ideologia, de acordo com as concepções neutras²⁶, é um aspecto da vida social (ou uma forma de investigação social)

²⁴ No original: “Ideologies are representations of aspects of the world which contribute to establishing and maintaining relations of power, domination and exploitation. They may be enacted in ways of interacting (and therefore in genres) and inculcated in ways of being or identities (and therefore in styles). Analysis of texts (including perhaps especially assumptions in texts) is an important aspect of ideological analysis and critique, provided it is framed within a broader social analysis of events and social practices” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 227).

²⁵ DE TRACY, D. *Éléments d'idéologie: Idéologie proprement dite*. Nabu Press. (Obra original publicada em 1804)

²⁶ É importante notar que, dentro dos estudos críticos da ideologia, as chamadas "concepções neutras de ideologia" não implicam uma posição verdadeiramente neutra, mas sim uma análise crítica das ideias e das estruturas de poder que subjazem às supostas perspectivas neutras. Essa abordagem crítica envolve uma

entre outros, e não é nem mais nem menos atraente ou problemático que qualquer outro” (THOMPSON, 1995, p. 72). Já a concepção crítica abarca o lado negativo e ilusório da ideologia.

No decorrer do seu trabalho, o autor abandona a noção de naturalização e busca formular uma concepção crítica, apoiado nos implícitos das concepções, a fim de evidenciar o carácter útil para a análise ideológica. Para Thompson (2011), uma análise ideológica observa a maneira pelas quais as formas simbólicas atravessam as relações de poder e está, segundo o autor,

Interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Deixem-me definir este enfoque mais detalhadamente: estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias socio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação (THOMPSON, 2011, p. 76).

Dessa forma, esses fenômenos podem ser ideológicos quando acentuam relações de poder. Os fenômenos simbólicos devem ser situados contextualmente, só, então, podemos perceber se estabelecem e/ou sustentam relações de poder e, para investigar esse aspecto, devemos examinar “como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados” (THOMPSON, 1995, p. 76).

Quando Thompson (2011) aborda a análise ideológica, aponta três esferas que precisam ser compreendidas: os sentidos, o conceito de dominação e a forma de relação entre o sentido e a as relações de dominação. As formas simbólicas estão articuladas dentro de contextos sociais, podendo abarcar textos, falas, formas imagéticas, como também elementos não-linguísticos que são produzidos e reconhecidos entre sujeitos sociais. Já o conceito de dominação se torna visível

[...] quando relações estabelecidas de poder são "sistematicamente assimétricas", isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes,

investigação profunda das formas como as ideologias são construídas e mantidas na sociedade, desafiando a noção de neutralidade ao destacar as relações de poder inerentes ao discurso ideológico.

ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito (THOMPSON, 2011, p. 80).

Nesse sentido, Thompson (2011) apresenta modos de operações da ideologia a fim de esclarecer de que maneira o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Os modos pelos quais, segundo o autor, a ideologia pode operar na construção simbólica são a partir da: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Contudo, o autor afirma que não se trata dos únicos modos pelos quais a ideologia opera, além de argumentar que eles não acontecem de forma isolada.

Ramalho e Resende (2009, p. 47) ressaltam que “as ideologias são significações/construções da realidade”. O conceito de ideologia, direcionado para ACD por meio dos estudos de Thompson (2011), serve para sustentar relações de dominação na sociedade, reproduzindo, dessa forma, uma ordem discursiva que favorece determinado grupo: os grupos dominantes.

Por seu turno, Eagleton (1997) explica que, assim como os estudos e as obras que o antecederam não puderam dar uma definição propícia ao conceito de ideologia, ele tampouco foi capaz. Com isso, podemos perceber a complexidade que vagueia atrás da noção de ideologia. Segundo o autor (1997, p. 15), “a palavra “ideologia” é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais”, tecendo, decerto, uma gama de diferentes significados.

Eagleton (1997) desmistifica alguns significados, revoga a imposição de um caráter puramente negativo e pondera argumentos imprescindíveis para uma compreensão mais plausível do conceito. Nessa perspectiva, não é correto empregar o conceito de ideologia para se referir a qualquer crença, visto que “o termo ideologia, em outras palavras, parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de poder” (EAGLETON, 1997, p. 18). O autor presume que o apontamento de Thompson (1984) sobre a legitimação do poder de um grupo dominante sob os demais seja a forma mais coerente de afirmar a ideologia.

Dito isso, Eagleton (1997) resume as seis principais correntes do conceito de ideologia envolvidas pelo processo de legitimação. Segundo o autor,

Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias

e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* idéias que possam desafiar-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal “mistificação”, como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas (EAGLETON, 1997, p. 19).

Entretanto, o autor destaca algumas questões que conflitam com tal definição de ideologia. Primeiro, nem todo sistema ideológico está imbricado com uma situação de poder político dominante; nem todas as ideologias são opressivas. Posto isso, o autor nos diz que as ideologias são também formas de imposição, de rompimento e de luta. As ideologias são construções sociais que podem surgir em diferentes contextos, nem todas, como dito acima, estão necessariamente vinculadas a uma situação de poder ou opressão, como, por exemplo, uma ideologia que pode vir a surgir em um contexto de resistência e em resposta a alguma questão social. O segundo problema está relacionado, justamente, à noção de poder.

Já por meio dos estudos sobre ideologias propostos por Althusser (1980), é possível compreender que, para o autor, a ideologia opera por meio de aparelhos ideológicos que podem ser entendidos como as instituições sociais que transmitem ideologia e moldam a consciência das pessoas para que elas se conformem com as normas e valores da sociedade dominante. São esses aparelhos ideológicos que colocam a poesia feita na periferia como menos valiosa do que a poesia burguesa - a cultura da burguesia, de maneira geral, é mais valorizada socialmente. A primeira colocação do autor é que toda formação social depende de um modo de produção dominante e, uma vez que os sujeitos sociais são resultados dessas construções, os modos de produção são capazes de reproduzir esses processos na garantia de que o lado dominante tenha sempre o poder diante do social.

Althusser (1980) foi um dos precursores nos estudos sobre a ideologia. Para o autor, além de se tratar sobre uma construção que visa conservar e limitar o social, a ideologia é, também, um meio de mudança. Uma noção cara e que direciona o percurso reflexivo sobre o conceito de ideologia são os Aparelhos Ideológicos de Estado, classificados como religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, da informação, cultural (ALTHUSSER, 1980, p. 43-44).

Esses aparelhos exercem sua dominação através da ideologia, não sendo necessário, portanto, o uso de força. Conseqüente, camufla o teor exploratório de opressor de suas

práticas, diferenciando dos Aparelhos Repressivos de Estado, pois estes sim utilizam a força como forma de dominação. Segundo Althusser (1980, p. 63-64), os Aparelhos Ideológicos de Estados buscam garantir a reprodução das relações de produção.

De acordo com González (2020, local 544), “(...) os aparelhos ideológicos do Estado, na medida em que servem à manutenção das relações de produção existentes, desenvolvem com eficácia a veiculação e o reforço das práticas de discriminação”. O sistema educacional, por exemplo, ao executar uma grade curricular que valoriza a cultura europeia e representa a África sempre como um continente pobre e inferiorizado, serve para reforçar estereótipos²⁷ dos sentidos de identificação de pessoas negras e desvalorizar a cultura africana.

É fácil reconhecer a influência dos estudos de Althusser (1980) quando falamos de ideologia. Contudo, há limitações na teoria do autor, principalmente, por ignorar o posicionamento dos sujeitos como agentes, uma vez que, apesar de serem posicionados ideologicamente, são capazes de agir e transformar a sociedade. Assim como Thompson (2011), Fairclough (2016) compreende a ideologia como fator constituinte da realidade que, somadas às práticas discursivas, atuam para a produção, transformação e, também, reprodução de relações de poder, sendo aspectos relevantes para a naturalização de crenças e conhecimentos sociais.

Figueiredo (2015) explana os caminhos gradativos e os contextos históricos por trás da ideologia, apresenta estudiosos que contribuíram para a compreensão sobre o termo em suas diferentes fases e correntes, e evidencia o avanço do conceito no limiar do campo discursivo e social. Conforme a discussão proposta, também “[...] seguimos a trilha bakhtiniana, concebendo que a parte visível da ideologia ocorre no e pelo plano da linguagem” (FIGUEIREDO, 2015, p. 175). Uma vez que entendemos que a ideologia atua na linguagem, logo, ecoa nas práticas sociais, podemos afirmar que, assim como a teoria bakhtiniana, enxergamos a ideologia como inerente ao diálogo cotidiano. O ato de dizer já é, em si, ideológico.

²⁷ Mussalin e Fonseca-Silva (2011, p. 141) conceituam os estereótipos como “representações ou imagens coletivas cristalizadas e como esquemas culturais preexistentes ou pré-construídos – compartilhados no mundo social – que contribuem para organizar as representações coletivas e o imaginário social”. Em nossa pesquisa, adotamos um ponto de vista discursivo sobre os estereótipos enquanto representações sociais cristalizadas discursivamente no mundo social sobre o que é ser negra, o que é ser branca, o que é ser mulher, dentre outras variantes, em uma determinada sociedade brasileira contemporânea que, geralmente, estabelece hierarquias e, conseqüentemente, processos de subalternização e exclusão social.

Compete aqui dizer que, conforme Figueiredo (2015, p; 176), “a ideologia não se encarna plenamente no dizer, sem filtros e/ou interferências, já que o sujeito é o centro do ato de linguagem, dotado de crítica e margens de manobra. Enfim, no plano do dizer, apenas temos contato com indícios e vestígios da ideologia”. Dessa forma, entendemos que a ideologia não é um fator pré-estabelecido, visto que não é possível concebê-la por completo veiculada apenas na materialidade.

Collins (1990), aproximando a realidade das mulheres pretas desde a época em que foram escravizadas até aos dias atuais, evidencia a dimensão ideológica da opressão de um sistema de controle hegemônico que visa manter esse corpo subalternizado e apagado na sociedade. Quando Collins (1990, local 476) fala em ideologia, refere-se “a um corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas”. A autora argumenta sobre a naturalização de ideologias racista e sexistas na cultura estadunidense, o que podemos ampliar para a cultura ocidental, a qual traz uma visão hegemônica em sua estrutura, reproduzindo o sistema opressor.

González (2020, local 3317) pontua que “[...] a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiados quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento”. Nesse sentido, González (2020) evidencia que o racismo é uma construção ideológica na medida em que existe visando garantir interesses de um determinado grupo social. González (2020), em sua coletânea composta por diferentes textos de sua autoria, atravessa múltiplas esferas do pensamento feminista negro, explorando não só o conceito de racismo, classicismo e sexismo, mas corporificando mulheres que sempre lutaram para o rompimento de forças de poder instituídas socialmente e contra o silenciamento imposto, a fim de recuperar o que foi negado para elas ao longo da história.

Neste subtópico, foi visto que todos os autores estabelecem a relação entre ideologia e poder, entendendo que a ideologia desempenha um papel importante na manutenção das relações de dominação e opressão na sociedade. Althusser (1980), por sua vez, destaca os aparelhos ideológicos do Estado como veículos de transmissão e moldagem da ideologia, enquanto outros autores abordam a ideologia em um contexto mais amplo, incluindo a linguagem e as práticas sociais. Além disso, Thompson (2011) e Fairclough (2003) enfatizam a análise dos sentidos e discursos como fundamentais para entender como a ideologia atua

na sociedade, enquanto os outros autores se concentram mais nas estratégias e implicações da ideologia na questão do poder.

Exposta a reflexão, vamos seguir a noção de ideologia pelo viés feminista negro de González (2020), entendendo ideologia como um conjunto de significados e construções sociais que visam moldar nossa visão de mundo e influenciar nossas crenças e valores. Ela não é neutra e carrega interesses específicos, podendo favorecer grupos ou indivíduos em detrimento de outros. Transmitida por diferentes aparatos, a ideologia pode legitimar sistemas de poder e opressão, mas também pode ser usada como ferramenta de resistência e luta contra as injustiças sociais.

Quando falamos sobre o poder, é pertinente destacar os conceitos de biopoder de Foucault (1996, 1999) e de performatividade para Butler (2003, 2018, 2019). Para Foucault (1999), o biopoder seria a emergência de elementos biológicos, científicos, disciplinares que, em conjunto, atuam enquanto estratégia de poder. O autor (1999, p. 132) retoma o conceito ao considerar que o biopoder “[...] sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”.

O autor desmascara a utilização do poder para a produção de corpos dóceis e ativos economicamente. Contudo, o biopoder consiste em um conjunto de práticas exercidas por meio das relações de poder que visam ao controle da população. Dessa forma, agora seria o corpo, enquanto espécie que vive, adoce e morre, alvo dos mecanismos de regulamentação.

Foucault (1996) reconhece que o poder político atua por meio de pilares desconhecidos. Desta maneira, trabalha a fim de localizar e identificar as diferentes questões de atividades de poder; como e onde a dominação é praticada. O autor defende o ponto de vista de que a produção do discurso é organizada e controlada por métodos que dominam suas potências. Para Foucault (1996, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder que queremos nos apoderar”.

Ainda mais, Foucault (1999, p. 87) entende o poder “[...] como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça,

inverte”. Dessa forma, assim como para o feminismo negro e para a ACD, o poder não é algo permanente e inalterável, mas algo passível de mudanças por ser um objeto de (e em) constante disputa.

Onde há mudanças, há, em outras palavras, transformação social. De acordo com Butler (2018, local 1346), a transformação social acontece por meio de luta, ruptura e resistência. A autora ainda afirma que “onde existe poder existe resistência [...]”. Logo, onde há resistência, pressupomos o poder.

Buttler (2018, local 484) desenvolve a ideia de performatividade para falar de poder: “[...] a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos”. Desse modo, a performatividade manifestada no Slam das Minas, ao acionar o corpo e a voz nas batalhas de poesia, responde a um sistema de poder que atua por meio da opressão sistêmica, a fim de reprimi-las e, ao produzirem um discurso de resistência, abafam o poder constituído ao grupo opressor.

Quando falamos de poder e performatividade, precisamos falar sobre o feminismo. Ribeiro (2018) diz que o termo “feminismo” é, em muitas das vezes, mal interpretado. Para a autora, o termo não diz respeito a uma causa individual, mas trata-se de um “empoderamento²⁸” de si e dos outros, do coletivo. Empoderamento “significa o comprometimento com a luta pela equidade” (RIBEIRO, 2018, local 1495). Não se trata, assim, de uma causa individualizada, mas coletiva. É pelo fortalecimento de uma comunidade que a luta pela justiça e pela igualdade pode ser escutada e sucedida, o “empoderamento”, nesse contexto, é o embate contra o poder instituído.

Hooks (2018, local 266) argumenta que o feminismo não pode ser interpretado como movimento de poder, “[...] se a noção de poder suscitada for o poder adquirido através de exploração e opressão de outras pessoas”. É uma perspectiva de contra-poder que chega, para além de uma construção contra-hegemônica, anti-hegemônica. Nessa perspectiva, podemos entender o poder como uma força articulatória exercida pelos grupos dominantes que fazem do sofrimento de outras pessoas suplemento para o seu próprio interesse.

²⁸ Optamos por evitar o uso do termo 'empoderamento' em nosso trabalho devido à sua implicação de responsabilidade individual, que desloca a responsabilidade da mudança para os indivíduos marginalizados em vez de questionar as estruturas sociais e políticas subjacentes à desigualdade. No entanto, sua inclusão neste contexto específico se justifica pela citação de Ribeiro (2018), cujas palavras foram relevantes para o nosso argumento.

Com base nessa reflexão, o feminismo se coloca de forma contrária a um sistema de poder constituído pela exploração e opressão de outros grupos sociais. Nessa perspectiva, o empoderamento feminino não deve ser entendido enquanto uma aquisição de poder, mas como uma prática que visa transformar as relações de poder existentes, objetivando a igualdade entre as pessoas e à justiça social.

Assim, os autores discutem o poder de maneiras distintas, mas com algumas semelhanças. Foucault (1996, 1999) aborda o biopoder, que envolve elementos biológicos, científicos e disciplinares, atuando como estratégia de controle dos corpos. Ele enfatiza que o poder é exercido através de relações de força, sujeito a mudanças e lutas constantes. Butler (2003, 2018, 2019), por sua vez, apresenta o conceito de performatividade, onde a linguagem produz novas situações e efeitos de poder. Ambos os autores destacam que o poder não é fixo nem estático, mas é reconstruído e reconfigurado nas interações sociais.

Nas perspectivas feministas de Ribeiro (2018) e Hooks (2018), o poder é compreendido de forma crítica. Ribeiro (2018) enfatiza que o feminismo não é uma busca individual pelo poder, mas uma luta coletiva pela equidade e justiça que consiste em fortalecer a comunidade para desafiar um sistema de poder que explora e oprime outros grupos. Hooks (2018) argumenta contra uma noção de poder baseada na exploração e opressão, destacando que o feminismo se opõe a tal sistema e busca transformar as relações de poder existentes.

Influenciada pelas autoras feministas do texto, entendemos que o poder é uma força presente nas interações sociais e instituições que moldam e regulam nossas vidas. O poder pode ser usado para oprimir e explorar, mas também para resistir e buscar por igualdade. A performatividade do poder é uma construção que pode ser desconstruída e reconfigurada em busca de uma sociedade mais equitativa e livre de opressão. Por fim, o poder não deve ser uma busca individual de dominação, mas uma ferramenta coletiva para a transformação social.

É válido dizer que, se a ideologia, reflexo do poder dominante, não é questionada, torna-se única e fixa nos moldes da sociedade. Sendo assim, as relações de exploração são legitimadas e, por isso, hegemônicas. A hegemonia pode ser entendida também enquanto uma esfera da dominação exercida de maneira instável, por ser passível de mudanças, que ocorrem por meio da luta contra-hegemônica. O conceito do poder, devido a sua

inconsistência, amplia espaços para a concepção da luta hegemônica, que visa transformar as relações sociais e os padrões estruturados socialmente.

Butler (2000) evidencia o enfoque do sujeito inserido em uma análise hegemônica, em que as articulações sociais e culturais específicas têm sua importância e articula a noção de poder em solo hegemônico. Segundo a autora,

[...] a hegemonia enfatiza as maneiras pelas quais o poder opera para moldar nossa compreensão cotidiana das relações sociais e para orquestrar as maneiras pelas quais costumamos (e reproduzimos) essas relações de poder tácitas e ocultas. O poder não é estável nem estático, mas é reconstruído em vários momentos da vida diária; constitui nosso tênue senso de bom senso e senta-se confortavelmente no lugar das epistemes predominantes de uma cultura (BUTLER, 2000, p. 19-20)²⁹.

De acordo com o exposto, a hegemonia está atrelada ao poder estrutural, o qual molda e manuseia a sociedade, assim como a forma como os sujeitos se relacionam com o mundo. Butler (2000, p. 20) traça uma linha de aproximação entre a teoria de performatividade e hegemonia quando diz que "Ambas³⁰ enfatizam a forma como o mundo social é construído - e novas possibilidades sociais emergem - em vários níveis de ação social por meio de uma relação colaborativa com o poder". Com isso, podemos observar a rota de fuga que tais abordagens nos trazem para transformar o mundo em um lugar vivível para todos os corpos.

Vieira e Resende (2016) salientam que o conceito de hegemonia é direcionado na ACD por meio dos estudos de Gramsci (1978). Dessa forma, para discutir sobre hegemonia, Fairclough (2016, p. 127) traz contribuições do autor e diz que a "hegemonia é um foco para constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas". Vale constar que a prática discursiva, enquanto uma outra faceta da hegemonia, também contribui para a reprodução e transformação das relações

²⁹ No original: "[...] la hegemonía pone el énfases en las maneras em que opera el poder para formar nuestra comprensión cotidiana de las relaciones sociales y para orquestrat las maneras en las que cosetimos (y reproducimos) esas relaciones tácitas y didimuladas del poder. El poder no es estable ni estático, sino que es reconstruido en diversas coyunturas dentro de la vida cotidiana; contituye nuestro tenue sentido de sentido común y está cómodamente instalado en el lugar de las epistemes prevalecientes de una cultura" (BUTLER, 2000, p. 19-20).

³⁰ No original: "ambas enfatizan la forma en que el mundo social es construido -y emergen nuevas posibilidades sociales - en diversos niveles de acción social mediante una relación de colaboración con el poder" (BUTHER, 2000, p. 20).

sociais. Logo, a hegemonia se torna uma chave de leitura das práticas discursivas que criam conflitos em relação às ordens do discurso existentes, além de ser instrumento para análise de aspectos ideológicos em determinadas práticas, sendo uma grande potência de transformação social, pois, ao evidenciar lacunas das desigualdades sociais, oferece possibilidade para uma luta contra-hegemônica.

Gramsci (1978) afirma que os sujeitos são resultados das relações – complexas - que estabelecem em sociedade. Diante do contexto capitalista, as esferas das classes sociais, as quais dividem toda a sociedade, determinam a dinâmica de dominação ideológica que hierarquiza determinada classe social sobre a outra. O conceito de hegemonia, proposto pelo autor, diz respeito a essa relação pautada em interesses de grupos específicos que fazem parte de uma parcela da sociedade que ignora e silencia todas as outras.

É interessante mencionar uma passagem sob a qual o autor faz menção ao sistema educacional quando diz que “Toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais” (GRAMSCI, 1978, p. 37). Assim, observamos a dinâmica que consiste entre o indivíduo e as culturas que os cercam. Dessa forma, como foi ilustrado, o sistema escolar vai além das instituições escolares, mas se aplica às operações ligadas à hegemonia.

Segundo Resende e Ramalho (2009, p. 43), “ao retomar o conceito de Gramsci, Fairclough (1997, 2001a) caracteriza hegemonia como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força”. Em outras palavras, seriam as dominações exercidas de maneira mais sutil pelos atores sociais, porque são eles que, inseridos em práticas discursivas, atuam para a permanência ou para a transformação das estruturas sociais.

Vimos que os autores discutem a hegemonia como um conceito relacionado ao domínio do poder de um grupo sobre os demais, mas de forma mais sutil, baseada no consenso em vez do uso da força. Foucault (2016) destaca a hegemonia como uma esfera de dominação que pode ser instável e sujeita a mudanças, enquanto Butler (2000) a relaciona com a forma como o poder molda nossa compreensão cotidiana das relações sociais e como as reproduzimos. Para Gramsci (1978), a hegemonia envolve a dinâmica entre classes sociais

e o poder de um grupo em suprimir e silenciar outros. O autor enfatiza a importância da educação e das relações internacionais nesse contexto.

Comparando os autores, todos reconhecem a hegemonia como um poder exercido por um grupo dominante, mas cada um enfatiza diferentes aspectos dela. Contudo, vimos a necessidade de questionar as ideologias hegemônicas para promover uma transformação social. A nosso ver, a hegemonia, portanto, é a imposição sutil de ideologias, valores e normas culturais por grupos dominantes que moldam a sociedade e restringem vozes e perspectivas marginalizadas. É um sistema de dominação que se sustenta pelo consenso e pela reprodução das relações de poder. Para combater a hegemonia, é necessário questionar e desafiar essas estruturas, romper com o silenciamento de vozes e buscar uma transformação social que promova a equidade, justiça e respeito às diferenças. Sendo assim, a luta contra-hegemônica é essencial para construir uma sociedade mais inclusiva, onde diversas vozes possam ser ouvidas e valorizadas.

Sabemos que um dos problemas da sociedade, em termos de injustiça e desigualdades sociais, advém da incorporação de discursos hegemônicos e de sua naturalização em diversos tipos de texto, pois há uma gama de discursos que naturalizam discriminações sociais. Por isso, a necessidade de entender a relação das categorias linguísticas com categorias sociológicas vinculadas ao poder, hegemonia, identidade e ideologia. A ACD, orientada pelo texto, é capaz de mapear escolhas linguísticas articuladas ao contexto social, logo, de perceber as relações de poder existentes.

Podemos afirmar que as condições de produção de textos são limitadas, uma vez que as condições de poderes hegemônicos restringem determinadas vozes e determinados discursos de circularem na sociedade. Assim, o Slam das Minas torna-se um movimento de luta contra-hegemônica por procurar quebrar as estruturas de silenciamento e afirmar vozes por meio das poesias. É por meio da luta contra-hegemônica que é possível visar a transformação de ordens de discurso, questionando e refletindo sobre as hegemonias sociais e driblando ideologias de grupos dominantes que desfrutem do poder social e discursivo. É por meio dessa luta contra-hegemônica que podemos vislumbrar a transformação das ordens de discurso, rompendo com os padrões dominantes e ampliando as possibilidades de vozes marginalizadas serem ouvidas e valorizadas.

Ao reconhecermos a presença intrínseca de poder, ideologia e hegemonia no discurso, consideramos também a utilidade das metáforas e dos modelos culturais para uma compreensão mais profunda dessa dinâmica. Estas ferramentas analíticas fornecem uma lente para examinar como as estruturas de poder se manifestam, como as ideologias são transmitidas e como a hegemonia se estabelece no tecido discursivo. As metáforas possibilitam uma apreensão mais visceral das relações de poder. Além disso, os modelos culturais oferecem uma estrutura conceitual para entender como valores são construídos e disseminados socialmente. Portanto, ao integrar metáforas e modelos culturais em nossa análise, buscamos enriquecer a compreensão da dinâmica de funcionamento do sistema social, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada das complexas interações entre linguagem, poder e cultura.

A seguir, abordaremos sobre a categoria de análise textual “metáfora”, a qual será um instrumento de alicerce na nossa investigação; também iremos explorar mais profundamente as contribuições dos modelos culturais de Gee (2001) para a compreensão do movimento Slam das Minas e sua importância como forma de resistência. Analisaremos como estes modelos podem ajudar a elucidar as dinâmicas culturais presentes no Slam das Minas, assim como os desafios e as conquistas enfrentados pelas participantes desse movimento.

Ao explorarmos a perspectiva de Gee (2001) sobre modelos culturais, podemos entender como esses modelos de pensamento, valores e práticas são internalizados e perpetuados por grupos dominantes. Esses grupos, que detêm o poder social e discursivo, procuram impor suas ideologias e moldar as normas culturais predominantes. No entanto, a luta contra-hegemônica presente no Slam das Minas busca questionar e refletir sobre essas hegemonias sociais. Nesse contexto, a conexão entre os modelos culturais de Gee (2001) e o movimento Slam das Minas se torna evidente. Enquanto os modelos culturais moldam as estruturas de pensamento e comportamento, o Slam das Minas desafia essas estruturas, subvertendo as normas culturais estabelecidas e proporcionando um espaço de expressão e resistência.

2.9 Modelos Culturais e Metáforas

Nos itens anteriores deste capítulo, refletimos sobre as formas de repensar os conceitos, as fronteiras interdisciplinares e as zonas movediças da ACD. Neste item,

trataremos sobre as metáforas e os modelos culturais, duas categorias de análise fundamentais para a investigação desta pesquisa, visto que as metáforas nos permitem investigar as complexas relações de poder, ideologias e, como será visto, é uma ferramenta para acessar os modelos culturais presentes nas poesias analisadas. Assim, as metáforas transcendem o uso figurativo da linguagem, revelando-se como reflexos simbólicos das dinâmicas sociais que permeiam nossa existência.

Os modelos culturais, por sua vez, envolvem as relações sociais, de crenças e valores e desempenham um papel crucial na configuração de senso de identificação, práticas e vivências individuais e coletivas. São eles que, com sua influência intrínseca, condicionam e moldam as representações e ações dos sujeitos, estabelecendo os parâmetros que norteiam suas interações sociais. Os modelos culturais nos mostram que, mais do que tentar convencer as pessoas quando falamos algo (por meio das metáforas, por exemplo), também impactamos seus sentidos de identificação, suas representações e seus modos de agir no mundo.

Portanto, neste subitem, falaremos sobre as duas dimensões analíticas, buscando debater sobre como as metáforas e os modelos culturais se entrelaçam. Gee (2001, p. 69, tradução nossa) evidencia que "Metáforas³¹ são uma fonte rica de modelos culturais, embora, é claro, a maioria dos modelos culturais não seja sinalizada por metáforas".

De acordo com Correia (2017), James Paul Gee não é muito reconhecido, pelo menos no Brasil, como um autor representativo no campo da AD. No entanto, suas contribuições são de grande importância para a compreensão da linguagem e do discurso. Uma de suas afirmações centrais é que, ao falar, tentamos nos adaptar à situação de comunicação, mas, ao mesmo tempo, é a nossa fala que cria essa situação. Isso significa que a linguagem não é apenas um meio de transmissão de informações, mas também um elemento ativo na construção do contexto comunicativo.

O autor destaca a importância das ideologias, que, juntamente com a história e as bases materiais da sociedade, visam moldar o mundo e a própria realidade humana. As ideologias, em grande parte tácitas e ocultas, nos guiam mesmo que de forma inconsciente. No entanto, por meio de nossas práticas sociais, é possível identificá-las. Assim, há a evidência do caráter político da linguagem em uso. Nesse linear, é promovida uma reflexão

³¹ No original: "Metaphors are a rich source of cultural models, though, of course, most cultural models are not signaled by metaphors" (GEE, 2001, P. 69).

sobre o impacto social e político das escolhas linguísticas. Ao observar nossas práticas cotidianas, podemos identificar o momento em que nossos discursos e ações reproduzem desigualdades e opressões e isso possibilita a busca por questionamentos e mudanças.

Em suma, para Gee (2001), a compreensão do discurso requer uma abordagem multidimensional, a qual extrapola as esferas gramaticais e considera os significados, valores e as relações de poder presentes nas interações discursivas. As ideias do autor nos convidam a olhar o impacto social e político de nossas palavras. Sendo assim, os contextos³² desempenham um papel central na teoria e estão ligados à noção de discurso. Os significados são determinados pelo contexto e não intrínsecos às palavras em si. Além disso, os contextos determinam os variados sentidos de identificação, os quais assumimos no decorrer de nossas vidas.

Outra abordagem fundamental de Gee (2001) é referente aos modelos culturais, que são teorias ligadas em práticas de grupos socialmente e culturalmente definidos. Os modelos adquirem uma dupla função como teoria exploratória no campo social e uma categoria analítica dentro de abordagem mais ampla da AD. Esses modelos estão conectados a discursos específicos e desempenham um papel na criação e manutenção de estereótipos. Gee (2001) enfatiza que cada pessoa possui múltiplos e dinâmicos sentidos de identidades que estão relacionados às performances na sociedade, podendo ser vistos sob diferentes perspectivas: natural (características biológicas), identidade institucional (posição social) e identidade discursiva (construída por meio do reconhecimento do outro). O autor também introduz o entendimento de identidade central - construída a partir das práticas individuais influenciadas pelos discursos e experiências.

Gee (2001, p. 43) discute o conceito de modelos culturais como parte de sua abordagem à análise do discurso. Esses modelos culturais são teorias estabilizadas nas práticas de grupos social e culturalmente definidos e estão intimamente ligados aos discursos

³² Para Gee (2001), a noção de contexto refere-se a todos os elementos e condições presentes no ambiente material, mental, pessoal, interacional, social, institucional, cultural e histórico em que uma expressão linguística é produzida. Isso inclui as crenças, valores, compartilhamentos e situações nas quais produtores e intérpretes estão inseridos, bem como as influências intertextuais e históricas que moldam os significados potenciais das palavras. O contexto desempenha um papel fundamental na compreensão e na interpretação das expressões, podendo afetar as respostas e os efeitos que elas têm em um dado discurso.

específicos presentes em uma determinada comunidade que incorpora conhecimentos compartilhados em um grupo social.

Ao utilizar o termo *shoe*, sapato em português, o autor ilustra seu pensamento e explica que essa palavra é muito mais do que um objeto que colocamos nos pés, mas que carrega um conjunto de significados, que não dizem a respeito, somente, a sua função básica de proteger os pés, mas também diz sobre ideias de moda, tendência, estilo, identidade pessoal, status social, conforto, entre outros. A partir desse exemplo, conseguimos visualizar que os modelos culturais associados à palavra *shoe* variam de acordo com diferentes contextos culturais. É necessário compreender os modelos culturais que visam moldar e influenciar nossa interpretação e o uso de determinado vocabulário. Dessa forma, os modelos culturais nos ajudam a compreender como a linguagem e o discurso são condicionados (e condicionam) por fatores culturais e sociais.

Nesse raciocínio,

Um modelo cultural é geralmente uma teoria explicativa totalmente ou parcialmente inconsciente, ou uma 'linha narrativa', conectada a uma palavra - pedaços e fragmentos dos quais são distribuídos entre diferentes pessoas em um grupo social - que ajuda a explicar por que a palavra tem diferentes significados e possibilidades situacionais para grupos sociais e culturais específicos de pessoas (GEE, 2001, p. 44: tradução nossa).³³

Os modelos culturais desempenham um papel fundamental na criação e na manutenção de significados e práticas discursivas e sociais em uma comunidade, influenciando nossas interpretações e interações no mundo, fornecendo uma estrutura para nossa compreensão e ação dentro de contextos específicos.

Gee (2001) discute duas ferramentas de investigação que são importantes de serem destacadas: uma são os "modelos culturais", o qual estamos discutindo; a outra são os "significados situados". Ambos envolvem formas de observar como os falantes atribuem significados específicos à linguagem em situações específicas. O autor argumenta que os significados das palavras não são estáveis. Em vez disso, as palavras possuem múltiplos significados que são criados e adaptados a contextos específicos de uso, ao mesmo tempo em

³³ No original: "A cultural model is usually a totally or partially unconscious explanatory theory or "storyline" connected to a word – bits and pieces of which are distributed across different people in a social group – that helps to explain why the word has the different situated meanings and possibilities for the specific social and cultural groups of people that it does" (GEE, 2001, p. 44).

que estão intrinsecamente ligados a grupos sociais e culturais de maneiras que vão além de questões individuais.

Em resumo, as teorias culturais são modelos explicativos enraizados nas práticas de grupos socioculturalmente definidos. Esses modelos estão parcialmente presentes nas mentes das pessoas e parcialmente nas práticas dos grupos culturais. Além dos significados situados, cada palavra também está associada a um modelo cultural, uma teoria inconsciente ou uma rede conectada à palavra e distribuído entre os membros de um grupo social. Esses modelos ajudam a explicar por que a palavra tem diferentes significados situados e possibilidades para diferentes grupos sociais e culturais.

Os significados situados variam em diferentes contextos, tanto dentro de um Discurso específico quanto entre diferentes Discursos. Esses significados estão ligados a modelos culturais específicos de grupos sociais, influenciados por poder, status e diferentes formas de conhecimento. Como exemplificado por Gee (2001), há uma diferença entre o espaço cotidiano e o científico (assim como outros espaços, o escolar, o religioso, o político) na compreensão de certas palavras. Afinal, as palavras possuem significados relativos a diferentes Discursos e a compreensão de uma palavra depende do contexto em que é utilizada.

Nesse limiar, a palavra "corrente" pode adquirir significados distintos, de acordo com o discurso envolvido. No espaço cotidiano, a palavra "corrente" pode ser interpretada como um objeto físico, como uma sequência de partes de metal que se entrelaçam umas nas outras ou uma corrente de água saindo da torneira. No entanto, no contexto do Slam das Minas, essa palavra pode ganhar significados simbólicos e metafóricos que refletem as experiências das poetisas ativistas. Por exemplo, a palavra "corrente" pode ser usada metaforicamente para representar as correntes da opressão e do patriarcado, que aprisionam as mulheres em expectativas sociais restritivas. Nesse sentido, a palavra "corrente" não é mais apenas um objeto físico, mas um símbolo das lutas enfrentadas pelas mulheres na sociedade.

Os significados situados das palavras são formados pelo armazenamento de características relevantes em diferentes contextos de comunicação. Essas montagens são influenciadas pelas experiências passadas e pela interpretação do contexto atual. Essa abordagem destaca a natureza ativa e dinâmica do processo de atribuição de significado que são negociados em interações sociais e refletem modelos culturais e experiências

compartilhadas, sendo influenciados, portanto, por modelos culturais e práticas sociais. Sintetizando o que foi dito, segundo Gee (2001, p. 52), os modelos culturais

(...) não existem apenas nas mentes das pessoas, mas muitas vezes são compartilhados entre indivíduos, livros, outras mídias e várias práticas sociais (...). Da mesma forma, os significados situados não residem apenas nas mentes individuais; muito frequentemente, eles são negociados entre pessoas por meio da interação social comunicativa (...).³⁴

No contexto intertextual e histórico, é importante compreender que as palavras possuem significados situados que são influenciados pelas circunstâncias materiais, mentais, sociais, culturais e históricas em que são utilizadas. O contexto abrange uma ampla gama de elementos que moldam as respostas às questões levantadas. Além disso, as palavras carregam consigo suas histórias e potenciais significados situados adquiridos ao longo do tempo, em diferentes contextos e discursos. Conforme Gee (2001, p. 57), "Assim, o presente é, de fato, em parte um artefato de um passado muito específico. O presente é o resultado de significados situados e modelos culturais anteriores, significados e modelos que continuam a habitar o presente de maneiras mais ou menos evidentes".³⁵

Dito isso, o autor discute as implicações sociais e políticas empregadas aos modelos culturais. Os modelos culturais são ferramentas de investigação importantes, pois mediam entre as interações diárias e as estruturas sociais mais amplas. Eles simplificam o mundo e estabelecem o que é considerado "normal" em uma sociedade. Um exemplo evidenciado por Gee (2001) é o termo "solteiro", cujo significado é moldado por um modelo cultural que exclui certos grupos como homens "normais", já que, na visão do autor, um padre, por exemplo, não é socialmente considerado solteiro. Essas exclusões têm implicações políticas, pois moldam nossas suposições e ações em relação aos outros. Mirando para o nosso objeto de pesquisa, é possível ver que, conforme discutido no subitem 1.3 desta dissertação, o termo

³⁴ No original: "(...) don't just exist in people's heads, but are often shared across people, books, other media, and various social practices (...). So, too, situated meanings don't just reside in individual minds; very often they are negotiated between people in and through communicative social interaction (...)" (GEE, 2001, P. 52).

³⁵ No original: "Thus, the present is, indeed, partly an artifact of a very specific past. The present is an outcome of previous situated meanings and cultural models, meanings and models which continue to inhabit the present in more or less overt ways" (GEE, 2001, p. 57).

"mulher" como um ser frágil e indefeso, aplica, somente, para as mulheres brancas e cis, as mulheres pretas e trans, são excluídas desses modelos.

Em suma, os modelos culturais são produtos de uma história específica e continuam a influenciar nosso presente de maneiras sutis, podendo causar danos ao implantar suposições injustas, depreciativas ou discriminatórias sobre outras pessoas, sendo capazes de perpetuar estereótipos e marginalizar certos grupos.

No entanto, muitas vezes, não estamos cientes de que estamos usando esses modelos e das implicações completas que eles têm. Eles podem variar entre diferentes grupos culturais e mudar ao longo do tempo. Nossa compreensão de palavras e conceitos, como o termo "mulherzinha", usado para "ferir" a masculinidade de um homem ressaltando que ele precisa se posicionar agressivamente, ofendendo e desmerecendo, assim, as mulheres, é moldado por esses modelos culturais que reforçam estereótipos sociais.

Conforme o autor, nossa mente é social, pois os modelos culturais que nos atravessam em detrimento das práticas culturais, discursivas e sociais conduzem nosso modo de pensar, de valorizar as coisas e de agir.

É importante reconhecer esses modelos e suas influências em nossas vidas para evitar preconceitos e discriminações. Ao entender esses modelos, podemos compreender melhor como a cultura e a sociedade moldam nossas percepções e comportamentos.

No texto, é destacada, com influência no trabalho de Strauss³⁶, diferentes tipos de modelos culturais com base na sua utilização e nos efeitos que têm sobre nós. São mencionados três tipos principais: modelos assumidos - os quais conscientemente assumimos; modelos avaliativos - os quais usamos conscientemente ou não para fazer julgamentos; e modelos em ação - os modelos em interação, frutos da relação que diferentes modelos travam entre si. Esses modelos podem abranger uma variedade de aspectos, como atitudes, comportamentos, estruturas sociais e formas de comunicação.

As metáforas podem ser usadas para sinalizar modelos culturais, alguns deles se tornam modelos mestres que organizam o pensamento e as interações em várias áreas da vida. Por exemplo, o modelo do "casamento" como um investimento ou do "argumento"

³⁶ No original: "What makes Tony run? Schemas as motives reconsidered" In: D' ANDRADE, R.; STRAUSS, C. (eds), Human motives and cultural models. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 197-224.

como uma guerra são exemplos de como as metáforas podem influenciar a maneira como pensamos e agimos.

Não é incomum que modelos culturais sejam sinalizados por meio de metáforas (Lakoff 1987; Lakoff e Johnson 1980). Muitas vezes, as pessoas não estão cientes do significado completo dessas metáforas, que geralmente passam a ser consideradas como certas. Às vezes, essas metáforas estão conectadas a 'modelos mestres' no sentido de que as teorias implícitas que elas sugerem são amplamente utilizadas para organizar várias áreas significativas de uma determinada cultura ou grupo social (GEE, 2001, p. 69: tradução nossa).³⁷

Os modelos mestres seriam os modelos culturais maiores que desencadeiam outros modelos culturais de contraposição³⁸, são conjuntos de modelos culturais associados (ou individuais) que ajudam a organizar aspectos amplos das experiências do mundo.

Os modelos culturais mestres representam as forças sociais que transcendem fronteiras e contextos, tais como o machismo e o racismo. No entanto, é importante destacar que essas forças não se manifestam uniformemente em todos os lugares; elas exibem padrões regulares. Observamos que esses modelos culturais estão integrados em formações discursivas mais amplas. Contudo, toda vez que essas formações discursivas são aplicadas, elas se moldam em conformidade com o gênero - que é determinado pelo evento em questão.

Um modelo cultural, essencialmente, representa uma estrutura de discurso que se adapta a um contexto específico. Isso implica que existem influências específicas condicionando aquele evento. Em outras palavras, as mulheres que participam das disputas do Slam das Minas estão submetidas a regras explícitas e implícitas que regulam as suas capacidades de adaptação e a maneira como esses modelos culturais podem influenciar suas crenças e valores.

Assim, é crucial reconhecer que os modelos culturais mestres não são estáticos, mas sim maleáveis de acordo com os modelos culturais de contraposição, a situação e a moldagem

³⁷ No original: “It is not uncommon that cultural models are signaled by metaphors (Lakoff 1987; Lakoff and Johnson 1980). Very often people are unaware of the full significance of these metaphors, which usually have come to be taken for granted. Sometimes these metaphors are connected to “master models” in the sense that the tacit theories they imply are used widely to organize a number of significant domains for a given culture or social group” (GEE, 2001, p.69).

³⁸ Na abordagem de Gee (2001) – por questões que podem ser até mesmo da diferença do sistema linguístico/léxico do Inglês na sua relação com o do Português - é utilizado o termo “modelos culturais menores”, a palavra “menor” especialmente, não valoriza a potencialidade da categoria. Acreditamos que não dê para desvencilhar a conotação negativa e pejorativa de “menor”. Assim, demos o nome “modelos culturais de contraposição” a esses modelos, mais condizentes com uma avaliação decolonial.

do discurso. As interações dentro do Slam das Minas estão sujeitas a esses condicionamentos, delineando as formas pelas quais os modelos culturais afetam a perspectiva, os pontos de vista e as atitudes das mulheres envolvidas.

Gee (2001) menciona que as metáforas são um recurso rico para sinalizar modelos culturais. Embora muitos dos modelos culturais não sejam expressos diretamente por meio de metáforas, algumas delas desempenham um papel significativo na organização do pensamento e das interações em várias áreas da vida. Um exemplo citado é o tratamento da argumentação como uma forma de guerra, em que expressões como "defender um argumento" ou "derrotar um argumento" são usadas. Essa metáfora pode se tornar um modelo mestre quando é estendida para além do contexto da argumentação e aplicada a relacionamentos pessoais, institucionais e políticos.

Gee (2001) também aborda os modelos culturais como formas de "trabalho de reconhecimento". O autor destaca que esses modelos não são apenas baseados em nossas experiências no mundo, mas também projetam nossos pontos de vista sobre o que é certo e errado e como resolver problemas; estão imbricados os nossos modos de ser, estar e agir no mundo.

O autor propõe algumas perguntas às quais os modelos culturais, enquanto ferramentas de investigação, nos condicionam a fazer,

Eles nos levam a questionar, ao nos depararmos com um pedaço de conversa, escrita, ação ou interação, questões como estas: 1) Quais modelos culturais são relevantes aqui? O que devo assumir, como analista, que as pessoas sentem, valorizam e acreditam, consciente ou inconscientemente, para falar (escrever), agir e/ou interagir dessa maneira? 2) Existem diferenças aqui entre os modelos culturais que estão afetando crenças declaradas e aqueles que estão afetando ações e práticas? Que tipos de modelos culturais, se houver, estão sendo usados aqui para fazer julgamentos de valor sobre si mesmo ou sobre os outros? 3) Quão consistentes são os modelos culturais relevantes aqui? Existem modelos culturais concorrentes ou conflitantes em jogo? Em nome de quem os modelos culturais estão sendo representados? 4) Quais outros modelos culturais estão relacionados aos mais ativos aqui? Existem "modelos mestres" em ação? Quais tipos de textos, mídia, experiências, interações e/ou instituições poderiam ter dado origem a esses modelos culturais? 5) Como os modelos culturais relevantes aqui estão contribuindo para reproduzir, transformar ou criar relações sociais, culturais, institucionais

e/ou políticas? Que Discursos e Conversações esses modelos culturais estão ajudando a reproduzir, transformar ou criar? (GEE, 2001, p. 78)³⁹.

Os modelos culturais são ferramentas valiosas de investigação que nos permitem compreender como as pessoas se expressam, agem e interagem com base em suas crenças e valores culturais. Ao nos depararmos com uma conversa, escrita, ação ou interação, podemos nos questionar sobre quais modelos culturais⁴⁰ estão em jogo.

Uma vez que visamos entender as metáforas sobre o resistir existentes nas poesias, os modelos culturais se tornam uma ferramenta agregadora ao nos oferecer suporte de análise para olhar as premissas compartilhadas, as diferenças e os fatores identitários, representacionais e acionais das poesias envolvidas.

Como foi visto, a ACD busca analisar como o poder e as relações de dominação se manifestam nos discursos; nesse âmbito, a metáfora desempenha um papel crucial na (re)construção de ideologias e na reprodução de relações assimétricas de poder. As metáforas são entendidas como formas de pensamento que visam estruturar nossa compreensão da realidade e moldar nossas percepções, valores e atitudes, sendo um instrumento para produzir e reforçar significados sociais e políticos.

As metáforas podem ser usadas de forma sutil e persuasiva para transmitir ideias, estereótipos e preconceitos, podendo contribuir para a perpetuação da dominação simbólica e material. Um exemplo de análise metafórica na ACD pode ser a investigação do uso de metáforas nos discursos inseridos nas poesias do Slam das Minas. Ao descrever um determinado fazer artístico como uma “batalha”, os discursos podem criar uma sensação de

³⁹ No original: “They lead us to ask, when confronted with a piece of talk, writing, action, or interaction, questions like these: 1) What cultural models are relevant here? What must I, as an analyst, assume people feel, value, and believe, consciously or not, in order to talk (write), act, and/or interact this way? 2) Are there differences here between the cultural models that are affecting espoused beliefs and those that are affecting actions and practices? What sorts of cultural models, if any, are being used here to make value judgments about oneself or others? 3) How consistent are the relevant cultural models here? Are there competing or conflicting cultural models at play? Whose interests are the cultural models representing? 4) What other cultural models are related to the ones most active here? Are there “master models” at work? 5) What sorts of texts, media, experiences, interactions, and/or institutions could have given rise to these cultural models? 5) How are the relevant cultural models here helping to reproduce, transform, or create social, cultural, institutional, and/or political relationships? What Discourses and Conversations are these cultural models helping to reproduce, transform, or create?”.

⁴⁰ A título de curiosidade, Correia (2017, p. 87) argumenta que Gee (2005) reformula o conceito de modelos Culturais como modelos Discursivos. Entretanto, continuaremos a mencionar o termo modelos culturais uma vez que a obra de Gee (2001), utilizada neste trabalho, utiliza o termo modelos culturais.

urgência, combate contra algo e justificar ações de rupturas, denúncias e/ou confrontos. Essas metáforas podem reforçar a ideia de que a arte é, entre outras coisas, uma arena de luta, de crítica e de consciência.

A análise das metáforas visa revelar como elas são usadas para tentar influenciar a forma como pensamos, agimos e compreendemos a realidade, destacando, assim, os aspectos políticos e sociais presentes na linguagem.

Nos estudos faircloughianos, vemos a discussão do papel das metáforas como elementos discursivos que contribuem para a construção e manutenção das relações de poder e ideologias. Ou seja, além de sua função estética e comunicativa, as metáforas também desempenham um papel ideológico e político. Elas podem moldar nossa compreensão da realidade, influenciar nossas atitudes e reforçar certas visões de mundo. Por meio das metáforas, valores, crenças e ideias são transmitidos e legitimados de forma persuasiva, muitas vezes de maneira sutil e implícita.

Para Fairclough (1989, p. 119: tradução nossa),

A metáfora é um meio de representar um aspecto da experiência em termos de outro, e de forma alguma está restrita ao tipo de discurso com o qual tende a ser estereotipicamente associada - poesia e discurso literário. Mas qualquer aspecto da experiência pode ser representado em termos de qualquer número de metáforas, e é a relação entre metáforas alternativas que é de particular interesse aqui, pois diferentes metáforas têm diferentes associações ideológicas.⁴¹

Isso significa que diferentes metáforas podem ser usadas para representar um mesmo fenômeno, mas cada uma delas pode refletir uma perspectiva ideológica diferente.

Ao identificar as metáforas utilizadas em um discurso, a investigação de seu contexto de uso e a compreensão de como elas tentam moldar a interpretação e a compreensão dos sujeitos, temos a possibilidade de perceber os discursos subjacentes e as ideias implícitas que são transmitidas por meio de termos metafóricos. Seu estudo pode ajudar a identificar as

⁴¹ No original: “Metaphor is a means of representing one aspect of experience in terms of another, and is by no means restricted to the sort of discourse it tends to be stereotypically associated with - poetry and literary discourse. But any aspect of experience can be represented in terms of any number of metaphors, and it is the relationship between alternative metaphors that is of particular interest here, for different metaphors have different ideological attachments” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 119).

formas sutis pelas quais as relações de poder são reproduzidas e contestadas por meio da linguagem.

Lakoff e Johnson (2003) argumentam sobre a metáfora na vida cotidiana, indo em direção contrária ao pensamento de que a metáfora se trata de um atributo voltado à linguagem, mas sendo uma característica, também, do pensamento e da ação. Ramalho e Resende (2011, p. 146) utilizam a influência dos estudos de Lakoff e Johnson (2003) para discutirem a respeito da metáfora e destacam a abordagem de Lakoff e Johnson (2003) ao dizerem que o nosso próprio sistema conceitual é metafórico, já que é a partir de nossas experiências que conseguimos traçar conexões de leituras para compreendermos aspectos do mundo. Assim, além de contribuir para a estruturação de nossos pensamentos, as metáforas influenciam os nossos comportamentos, as relações que construímos e os nossos sentidos de identidades - pessoais e coletivos.

Contudo, como o nosso sistema conceitual acontece, muita das vezes, de maneira inconsciente, uma das maneiras de descobrir os imbricamentos metafóricos é por meio da linguagem. “Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4).

No exemplo dado pelos autores, “Discussão é guerra”, Lakoff e Johnson (2003) demonstram como essa metáfora estrutura, pelo menos parcialmente, a dinâmica de uma discussão. Ao trazer elementos da guerra, como atacar e defender, para descrever a natureza de uma discussão, influencia a forma como percebemos, compreendemos e nos engajamos em uma discussão, pois seguimos um padrão baseado na metáfora da guerra.

Em Lakoff e Johnson (2003), também podemos ver o conceito metafórico “Tempo é Dinheiro”. Os autores evidenciam que expressões cotidianas refletem essa metáfora, como a frase “você está desperdiçando meu tempo”. Assim, podemos perceber que a nossa cultura valoriza o tempo como uma mercadoria valiosa, assim como o dinheiro. Quando ampliamos o nosso olhar, vemos que essa ideia tem influência em nossas atividades diárias, como pagar por hora, gerenciar nosso tempo, desperdiçar ou aproveitar o tempo que nos resta. Esses conceitos metafóricos formam um sistema interligado, com implicações entre eles e ao estudar as expressões metafóricas em nossa linguagem, podemos entender melhor a estrutura desses conceitos.

É importante notar que nem todas as culturas conceitualizam o tempo dessa maneira. Essas metáforas são específicas de nossas culturas ocidentais. Assim, o uso sistemático de metáforas em nossa linguagem nos ajuda a compreender melhor os conceitos subjacentes e a natureza metafórica de nossas ações e pensamentos cotidianos.

Além disso, segundo os autores, a sistematicidade metafórica permite que compreendamos um aspecto de um conceito em termos de outro. Portanto, devemos estar cientes das limitações das metáforas e de como elas podem destacar e ocultar aspectos dos conceitos que elas representam. Por exemplo, quando falamos da força das mulheres pretas, podemos estar deixando de lado as vulnerabilidades e as dificuldades que muitas mulheres enfrentam diariamente, diminuindo suas dores e as opressões que se apresentam para elas.

Enquanto as metáforas oferecem uma maneira eficaz de compreender e comunicar ideias, é essencial reconhecer que elas são apenas uma abordagem parcial para entender a complexidade dos conceitos que permeiam nossa linguagem e pensamento cotidiano. Dito isso, os modelos culturais podem ser uma ferramenta agregadora que nos auxiliam a investigar essa complexidade.

Lakoff e Johnson (2003, p. 16) nos mostram alguns tipos de metáforas. As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro conceito. As metáforas orientacionais, por sua vez, formam um sistema completo de conceitos inter-relacionados, muitas das quais estão relacionadas à orientação espacial, como cima-baixo, dentro-fora, entre outras; seguindo o exemplo dos autores, feliz é para cima, enquanto triste, é para baixo. Ou seja, essas metáforas têm uma base em nossa experiência física e cultural, mas podem variar de cultura para cultura.

Em nossa sociedade, "alto status" é um desses conceitos que enfatizam a importância das bases experienciais nas metáforas e como elas influenciam sua compreensão; ora, essa ideia de "alto status" é frequentemente associada a uma hierarquia social, em que certas posições, ocupações ou características são valorizadas e proporcionam maior reconhecimento e privilégios em nossa cultura. As metáforas não devem ser vistas isoladamente, mas sim como parte de um sistema articulado que reflete nossas experiências físicas e culturais.

É válido dizer que determinados grupos podem compartilhar certos valores que entram em conflito com os da cultura dominante. Os sujeitos também variam em suas prioridades e na definição do que é bom para eles.

Os autores ainda falam sobre as limitações das metáforas orientacionais, uma vez que elas se baseiam apenas em orientações espaciais, não levando em conta outras dimensões de experiência. Quando podemos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, somos capazes de referir-nos a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las, construindo um raciocínio mais complexo sobre essas experiências.

Assim como as experiências básicas das nossas orientações espaciais dão origem a metáforas orientacionais, nossas experiências com objetos físicos (inclusive e, em especial, com os nossos próprios corpos) nos dão uma base ampla de metáforas ontológicas, ou seja, formas de visualizar eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias.

As metáforas ontológicas podem ser entendidas no exemplo elaborado por Lakoff e

Johson (2003, p. 27). Consideremos a experiência de preços em alta, que pode ser metaforicamente vista como uma entidade por meio do substantivo inflação. Isso nos dá uma maneira de nos referirmos à experiência: "a inflação está diminuindo nosso padrão de vida" e/ou "precisamos combater a inflação". Nesses casos, ver a inflação como uma entidade nos permite nos referirmos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto específico dela, agir com relação a ela, buscar formas de compreendermos melhor o conceito. Metáforas ontológicas como essa são necessárias para lidar racionalmente com nossas experiências.

De acordo com os autores, as metáforas ontológicas mais óbvias, talvez, sejam aquelas em que o objeto físico é especificado como sendo uma pessoa. Em outras palavras, o objeto dito é personificado. Isso nos permite compreender experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Nesse cenário, quando afirmamos que "a poesia resiste", estamos atribuindo características humanas a algo não humano, ou seja, estamos personificando a poesia. No entanto, a personificação não é um processo único e pode variar dependendo dos aspectos humanos enfatizados na descrição. Seguindo o exemplo dado, ao dizer, agora, "eles foram destruídos pela poesia do Slam das Minas", novamente estamos personificando a poesia, mas a metáfora, dessa vez, vai além da ideia de que a poesia é capaz, como uma pessoa, de destruir algo ou resistir a algo. Nesse caso, a poesia é retratada como uma aliada de uma causa social,

ou seja, ela é simbolicamente associada a uma força que contribui para causar uma mudança ou efeito significativo. Essas formas de personificação e metáfora são recursos linguísticos que ampliam nosso entendimento e percepção do mundo, permitindo atribuir características humanas a objetos, conceitos ou ideias abstratas. No exemplo utilizado pelos autores, vemos a frase "a inflação é um adversário", com isso, acompanhamos uma reflexão de que a metáfora não apenas nos fornece uma maneira específica de pensar sobre a inflação, mas também um modo de agir em relação a ela. Pensar na inflação como um adversário, justifica ações políticas por parte do governo de, por exemplo, declarar guerra à inflação.

Segundo Lakoff e Johnson (2003, p. 34),

O ponto aqui é que a personificação é uma categoria geral que abrange uma ampla variedade de metáforas, cada uma destacando diferentes aspectos de uma pessoa ou formas de olhar para uma pessoa. O que todas têm em comum é que são extensões de metáforas ontológicas e nos permitem compreender fenômenos no mundo em termos humanos - termos que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. Visualizar algo tão abstrato quanto a inflação em termos humanos tem um poder explicativo do único tipo que faz sentido para a maioria das pessoas. Quando estamos sofrendo perdas econômicas substanciais devido a fatores econômicos e políticos complexos que ninguém realmente entende, a metáfora "A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO" pelo menos nos fornece uma explicação coerente do porquê estamos sofrendo essas perdas.

Contudo, a personificação é uma categoria geral de metáforas que nos permite compreender fenômenos em termos humanos. Outra categoria colocada pelos autores é a metonímia, um outro tipo de metáfora que também é uma figura de linguagem que nos ajuda a expressar conceitos de maneira mais eficiente e específica, além de desempenhar um papel importante na representação de significados simbólicos em nossa cultura. Nas metáforas metonímicas usamos uma entidade para nos referirmos a outra. Assim, quando falamos que o Slam das Minas é um movimento que faz poesia urbana com um viés crítico e social, não estamos falando do Slam das Minas, mas das pessoas que participam e estão engajadas no movimento Slam das Minas.

Os autores também discutem como nosso sistema conceitual é estruturado, em grande parte, por meio de metáforas. Eles sugerem que conceitos espaciais simples, como "acima" e "abaixo", são exemplos de conceitos que emergem diretamente de nossa experiência física. No entanto, enfatizam que até mesmo nossas experiências físicas estão enraizadas em

pressupostos culturais. Os autores também discutem como as emoções, que são menos claramente delineadas em termos físicos, podem ser compreendidas por meio de metáforas.

A ideia central é que a compreensão de conceitos, muitas vezes, é mediada por metáforas que se baseiam em nossas experiências físicas. Mesmo quando experienciamos algo que não é físico, tendemos a conceituá-lo em termos de experiências físicas mais familiares.

Assim, podemos perceber, conforme os autores, que nossa forma comum de conceber o mundo e agir nele é essencialmente metafórica. As metáforas desempenham um papel fundamental em nossa percepção da realidade e têm uma influência significativa na formação de nossas crenças, valores e atitudes.

Lakoff e Johnson (2003) sustentam que as metáforas não são apenas figuras linguísticas, mas reflexos da mente humana e sua maneira principal de processar informações. Elas não apenas comunicam significado, mas também revelam a estrutura conceitual subjacente em nossos pensamentos e crenças. As metáforas nos permitem compreender conceitos abstratos e experiências por meio de experiências físicas concretas. Ao conectar domínios distintos, elas expandem nossa capacidade de pensar e comunicar sobre ideias complexas.

Segundo os autores há, também, as metáforas criativas, imaginativas, artísticas, em que os sujeitos representam algo por meio de diferentes elementos. Criação de metáforas novas para descrever fenômenos já conhecidos que são descritos pelas pessoas por outras metáforas. Isso cria novas singularidades, além de criar um campo de disputa.

Como ressaltado em Ramalho e Resende (2011, p. 146-147), e como discutido até o momento, Lakoff e Johnson (2003) apresentam três tipos principais de metáforas: metáforas estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas.

Sintetizando o que foi dito, as metáforas estruturais são as metáforas que estruturam nossa compreensão de conceitos abstratos em termos de conceitos mais concretos. As metáforas orientacionais estruturam nossa compreensão espacial e direcional e estão relacionadas à nossa experiência corpórea e sensorial do mundo. Já as metáforas ontológicas são as metáforas que moldam nossa compreensão da existência e da realidade, ajudam a dar sentido e atribuir significado à experiência humana.

Assim, ao capturarmos metáforas ligadas ao resistir presentes nas poesias em destaque, vamos analisar quais as formas de designação das mulheres negras; o que esse léxico metafórico no processo de designação está nos dizendo; quais modelos culturais são acionados a partir de vocabulário; quando observamos as recorrências de vocabulários, captamos, também, a fonte de modelos culturais. Com isso, podemos investigar quais modelos culturais são colocados em batalha.

Ao analisarmos os autores apresentados no texto, como Fairclough (1989) e Lakoff e Johnson (2003), percebemos pontos de convergência e divergência em relação ao conceito de metáfora. Ambos reconhecem a importância da metáfora na construção e reprodução de discursos ideológicos, bem como na influência sobre nossa compreensão da realidade e na transmissão de significados sociais e políticos. Além disso, concordam que as metáforas são utilizadas de forma sutil e persuasiva para transmitir ideias, estereótipos e preconceitos, contribuindo para a naturalização e perpetuação de relações de poder assimétricas.

No entanto, há algumas nuances nas abordagens de cada autor. Fairclough (1989) destaca o papel das metáforas como elementos discursivos que contribuem para a construção e manutenção das relações de poder e ideologias. Lakoff e Johnson (2003) vão além e argumentam que as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas um sistema organizado de pensamento e compreensão do mundo, influenciando nossos comportamentos, relações e identidades pessoais e coletivas.

É certo afirmar que todas essas perspectivas enfatizam a importância de reconhecer as metáforas em nosso discurso e compreender seu papel na reprodução de ideologias e relações de poder. Com base nessa compreensão, seguiremos as ideias discutidas por Lakoff e Johnson (2003), que enfatizam a presença das metáforas na vida cotidiana e sua influência direta sobre nossas percepções e ações no mundo. Em resumo, argumentamos que a metáfora é uma ferramenta que desempenha um papel significativo na (re)construção de ideologias, relações de poder e nos modelos culturais. Sua análise nos permite compreender como são utilizadas para influenciar a forma como pensamos, agimos e entendemos a realidade, revelando os aspectos políticos e sociais presentes na linguagem.

Seguindo a abordagem de Paul Gee (2001), a respeito dos modelos culturais, buscaremos explorar o uso de metáforas nas poesias do Slam das Minas como forma de compreender os modelos culturais acionados e os significados sociais e políticos atribuídos

a partir desse léxico metafórico. Assim, além de investigar as escolhas de vocabulário metafórico, iremos analisar as premissas compartilhadas, as diferenças e os modelos culturais presentes nas poesias, a fim de debater sobre como as metáforas contribuem para a construção de significados sociais e políticos relacionados ao tema da resistência.

2.10 Considerações parciais

Ao longo deste capítulo, tentamos mostrar o deslocamento de alguns conceitos fundamentais para a análise transdisciplinar, tais como a noção de poder, abordada pela perspectiva do feminismo negro de Ribeiro (2018), Hooks (2018) e agregando a visão de biopolítica de Butler (2018); e a noção de ideologia pelo viés de González (2020).

Ainda neste capítulo vimos que, ao utilizar a metáfora como categoria analítica da dimensão textual, relacionando-a com os modelos culturais aplicados por Gee (2001), conseguiremos investigar o modo como as poetisas ativistas utilizam o movimento social Slam das Minas enquanto um espaço de resistência e transgressão.

3 ANÁLISE

3.1 A composição do *corpus* para análise

Conforme discutido por Charaudeau (2011), há algumas problemáticas que precisamos considerar no momento da seleção do *corpus*. O autor discute os problemas relacionados à noção de *corpus* e sua definição consolidada no campo das ciências da linguagem; argumenta, ainda, que o *corpus* não existe em si mesmo, mas depende do posicionamento teórico a partir do qual é considerado. Os principais problemas associados à constituição de um *corpus*, segundo Charaudeau (2011), incluem a coleta de dados, a importância do material coletado e sua representatividade, as categorias de análise dentro do material linguístico e as ferramentas utilizadas no tratamento dos dados.

O autor defende que é fundamental considerar o *corpus* como uma construção teórica e metodológica, cuja definição impacta diretamente as questões e resultados da pesquisa em análise do discurso. Sendo assim, Charaudeau (2011) discute a construção de um *corpus* na análise do discurso, destacando a importância do posicionamento teórico relacionado a uma problemática de análise. Ele aborda três tipos de *corpus* que se referem a problemáticas cognitivas, comunicativas ou representacionais. Cada uma dessas problemáticas determina um tipo de *corpus*. A fase quantitativa da pesquisa permite a constituição de índices estatísticos que são base para análises qualitativas posteriores. Além disso, essa fase possibilita a formação de um *corpus*-amostra, que consiste em fragmentos de texto considerados representativos em relação às categorias que serão analisadas de forma qualitativa, como os discursos dos atores, as características do dispositivo e o tratamento temático. Assim, a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas enriquece a compreensão do discurso em estudo.

Nosso *corpus*-amostra contempla os discursos dos atores - às falas e manifestações linguísticas dos indivíduos envolvidos no contexto analisado que revelam suas posições, crenças e visões de mundo que trazem enunciados e temáticas similares; os dispositivos, que dizem respeito aos elementos contextuais e estruturais que moldam e influenciam a produção e a recepção do discurso; e as temáticas - à forma como um determinado tema ou assunto é abordado e desenvolvido no discurso, bem como as possibilidades comparativas de uma poesia com as outras, podemos concluir, assim, que temos um *corpus* representativo.

Charaudeau (2011) também explora a desconstrução e reconstrução de um *corpus* de textos, considerando critérios como abertura ou fechamento, contraste interno e externo, e pertinência quantitativa e/ou qualitativa. Além disso, discute a especificidade da análise do discurso dentro das ciências da linguagem e aborda noções fundamentais, como língua/discurso, texto/discurso e texto/contexto, que são relevantes para a constituição de um *corpus*.

A construção do *corpus* envolve, então, um jogo de desconstrução e reconstrução, considerando variáveis externas (tempo, espaço, cultura) e internas (domínios de práticas sociais) para contrastar conjuntos textuais e analisar similaridades e diferenças. Essas discussões também levantam questões sobre a abertura/fechamento do *corpus* e seu tratamento quantitativo/qualitativo.

Considerando o exposto, o *corpus*-amostra desta pesquisa é composto por sete poesias inscritas no movimento Slam das Minas. Essas poesias foram encontradas na plataforma do YouTube (<www.youtube.com>). Após procurarmos pela palavra-chave “Slam das Minas” na barra de pesquisa do site, as sete primeiras poesias listadas foram as escolhidas, incidindo, portanto, uma aleatoriedade como primeiro critério de recorte, de modo a evitar vieses e garantir uma seleção imparcial dos textos.

A quantidade de poesias também reflete a representatividade do material, na medida em que outros vídeos reiteravam o mesmo fenômeno investigado. Para nosso objeto de estudos, o quantitativo demonstrou-se como um ponto de equilíbrio adequado para garantir uma análise abrangente e significativa.

Além disso, a menção à coleta dos vídeos realizada em fevereiro de 2023, catalogando vídeos de 2017 até 2022, destaca a consideração do tempo como uma variável relevante na formação do *corpus*-amostra, alinhando-se com a discussão sobre variáveis externa. Isso indica uma preocupação em ancorar a análise em um contexto temporal específico para compreender o fenômeno Slam das Minas em um período determinado.

Como visto, as poesias estão vinculadas e são perpassadas por um momento em que o Brasil⁴² mudava, drasticamente, suas representações políticas. Esse período foi marcado

⁴² Em 2016, o Brasil sofreu um golpe de Estado e viveu a saída de um governo de esquerda. Nas eleições de 2018, um governo de ultradireita foi eleito e tomou o poder, culminando, assim, na negação de direitos humanos. O fato reflete, conseqüentemente, nas poesias aqui analisadas.

por profundas transformações políticas, como a destituição da presidente Dilma Rousseff, a prisão do presidente Lula, a ascensão de Jair Bolsonaro e, com isso, a polarização ideológica que se intensificou no país. Diante dessas mudanças, a análise das poesias do Slam das Minas pode evidenciar questões importantes no contexto social brasileiro à época.

As quatro primeiras poesias selecionadas representam e trazem um esgotamento do fenômeno investigado a respeito do corpo da mulher, sobretudo, da mulher preta, marginalizada e periferizada.

Os outros três vídeos de batalhas poéticas foram realizados no espaço urbano, em um contexto pós auge da pandemia e, em um contexto mais recente (pós *lockdown*, ano eleitoral etc.), e, ainda que abordassem outros temas, como o da própria pandemia, seguiam, majoritariamente, a mesma temática.

Dito isso, as poesias foram transcritas individualmente em maio de 2023 e consistiram em algumas etapas. Primeiro, assistimos os vídeos das poesias pelo celular enquanto, entre períodos de pausa, escrevíamos os versos no Word do computador. Depois de escrito, assistimos mais algumas vezes para certificar que tudo estava escrito conforme falado nas batalhas pelas poetas ativistas. Entretanto, houve três palavras, entre as sete poesias, que não foram compreendidas, por isso, colocamos, entre parênteses, o termo "indefinido". Acionamos a legenda dos vídeos e utilizamos, depois de ter o conhecimento da ferramenta, o aplicativo *Traskriptor*⁴³ a fim de tentar decifrar as palavras ditas, mas não obtivemos sucesso.

Ao garantir que as transcrições das sete poesias estavam compatíveis com as falas ouvidas, finalizamos as transcrições. É importante mencionar que nada do que foi compreendido, foi alterado, isto é, nenhum desvio gramatical foi modificado e nenhuma palavra foi adicionada/retirada, seguimos fielmente as batalhas faladas.

3.1.1 METODOLOGIA

Para investigar o objeto, temos, como ponto de partida, o quadro teórico-metodológico da ACD de Chouliaraki e Fairclough (1999). A análise de conjuntura será uma

⁴³ O aplicativo pode ser encontrado no site: <https://app.transkriptor.com/uploader>.

base em meio a um processo dinâmico e contínuo de reflexão sobre as mudanças políticas, sociais e culturais que afetam o objeto de estudo associada a propostas que já foram aqui discutidas, a fim de considerar as complexidades das relações dadas entre o texto, contexto e os processos de interação e ações sociais.

A título de ilustração, os passos de análise propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999) serão evidenciados a seguir através do quadro 1, exposto por Resende e Ramalho (2009, p. 37), os autores elaboraram um quadro da análise de conjuntura que visa demonstrar as etapas principais de investigação.

QUADRO 1 - Etapas do enquadre para ACD de Chouliaraki e Fairclough (1999)

ETAPAS DO ENQUADRE PARA ACD DE CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH (1999)		
1) Um problema (atividade, <u>reflexividade</u>)		
2) Obstáculos para serem superados	(a) análise da <u>conjuntura</u>	
	(b) análise de prática particular	(i) práticas relevantes
		<u>(ii) relações do discurso com outros momentos da prática</u>
	(c) análise de discurso	(i) análise estrutural
		(ii) análise interacional
3) Função do problema na prática		
4) Possíveis maneiras de superar os obstáculos		
5) Reflexão sobre a análise		

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999); Resende e Ramalho (2009, p. 37).

O quadro 1 evidenciado foi o nosso primeiro arcabouço de investigação e reflexão, mas diante da necessidade de abordar questões mais profundas que forneçam condições de responder aos objetivos aqui traçados, nos balizamos justamente pelo grau de abertura e transdisciplinaridade da ACD. Em decorrência, a presente metodologia foi construída de acordo com o objeto de pesquisa e inspirada na formulação de questões orientadoras, tal qual

o trabalho de Acosta (2018), indo além, portanto, da replicação metodológica das fases do enquadre (quadro 1 acima) propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999).

Ao considerarmos o objeto em análise, temos como diretriz o princípio de que todo enunciado nos coloca diante dos modos de ser, de estar e de representar; todo discurso está articulado a uma rede de práticas e dentro de uma conjuntura geral. Entretanto, as leituras pautadas no feminismo negro, na interseccionalidade e na decolonialidade colocam uma questão que não estava considerada nos momentos iniciais do enquadre e deve ser destacada: o corpo, que é identificado e representado, possui atravessamentos que trazem uma historicidade a qual devem também ser consideradas ao lado da linguagem.

Para analisar as redes de práticas que são organizadas por dispositivos, é fundamental compreender que esses dispositivos sociais são influenciados pelos modelos culturais. Nossos sentidos de identificação, comportamentos, ações, crenças e valores são moldados pelas complexas relações de poder presentes na sociedade. Portanto, as interações entre as redes de práticas não se limitam apenas às situações de comunicação; elas são previamente estabelecidas pelas estruturas das ordens sociais e discursivas, exercendo um papel fundamental na configuração das relações sociais e das práticas cotidianas.

É interessante explorarmos um pouco mais os elementos do dispositivo que incluem, inclusive, a importância da performance, da estética corporal que determina todo um *ethos*, toda uma vocalidade e tonalidade para a produção da mensagem, são “contraintes”, ou seja, “limites” que determinam, sobremaneira, a produção, a força do posicionamento assumido pelas poetisas ativistas.

O tipo de dispositivo subjacente à prática sociodiscursiva do slam pode ser explorado mais profundamente ao considerarmos alguns elementos essenciais desse contexto: a performance no slam não se limita apenas à leitura do texto verbal, mas inclui gestos, expressões faciais, movimentos corporais e interações com o público. Esses elementos são fundamentais para transmitir a mensagem de forma impactante e envolvente. A maneira como as poetisas ativistas se apresentam no palco contribui significativamente para a compreensão e recepção da mensagem pelos espectadores.

Além disso, a estética corporal no slam refere-se à forma como o corpo das poetisas ativistas é utilizado como meio de expressão artística. Isso pode envolver a postura, os gestos, a expressão facial e até mesmo o vestuário. A estética corporal contribui para criar uma

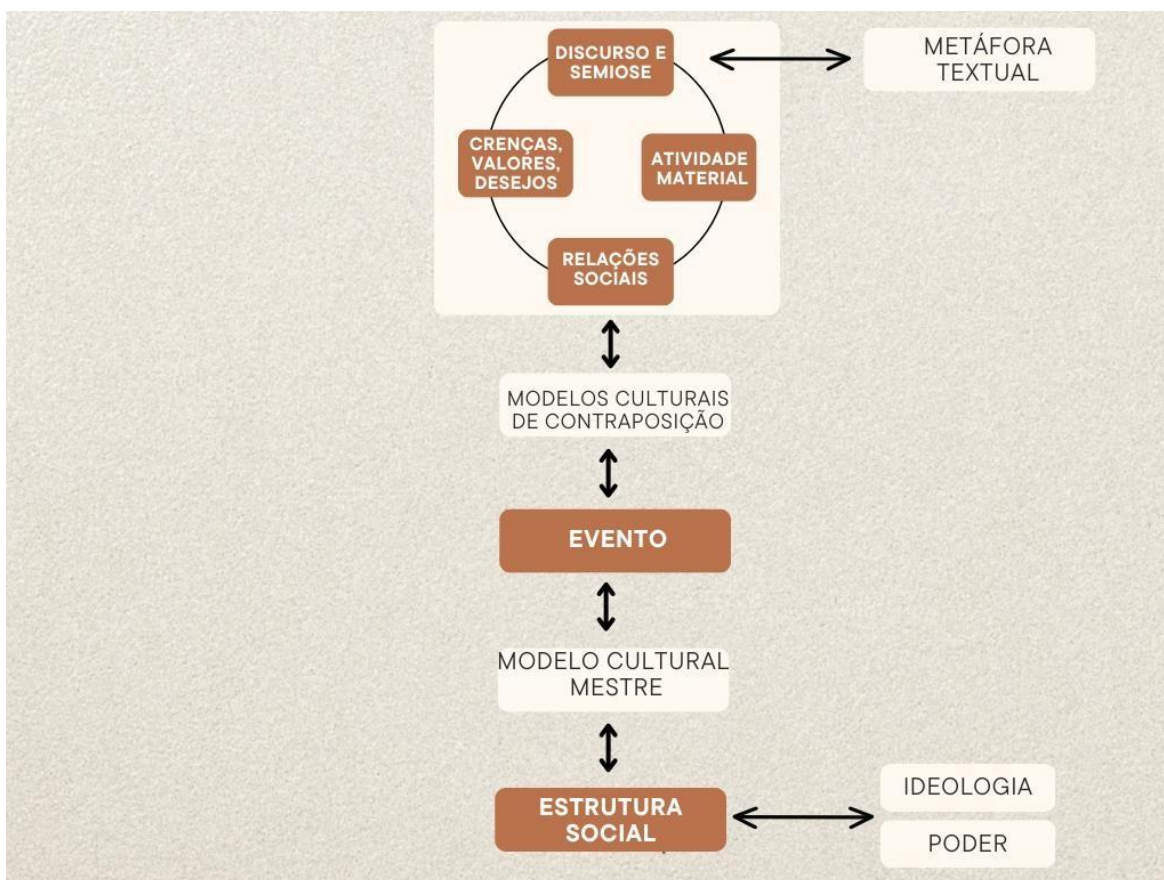
identidade visual única e para transmitir emoções e significados que complementam o conteúdo do texto recitado; o *ethos* refere-se à credibilidade e autoridade percebida do orador. No contexto do slam, o *ethos* é construído não apenas pelo conteúdo do texto verbal, mas também pela maneira como o texto é apresentado, a postura adotada pela poeta e a conexão emocional estabelecida com o público. Isso influencia diretamente a recepção da mensagem e a forma como ela é interpretada.

A vocalidade e a tonalidade também são aspectos importantes da performance no slam. A maneira como as poetas ativistas usam suas vozes, a entonação, o ritmo e a intensidade da fala têm um impacto significativo na forma como a mensagem é percebida e transmitida. Esses elementos ajudam a criar um ambiente emocional e a enfatizar pontos-chave do texto; as "contraintes" no slam são os limites ou restrições que influenciam a produção da mensagem. Isso pode incluir o tempo limite para a apresentação, as regras específicas do evento de slam e até mesmo as expectativas da audiência. Essas "contraintes" ajudam a definir o estilo e o formato das apresentações no slam, contribuindo para a diversidade e criatividade das performances.

Sendo assim, todos esses elementos influenciam a produção e recepção da mensagem, além de influenciar, também, no posicionamento adotado pelas poetas ativistas durante suas apresentações.

Nessa dinâmica, fizemos uma releitura da figura 1, a fim de mostrar como as metáforas e os modelos culturais também podem estar associadas como um dos momentos integradores das práticas sociais previstos na ACD.

FIGURA 2 - Metáforas e modelos culturais como um dos momentos integradores das práticas



Fonte: elaboração nossa

Conforme a ilustração acima, podemos presumir: o que determina a diferença entre as relações ideológicas e de poder é a adaptabilidade dessa estrutura social no seu condicionamento e diálogo com os modelos culturais. Os modelos culturais são divididos em duas esferas: modelos culturais mestres, atrelados a uma conjuntura mais ampla; e os modelos culturais de contraposição, ligados aos momentos de comunicação.

Podemos ver que as metáforas, que se revelam nas interações diárias que estão em diálogo com as práticas sociais, não materializam linguístico-discursivamente, somente, os modelos culturais, mas também as crenças, os discursos e a semiose, e os demais elementos da prática.

Os modelos culturais refletem, em parte, a forma como os grupos se adaptam e são condicionados pela estrutura social diante de seus contextos. Assim, temos o modelo cultural mestre (mais geral) que está em diálogo com o modelo cultural menor (mais específico).

Logo, os sujeitos lidam com essas duas dinâmicas, como a sociedade tenta formatá-los e como os sujeitos manejam com essas formatações, isto é, como negociam, influenciando a formação desta sociedade. Toda interação pertence a um determinado grupo e, de certo modo, está condicionado e condicionando a estrutura social por meio do modelo cultural.

Quando entramos em um campo comunicativo, os modelos culturais do contexto da situação de comunicação e do evento, que são, em outras palavras, as ordens do discurso que se interagem no gênero, entram em negociação, determinando, então, a maneira como o indivíduo se adapta a aquele momento.

Mulheres negras, atravessadas por uma série de modelos culturais mestres (machismo, racismo, opressão), realizam a resistência enquanto grupo no Slam das Minas a partir de modelos culturais de contraposição. O evento de disputa do Slam evidencia ideologias, crenças, valores e, em suas performances, elas excluem alguns atravessamentos e se adaptam ao gênero do hip-hop. Portanto, os modelos culturais atuam em duas camadas: um modelo atrelado de maneira estruturante e organizativa e um outro modelo atrelado à interação em si.

Assim, na dimensão textual, investigamos, por meio da categoria da metáfora, questões atreladas aos modelos culturais presentes nas poesias, conseguindo traçar um paralelo para além do momento da interação, considerando que esse corpo, representado, inserido em uma agência e identificado nas poesias, é atravessado por questões conjunturais e interseccionais que precisam ser contempladas. Ao pontuar os modelos culturais advindos das metáforas de resistência, conseguiremos olhar sua influência na configuração de sentidos de identificação, práticas e vivências individuais e coletivas, moldando as representações e ações das poetisas ativistas e estabelecendo parâmetros para suas interações sociais.

Portanto, iremos analisar as metáforas expressadas textualmente. Como elementos de apoio, partiremos de uma cena descritiva dos sujeitos em interação, mas, neste momento, não é objetivo da pesquisa fazer uma análise cinética. Nosso foco, então, está relacionado às metáforas que emergem a partir da dimensão textual. Reconhecemos a importância de uma análise corporal e fílmica, contudo, para fins desta pesquisa, a dimensão textual será nosso ponto de referência. Vamos elencar algumas cenas representativas e ilustrativas no processo elementos regulares que representam uma tendência, mas como dissemos, não teremos a cena como o foco.

3.1.2 Procedimentos de análise

Cumpridas tais etapas, começamos a identificar e catalogar os temas das poesias. Os temas apreendidos foram anotados e, depois de releituras, filtrados. As temáticas que foram mais recorrentes e consideradas mais diretamente relacionadas à nossa pesquisa foram escolhidas.

A seguir, evidenciaremos um quadro-resumo contendo todas as poesias, autoras e temáticas predominantes, os dizeres sobre o resistir/ reexistir, serão sublinhados. Essas temáticas que giram em torno do resistir se conectam com uma conjuntura de racismo, machismo e patriarcado, mas, por meio delas, veremos a maneira pela qual as poetas ativistas mostram que um outro mundo é possível e que são muito mais do que corpos violentados.

QUADRO 2 – Composição do *corpus* da pesquisa

POESIA	POETA	TEMÁTICAS	LINK	ANO
Slam Sas Minas RJ - Final	Carol Dall Farras	Racismo, machismo, opressão, ancestralidade, <u>escravismo</u> , <u>resistência</u> , violência infantil, <u>luta</u> , <u>denúncia</u> , violência, <u>religião</u> , periferia, marginalidade, injustiça.	https://youtu.be/DbQXy_jcCXE	2017
Final Slam Das Minas SP no Estúdio Tafa	Victória Sales	<u>Ancestralidade</u> , <u>interseccionalidade</u> , racismo, machismo, homofobia, periferia, <u>resistência</u> , <u>educação</u> , <u>resistência</u> , <u>luta</u> .	https://youtu.be/DLGr3d7RMAs	2017
Slam Das Minas RJ - Final	Brenda Lima	Escravidão, <u>ancestralidade</u> , machismo, racismo, <u>resistência</u> , <u>luta</u> , silenciamento, <u>representação</u> , <u>resistência</u> , fome, pobreza, <u>liberdade</u> , injustiça, <u>religião</u> .	https://youtu.be/-hKrrZNgjRI	2017
Slam das Minas RJ - FINAL - MANA”	Autora – Gênese Interpretação - Gênesis, Letícia Brito e Rainha do Verso	Machismo, violência, sexismo, <u>resistência</u> , <u>união feminina</u> , <u>força</u> , <u>resistência</u> , opressão, <u>conscientização</u> , vingança, feminicídio.	https://youtu.be/I5uvNblX5Cc	2019
Slam Das Minas RJ	Yabo	(des)paternidade, machismo, racismo, vingança, opressão, colonialismo, <u>luta</u> ,	https://youtu.be/WO1pa8uw_p8	2022

- Yabo no Sarau Comuna Deusa		<u>feminismo</u> , <u>comunidade</u> - <u>rua</u> - periferia, patriarcado.		
Slam das Minas RJ	Thais Ayonime	Periferia, machismo, patriarcado, <u>feminismo</u> , <u>liberdade</u> , <u>luta</u> , violência, estupro, submissão, <u>resistência</u> , discriminação, <u>força</u> , <u>ancestralidade</u> .	https://youtu.be/TFdvdLKTBE4	2022
Slam das Minas RJ	Anna Moura	Racismo, machismo, desigualdade, <u>conscientização</u> , pandemia, genocídio, homofobia, isolamento/apagamento/silenciamento.	https://youtu.be/su2HhfhF8fQ	2022

Fonte: elaboração nossa

Após assistir e analisar preliminarmente os vídeos das performances poéticas, vimos que os materiais de análise selecionados apresentam corpos femininos negros que lutam contra as violências sistêmicas e denunciam as injustiças sociais decorrentes do racismo, machismo e outros sistemas de opressão presentes em muitas sociedades. Por meio das imagens, é possível perceber a posição marginalizada e periferizada da mulher preta na sociedade brasileira e a forma como suas vozes são silenciadas e apagadas da história. De modo correlato, ainda vemos os resquícios de uma história marcada pelo racismo, machismo e outros sistemas opressores.

Contudo, os sete vídeos também apresentam uma figura de resistência que reconhece seus direitos e se recusa a ser oprimida: o corpo da mulher preta. Essas mulheres reexistem, se representam e se afirmam por meio da poesia, rompendo os silenciamentos e enfrentando as opressões. É possível sentir a força dessas mulheres ao assistir aos vídeos, que são uma poderosa expressão de suas lutas e reivindicações por justiça social e igualdade de direitos.

Depois de assistir aos vídeos, tivemos essa primeira concepção analítica, e, então, começamos a pensar no processo metodológico que será detalhado a seguir.

No primeiro passo proposto na metodologia, iremos investigar a dimensão do problema de pesquisa que se estabelece na compreensão de como as redes de relações entre as práticas sociais e discursivas nas poesias visam combater e denunciar a opressão sistêmica vivida por mulheres pretas, marginalizadas e periferizadas brasileira. Desse modo, a partir da questão orientadora, evidenciada posteriormente no quadro 3, acessaremos o problema. Com

isso, analisaremos um dos possíveis impactos do feminismo negro, das práticas sociais e discursivas nesse contexto.

No segundo passo, iremos trazer o mapeamento das poesias por temas e por identificação metafóricas, analisando, dessa forma, quais são as metáforas sobre resistência e reexistência (isto é, metáforas orientadas sobre o resistir) inseridas nas poesias. A questão orientadora, formulada por saber que a vida das poetisas ativistas não podem ser simplificadas naquilo que o projeto hegemônico pauta, também será evidenciada no quadro 3.

Iremos aglutinar a análise das sete poesias (B1 a B7) em um conjunto, trazendo análises e correlações que mostrem as recorrências de uma tendência com o auxílio de excertos ilustrativos de cada poesia. Assim, conseguiremos evidenciar a presença de elementos comuns e identificar possíveis padrões das manifestações poéticas. Para fins organizacionais, cada poesia será indicada como (B1 a B7), e cada enunciado será especificado usando caracteres alfabéticos, por exemplo, "B1a" para o primeiro enunciado da batalha um, ou "B2c" para o terceiro enunciado da segunda batalha.

Essa abordagem metodológica permitirá evidenciar os elementos comuns que promovem a articulação de demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais na sociedade contemporânea, bem como a maneira pela qual as poesias se inserem em estratégias políticas mais amplas.

No terceiro momento, acontecerá o desdobramento da análise, em que vemos a metáfora como uma resposta e uma reescrita sobre práticas de opressão. A análise investiga, assim, como essas metáforas revelam e contrapõem as estruturas opressivas, permitindo uma visão mais aprofundada das maneiras pelas quais as poetisas ativistas buscam a resistência por meio do Slam das Minas. Com isso, questionaremos como o racismo, o patriarcado, o machismo e as demais formas de opressões vistas travam a (re)existência desses corpos (as quais as metáforas em destaque buscam romper).

Consequente, evidenciaremos o quadro 3 e as questões orientadoras que utilizaremos em nossa análise, com uma proposta integradora dos aspectos interseccionais, decoloniais e do feminismo negro. O quadro próprio em evidência foi inspirado nos passos de investigação da análise de conjuntura, mas instaurando questões orientadoras como inspirado em Acosta (2018) e integrando as dimensões "metáforas" e "modelos culturais" como categorias

agregadas dos momentos da prática. Portanto, o quadro 3 da presente pesquisa é organizado em três passos: problematização do objeto de pesquisa, análise e desdobramentos.

QUADRO 3 -Passos metodológicos da pesquisa

FASES DE ANÁLISE	QUESTÕES ORIENTADORAS
Passo 1: Investigar a dimensão do problema de pesquisa debatido no capítulo 2 visando compreender como as poesias do Slam das Minas promovem a visibilidade das demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais e de que forma elas se inserem em estratégias políticas mais amplas.	Como a poesia do Slam das Minas se torna uma forma de resistência política e de construção de modelos culturais de contraposição, promovendo a articulação de demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais na sociedade contemporânea?
Passo 2: Explorar quais são as metáforas acionadas como fontes de modelos culturais que emergem nos "gritos por (re)existência" nas batalhas.	<p>A. Quais são as metáforas sobre resistência e (re)existência materializadas nas poesias?</p> <p>B. Quais as consonâncias e dissonâncias nas metáforas projetadas sobre as temáticas vinculadas ao resistir?</p> <p>C. De que forma as metáforas presentes nas poesias revelam indícios de modelos culturais mestres e modelos culturais de contraposição?</p>
Passo 3: Debater sobre como as metáforas buscam desafiar e romper com os sistemas de opressão que afetam a (re)existência dos corpos em foco.	De que modo as metáforas podem atuar como respostas e reescritas sobre práticas de opressão na (re)existência dos corpos?

Fonte: elaboração nossa

Por meio das metáforas identificadas nas poesias serão evidenciadas as relações de poder, as ideologias e os modelos culturais, que nos dão margem de leituras para acessar a complexa relação entre o discurso e os momentos da prática para investigar, não somente os sentidos que estão no texto, mas, em especial, os sentidos que são combatidos, negados e contrapostos, (re)construídos historicamente pelo colonialismo, machismo e opressão, veremos, assim, a resistência em versos.

3.2 Fase analítica

Seguindo uma análise de viés crítico explanatório, as poesias (representações da materialidade linguístico-discursiva) serão mapeadas em consideração com as redes de práticas que são articuladas. De maneira geral, após mapeamento macro temático das poesias inscritas no movimento Slam das Minas, as temáticas foram classificadas em: racismo,

machismo, homofobia, classismo, violência e opressão contra corpos minorizados socialmente, mas, em contrapartida, elas também falam sobre amor, união, cultura e sobre os encantos e belezas de ser quem se é, possibilitando uma análise de práticas relacionadas à violência e a resistência.

Nessa sessão, faremos a realização das análises das poesias conforme apresentado na parte metodológica, destacando a relação que as poesias constroem uma com as outras, a fim de evidenciar a complexidade do tema abordado por elas e, eventualmente, aspectos de desencontro, momento de repulsa devido as dissonâncias que, porventura, poderão aparecer. Dividiremos a análise em três passos, construindo uma sistematização dinâmica para fins de organização e explicitando as etapas em subcapítulos.

3.2.1 Passo 1: Um olhar sobre o problema

Neste passo, propomos responder à seguinte questão: Como a poesia do Slam das Minas se torna uma forma de resistência política e de construção de modelos culturais de contraposição, promovendo a articulação de demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais na sociedade contemporânea?

Ao observar os versos⁴⁴ presentes nas poesias destacadas, notamos que os jogos de poderes impostos em discursos opressores objetivam construir uma representação da mulher preta e periférica brasileira enquanto um sujeito que convive com a dor, com a opressão, com a árdua luta do dia a dia, normalizando e desvalorizando o seu sofrimento. Ao subestimar esse corpo como incapaz de ocupar outras posições que não as margens sociais, ao desconsiderar a humanidade desse corpo desvalidando seu choro, sua dor e seu desamparo, contribuem para uma formação de sentidos de identificação inferiorizados⁴⁵ desse sujeito, projetando, em termos acionais, uma baixa autoestima intelectual e também estética, escolaridade incompleta de muitos jovens e crianças pretas, uma taxa alta de desemprego ou empregos informais para as famílias negras e periféricas.

⁴⁴ Recomendamos aos leitores que assistam aos vídeos disponibilizados nos links do quadro temático. Isso permitirá uma compreensão mais aprofundada da complexidade retratada nas poesias, enriquecendo assim sua experiência de leitura.

⁴⁵ É importante dizer que outras subjetividades não conseguem emergir em razão dos jogos de poder que imputam papéis sociais a determinados grupos.

Entendendo a importância dos momentos da prática em seu limiar entre estrutura e eventos, é necessário explicar em qual contexto social o Slam das Minas surge, assim como a maneira que se relacionam em termos de práticas sociais e discursivas, como se dá essa rede de corpos que interagem em movimento e o que as poetas ativistas falam e o que elas silenciam. Assim, é necessário considerarmos a conjuntura em que as poesias foram produzidas, bem como a prática particular contextualizada sócio-historicamente.

As poesias são projetadas entre os anos de 2017 e 2022 e abordam, em comum, questões como racismo, classismo e machismo em seus versos. A questão racial se configura na sociedade brasileira desde que, entre 1501 e 1870, milhões de africanos foram trazidos à força para a América, sendo que um quarto dessas pessoas foram enviadas para o Brasil como mercadoria. Muitos deles, no entanto, tiveram a morte como destino.

O Podcast “Projeto Querino” (2022), apresentado pelo jornalista Tiago Rogero, será referência por nos contextualizar a história do Brasil e explicar como essa história construiu o país que temos hoje. Em oito capítulos, é abordada a contribuição cultural, política e social afro-brasileira, assim como são apontadas as crueldades que foram cometidas pelos escravizadores e a elite brasileira. O jornalista desmistifica a história do Brasil que nos foi contada e coloca pessoas pretas no centro do discurso para nos contar esse passado.

A história que nos foi narrada está associada a interesses de um grupo da sociedade que sempre se beneficiou com a exploração de corpos minorizados, com isso, serve de auxílio para a permanência da visão hegemônica, intensificando, a cada dia mais, as escalas desiguais da sociedade, envolvendo as relações de poder em termos econômicos, geográficos, políticos e culturais, em uma ordem hegemônica.

Nesse raciocínio, as poetas ativistas denunciam o racismo velado de falso moralismo, bem como o racismo escancarado em nossa sociedade em forma da violência sistêmica contra o corpo preto, denuncia, ainda, a amarga história do escravismo. Para além disso, as autoras revelam a aliança ancestral que traz potência e coragem para esses corpos. Assim como no podcast apresentado, há sempre as duas pontas do discurso: a valorização afro-americana - que González (2020) vai chamar de afro-latino-americano - e a condenação dos opressores.

As práticas situadas, neste caso, as poesias inscritas no movimento Slam das Minas, ocorreram em diferentes lugares do Brasil, em sua maioria, na rua da cidade do Rio de Janeiro ou, em tempos pandêmicos, dentro das casas de diferentes cidades brasileiras. As datas de

cada apresentação já estavam estabelecidas; dessa forma, podemos supor que as batalhas se constituem como um suporte discursivo sistematicamente consumido por um determinado público e, também, pelas pessoas que se deparam com o movimento por acaso. Além de ser veiculado no YouTube, garantindo o alcance de um público maior.

Após essa explicação, cabe ressaltar que os sentidos de identificação são formados por meio do se olhar e do se mover sobre o mundo dentro de um circuito daquilo que podemos ou não podemos ser, daquilo que temos margens de manobra tanto linguística quanto de existência. Afinal, nos identificamos dentro das margens que as possibilidades fornecidas ou não.

Dito isso, a mulher preta não terá seus sentidos de identificação marcados dentro de um viés frágil e pacífico, visto que há uma memória sócio-histórica que coloca a mulher preta em um lugar de quem aguenta e de quem deve aguentar a dor, o cansaço, a solidão. No entanto, a mulher negra é duplamente subjugada: por ser mulher e por ser negra, isto é, de acordo com Ribeiro (2017), ser o outro do outro. Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade assume um importante papel por explicar os diferentes sentidos de identificação que são articulados em um corpo: a mulher preta não é vista somente em relação ao gênero ou somente em relação a sua cor, mas é a integração desses fatores, dentre outros, que constroem seus sentidos de identificação. Os dizeres coloniais como o de "preta é forte", enunciado presente na primeira poesia (B1), mas que não foi exposto no quadro de análise por não se integrar ao discurso de resistência e que será utilizado, no presente momento, a fim de ilustrar esta discussão, manifesta uma relação de poder por apagar essas mulheres de outros espaços. Espaços os quais as mulheres brancas se inserem, tidas como frágeis, como alguém que carece de cuidado e proteção, comprovando, então, o feminismo negro enquanto movimento necessário para uma causa em que todas as mulheres são incluídas.

É possível perceber, a partir das temáticas retratadas no quadro, o Slam das Minas como uma poderosa forma de resistência política e de construção de senso de identificação, especialmente, para mulheres negras, ao promover a articulação de demandas feministas negras, decoloniais e interseccionais na sociedade contemporânea. Podemos observar, assim, diferentes maneiras pelas quais as poesias do Slam das Minas se tornam uma forma de resistência política e de construção de sentidos de identificação.

Uma dessas maneiras é a partir da delegação de poder e da expressão de vozes marginalizadas. Ora, por meio das poesias, as mulheres negras dão voz às suas experiências, sentimentos e opiniões que, muitas vezes, são marginalizadas e silenciadas pela sociedade. Isso permite que elas se expressem de forma autêntica, conferindo poder para si e para outras mulheres.

As poesias do Slam das Minas frequentemente questionam e desafiam estereótipos e preconceitos impostos às mulheres negras, desafiando discursos hegemônicos e expondo a realidade de suas vidas. Isso ajuda a desconstruir visões limitadas e negativas sobre essas mulheres e suas comunidades, ocasionando, então, em um fortalecimento do senso de identificação cultural e racial a partir das experiências das mulheres negras conectadas às suas raízes culturais e étnicas. Ao compartilharem suas próprias histórias e tradições por meio das poesias, essas mulheres reafirmam seus sentidos de identidades e representações sociais. Ao abordarem a interseccionalidade das opressões, considerando as múltiplas dimensões de sentidos de identificação, como raça, gênero, classe e sexualidade, há a consideração de questões complexas e interconectadas que afetam as vidas das mulheres negras de maneiras únicas.

Ao construir modelos culturais de contraposição, modelos que desafiam modelos mestres racistas, machistas e opressores, as poesias do Slam das Minas tendem a contribuir para a transformação cultural a longo prazo, oferecendo alternativas que promovem a inclusão, a justiça e a equidade. As poetisas ativistas subvertem as expectativas culturais ao dar destaque às vozes que foram historicamente silenciadas. Além disso, por meio desse espaço, as poetisas ativistas podem expressar suas histórias e vivências de maneira autêntica. Isso oferece uma alternativa às representações estereotipadas ou limitadas construídas pela cultura dominante.

Quando em B4 as poetisas ativistas dizem que "bem nos tentaram ensinar inimigas"⁴⁶, mas, que, "nos reconhecemos amigas", vemos a movimentação de um modelo cultural menor em combate com um modelo cultural mestre machista, patriarcal e, também, capitalista. O

⁴⁶ Enunciado presente na quarta poesia, (B4), mas que não foi destacado no mapeamento dos dizeres de resistência, apesar de fazer parte de uma resistência de crítica e consciência das mulheres pretas e periferizadas brasileiras contra os modelos culturais mestres de tentativa de construção de um espaço de disputa e inimizade entre mulheres. O enunciado em ênfase serve como um auxílio que elucida o raciocínio que foi desenvolvido.

modelo cultural mestre busca criar uma atmosfera de hostilidade entre as mulheres, estabelecendo um cenário comparativo e depreciativo, que gera lucro para determinadas empresas e promove ideias machistas. Por outro lado, a tentativa de desfazer os laços afetivos e a união entre as mulheres reflete o medo da força que essa união pode representar. Quando as mulheres se unem em prol das mesmas causas, mostram-se capazes de criar mudanças significativas na sociedade.

As poesias do Slam das Minas, também, são engajadas e ativistas; as poetisas ativistas promovem a conscientização e mobilizam pessoas em torno de questões relacionadas ao gênero, raça, sexualidade, criando um espaço seguro para mulheres negras compartilharem suas experiências, encontrarem apoio mútuo e criarem redes de solidariedade. Esse tipo de ambiente seguro é fundamental para o crescimento pessoal e coletivo, permitindo que as participantes se sintam ouvidas e validadas. Em resumo, o movimento Slam das Minas é uma parte importante da luta por justiça social e igualdade na sociedade contemporânea.

3.2.2 Passo dois: Mapeamento dos dizeres de resistência

Na segunda fase visamos explorar quais são as metáforas acionadas como fontes de modelos culturais que emergem nos "gritos por (re)existência" nas batalhas, tendo, como questões orientadoras: 1 - Quais são as metáforas sobre resistência e (re)existência materializadas nas poesias? 2 - Quais as consonâncias e dissonâncias nas metáforas projetadas sobre as temáticas vinculadas ao resistir? 3 - De que forma as metáforas presentes nas poesias revelam indícios de modelos culturais mestres e modelos culturais de contraposição?

Assim, neste subitem evidenciaremos os quadros individuais (de cada poesia) com a catalogação/mapeamento dos dizeres de resistência para analisar a dimensão textual do *corpus* da pesquisa, será feita uma breve descrição da cena enunciativa, a fim de pontuar algumas questões sobre tom de voz, posição e expressões corporais.

QUADRO 4 - Dizeres de resistência/existência

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
--------	--------------------	------------------------	---------------------------------------	-------

SLAM DAS MINAS 2017 FINAL CAROL DALL FARRAS	B1a	Mãe Preta Resiste Desde Que Não Sabia O Que Era Existir	A cena metafórica da performance poética de Dall Farras é rica em gestos e expressões faciais que complementam e enriquecem a mensagem da poesia de resistência e empoderamento. Sua fala é enfática e, em muitos momentos, expressa raiva e indignação. As pessoas ao seu redor, caladas, olham para a poeta, algumas outras estão filmando, outras se comunicando paralelamente sobre algo a respeito, muito provavelmente, da batalha poética em acontecimento, já que uma delas é uma das organizadoras do evento. Nessa sentença, vemos no rosto da poeta a manifestação de raiva, seu corpo acompanha sua fala e quando enuncia as palavras "resiste", entre pausas, ela constrói um ritmo e acompanha o tempo da fala com um movimento de seu braço, ela olha intensamente para a plateia nesse momento. A poeta também intensifica a palavra existir, revoltada com a necessidade de ter que resistir antes de poder existir.	0.36
	B1b	Grito	Dall Farras coloca a mão na garganta enquanto inclina sua cabeça. Podemos ver a plateia em silêncio olhando a poeta, alguns, ainda filmando/fotografando. O tom de voz é elevado.	0.58
	B1c	Força Dos Ancestrais	Quando ela fala sobre a ancestralidade a poeta abre o peito e inclina o corpo aproximando as mãos ao peito, como se estivesse levando alguma coisa para perto.	1.51
	B1d	Imaginou O Chicote Lento Na Vértebra De Um Branco	A poeta fala com agressividade e revolta, joga sua mão com força quando fala do chicote, trazendo, de fato, a memória representativa de um chicote estalando. Farras aumenta sua voz e enfatiza cada palavra. Há uma aproximação da câmera nesse momento, conseguimos ver seu olhar, marejado, intenso, vívido.	1.55
	B1e	Viu Que A Força É Um Detalhe Pra Quem Vive Resistência	A frase mais intensa de toda sua poesia, a poeta mostra toda sua força e o poder do seu corpo e da sua voz ao expressar essa sentença, antes de acabar sua fala, conseguimos ver a plateia saudando e contemplando a poesia através de gritos positivos. A poeta aponta para o próprio peito e vive, naquele momento, sua fala.	2.0

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
Final Slam das Minas SP no Estúdio Tafa - Ago 2017 - Victória	B2a	Preta, Periférica (...) Graduada	A poesia não acontece na rua, mas em um lugar fechado, a plateia está sentada no chão na frente da poeta, que se posiciona em pé. O ângulo da câmera, posicionada abaixo da poeta e centralizada em sua cintura, cria uma perspectiva ascendente, destacando a presença e a força da artista no palco, vista de baixo para cima. A poeta fala com orgulho de si mesma, utiliza a expressão "há" enquanto abre os braços como se estivesse demonstrando obviedade para o outro que, porventura, poderia estar duvidando dela, a poeta sorri e afirma seu senso de identificação, fala com autonomia sobre quem se é. Ao listar seus sentidos de identificação interconectadas, a poeta mostra orgulho de suas origens e conquistas, demonstrando autoconfiança e determinação em sua fala e expressões corporais.	0.40
	B2b	Me Entendi Negra (...) Entendi A Minha Sexualidade	A poeta expressa sua jornada de autodescobrimento e afirmação ao mencionar que se entendeu como negra e entendeu sua sexualidade. Essa parte é marcada por sua serenidade e confiança, mostrando o processo de aceitação e promoção de autonomia.	0.21
	B2c	O Terror Da Casa Grande Nunca Coube Na Senzala	Novamente a poeta demonstra orgulho e mostra a autoconfiança (ao apontar para si mesma) e tranquilidade (quando joga levemente seus braços para o alto) e pronuncia sua fala com autoridade, essa parte evidencia como a poeta confronta e desafia o poder opressivo da elite.	0.45
	B2d	Armadas, Amadas, Empoderadas	Apontando o dedo para o alto, em um tom de seriedade, ela fala pausadamente marcando sua fala junto com os gestos executados. Ao mencionar "amadas", "armadas" e "empoderada", a poeta fecha a mão com o braço erguido, realizando o gesto do punho fechado para o alto, símbolo de luta e resistência, associado ao movimento negro e ao Slam das Minas.	0.50
	B2e	Na Frente, Na Luta, No Front	Enuncia e olha a plateia com convicção e determinação, mostrando sua disposição de estar na linha de frente da luta.	0.54

	B2f	Poucas Ideias, Muita Força	A poeta faz o gesto de representação corporal da força, mostrando o interior do antebraço e simbolizando sua força física.	0.57
	B2g	Abram O Olho, Cortar A Sua Pica (...) Cortar Vocês De Nossas Vidas	Ela fala de maneira pausada, marcando o ritmo com suas mãos.	1.07
	B2h	Isso É Só O Início Do Jogo	A poeta fala com uma obviedade intencional em sua voz, reforçando que ela está apenas começando a lutar e resistir contra as injustiças sociais, e deixando uma mensagem subentendida de que a luta é muito maior. A maneira como fala soa como um alerta.	1.14

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
SLAM DAS MINAS RJ - Final - Brenda Lima	B3a	A Minha Boca Fala	A performance acontece na rua, há muitas pessoas sentadas e de pé em volta da poeta, que se posiciona no centro do público. A câmera centraliza a poeta e a filma de baixo para cima. A poeta narra sua poesia de forma ritmada, como no rap ou no hip-hop. Gesticula com suas mãos e se movimenta no espaço que tem para performar sua poesia. Aponta para si mesma, para seus olhos e coloca a mão sob o peito enquanto mira à plateia.	0.35
	B3b	Sou Espírito Livre Para Honrar Jornadas	A poeta olha e aponta para a plateia.	0.37
	B3c	Lindas, Tão Lindas	A poeta anda de um lado para o outro e passa a mão na pele de seu braço. Sua fala é uma fala movimentada, pois está sempre gesticulando os braços e movimentando corpo e olhar.	0.48
	B3d	As Riquezas São Nossas E Você É Minha Rainha	Com os olhos cerrados a poeta fala batendo no peito.	1.08
	B3e	A Bonança Chegará, A Justiça De Xangô Virá	Em um movimento dançante, a poeta vira as costas para a câmera e, como se estivesse cantando, performa o enunciado na voz e no corpo. A poeta coloca as pontas dos dedos das mãos na testa, a mão na testa é um gesto conhecido como "cumprimento a Xangô" ou	1.15

			"saudação a Xangô". O gesto também pode simbolizar o ato de buscar a sabedoria de Xangô e pedir por justiça em suas vidas.	
	B3f	Luta	A primeira vez em que a poeta fala a palavra "luta" podemos perceber o tom enfático e a postura que entrelaça o cansaço de ser conduzida a lutar e a resistir. No segundo momento, a poeta movimenta o braço em frente ao corpo, com a palma da mão para cima, como se estivesse apresentando, enquanto fala, sua luta.	1.02/1.39
	B3g	Poesias	As duas mãos na frente, em paralelo.	1.03
	B3h	Tem Muita Luta Por Trás De Conquistas De Outras Batalhas Travadas	Nesta cena, sua performance estabelece uma conexão notável com a plateia. Enquanto recita a poesia, a poeta direciona o olhar e aponta em direção às pessoas na audiência, criando uma proximidade palpável. Após as últimas palavras, ela pausa, permitindo um momento de impacto. O silêncio respiratório ressalta ainda mais a intensidade do momento.	1.40
	B3i	Eu Africana Que Carrego A Minha Fala	A cena mostra a poeta se aproximando da câmera, porém mantendo o olhar fixo na plateia. Sua fala é deliberada, transmitindo confiança e certeza. Ela utiliza a forma de um "L" horizontal com os dedos para marcar sua entonação, e ao pronunciar a palavra "fala", aproxima o dedo da boca e o estende para a frente, criando uma ilustração visual da ação de falar.	1.44
	B3j	Mantendo Nações Vivas	Com calma e confiança, a poeta mantém sua mão aberta sustentada à sua frente. Enquanto fala, seus olhos percorrem as diversas pessoas na plateia. Esse movimento de seu olhar estabelece uma ligação individualizada com a audiência, destacando a empatia e a representação que ela procura criar através de sua performance.	1.46

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
Slam das Minas - Mana Sofar Rio de Janeiro	B4a	Minha Língua É Afiada E Pela Palavra Vou Retalhar O Que Nos Fere	Três mulheres se unem em uma performance poética, alternando suas falas de forma harmoniosa durante a apresentação. Entre elas, duas são mulheres negras. O palco é delineado por	0.27

			<p>um tapete, criando um cenário íntimo. A plateia, composta por pessoas sentadas no chão e de pé, são exibidas na filmagem. A posição das poetisas ativistas é destacada, as três estão de pé e em frente ao público, com microfones individuais em suportes que permitem liberdade de movimento. O vídeo captura uma variedade de ângulos, alternando entre cenas distintas conforme o discurso se desenrola. Acreditamos que há mais de uma pessoa filmando, e o vídeo foi editado no final. Esse encontro de poesia, parte do evento "Slam das Minas", é realizado sob o olhar do projeto "Sofar", cujo nome é visível em um cartaz na parede, reforçando o contexto desse momento.</p> <p>A câmera muda de posição duas vezes durante o primeiro enunciado. A primeira cena foca no rosto da poeta do meio, podemos ver uma expressão de raiva e braveza em seu rosto. Logo depois, vemos o outro lado da poeta, se distanciando na diminuição do zoom da câmera. Agora, conseguimos ver todas as poetisas ativistas do palco, dos joelhos para cima. Ao proliferar a palavra "retalhar", as mãos da poeta assumem a posição de palma para cima, alinhadas à altura da cintura, e então, com um balanço semelhante ao gesto de "tchau", ela encena a ação de retalhar. A habilidade com que ela sincroniza as palavras com esse gesto evoca uma imagem vívida de algo sendo cortado em pedaços, criando um elo poderoso entre a linguagem falada e o significado visual.</p>	
	B4b	Tá Cego, Vagabundo? É Por Aqui Que Nasce E Morre O Mundo	As três falam, em conjunto, a frase. Duas delas movimentam as mãos próximas a vagina, mostrando onde o mundo nasce e morre.	0.43
	B4c	Não Porque Seja Fênix, Mas Porque É Mulher	A cena é apresentada em dois planos distintos: inicialmente, visualizamos todas as três poetisas ativistas juntas, e posteriormente, o foco da câmera se estreita para o rosto da poeta à direita que está recitando. Com um ar de provocação, ela arqueia uma sobrancelha e direciona seu olhar lateralmente, fixando seus olhos nas pessoas posicionadas do outro lado da plateia. Esse jogo de perspectivas destaca sua expressão envolvente, intensificando a conexão com a audiência.	0.54

	B4d	Nos Reconhecemos Amigas	A poeta da direita continua falando, ela fala com certa tranquilidade e orgulho.	0.56
	B4e	Aliada	A câmera, ainda focando o rosto da poeta, captura a satisfação dela.	1.02
	B4f	Eu Fico Do Seu Lado, Sempre	A frase é enfática do início ao fim, deixando o aviso claro e reforçando a ideia de que nenhuma mulher está só.	1.05
	B4g	Nós Duas Se Empoderando	A poeta da esquerda inicia sua fala, podemos ver todas as poetas ativistas e a plateia nesse momento. Quem fala fecha o pulso e levanta o braço como um ato de resistência. Sua fala é calma e tranquila.	1.07
	B4h	Te Mandar Pra Cadeia, Te Dar Atestado De Bandidão, Ou Fazer Justiça Com Minhas Próprias Mãos	A poeta do meio, centralizada, com o rosto focalizado, põe uma das mãos, gentilmente repousada sobre o peito enquanto a outra aponta para o horizonte, evocando a noção do lugar da prisão. Sua expressão facial retrata uma complexa interseção entre incerteza e controle diante da situação. Quando aborda a última alternativa, ela fecha o punho direito com firmeza e, com a mão esquerda, toca seu próprio antebraço, criando um elo gestual com a mensagem transmitida. O punho cerrado evoca a concepção de poder e resistência.	2.06
	B4i	Vingança	Depois de cerrar o punho de uma das mãos, a poeta aponta para o gesto com a mão esquerda. Ao executar o gesto simbólico com uma das mãos e, simultaneamente, direcionar o indicador da outra mão para essa representação, ela enfatiza sua própria capacidade de deter esse poder. Essa ação assertiva é uma declaração visual do domínio que ela exerce sobre essa simbologia, sublinhando sua posição de autoridade e determinação.	2.11
	B4j	Meu Pulso Está Batendo A 180 De Pulsação	Através de um tom acentuado, é possível discernir a raiva que a poeta expressa. Essa emoção é amplificada pelo movimento de seus braços, nos quais os dedos das mãos são estendidos e apontados. A sincronia entre suas palavras e esses gestos contribui para a manifestação impactante de sua indignação	2.15

	B4k	Ou Respeita As Mina, As Manas, As Monas Ou Eu Boto Minha Boca No Mundo, Acabo Com Sua Arrogância Em Três Lances, Ou Melhor, 180	As poetas ativistas alternam-se na entrega do enunciado, criando um ritmo envolvente na performance. Ao chegarem à menção dos números "1.8.0", elas unem suas vozes em harmonia. Inicialmente, a poeta central proclama com ênfase "ou respeita as minas", apontando enfaticamente com o dedo indicador para a frente, reforçando a importância dessa declaração e a deixando como um aviso. A cena se expande para revelar as outras poetas ativistas presentes no palco, proporcionando uma visão mais abrangente. Quando abordam os números em questão, a composição focaliza as poetas ativistas do meio e da esquerda, ambas elevando seus dedos para cima. Esse gesto unificado insere um elemento visual que sublinha o impacto da mensagem que estão transmitindo. A fusão de vozes e movimentos nesse momento específico realça a força e a coletividade que permeiam a performance.	2.45
	B4l	Eu Não Ando Só	As três poetas ativistas falam juntas, duas delas com as mãos no peito, enquanto a terceira aponta para si mesma. O fato da mensagem ser declamada por três poetas ativistas, já nos dão a visão de que elas pregam na mensagem, de que, de fato, não andam só.	2.57

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
SLAM DAS MINAS RJ - Yabo no Sarau Comuna Deusa	B5a	Cuidado Comigo	Na rua, a poeta se posiciona em pé e centralizada no vídeo, atrás dela há uma kombi colorida com o escrito Slam das Minas na lataria, há, também, algumas blusas com frases escritas, acreditamos que são produtos expostos para serem vendidos pelo movimento. A poeta está com um microfone na mão e, em um primeiro momento, conseguimos ver todo o corpo da poeta. a câmera muda de posição no decorrer do vídeo, a mudança na composição da câmera ao longo do vídeo, da visão completa para o foco na parte superior do corpo, pode ser interpretada como uma forma de intensificar a conexão emocional entre a poeta e o público, uma vez que conseguimos acessar, com mais	0.43

			facilidade, suas expressões faciais e seu olhar. A poeta declama sua poesia como um rap, falas rápidas e ritmadas. Em B5a a poeta aponta para si mesma.	
	B5b	Se Vier No Vacilo, Eu Viro Pitbull	Com as mãos marcando o ritmo de sua fala, a poeta aponta os dedos para frente, primeiro, com eles abertos e, depois, em formato de um "L" na horizontal.	0.44
	B5c	Empoderamento	A câmera direciona seu foco da região do peito para cima, enquanto a palavra é proferida com rapidez, entrelaçando-se de forma contínua ao longo de toda a frase.	0.57
	B5d	Ocupo A Rua	O olhar da poeta em direção ao público revela uma confiança evidente em sua fala, transmitindo a sensação de que ela está plenamente consciente e segura do que está expressando com suas palavras.	1.09
	B5e	Minha Palavra Vale Um Tiro	A câmara concentra sua atenção no rosto da poeta enquanto ela se desloca pelo espaço disponível. Sua fala é repleta de entonação e ritmo, preenchendo o ambiente com sua energia.	1.21
	B5f	Consciência Marginal Para Destruir A Sabotagem	A fala é veloz, acompanhada pelo gesto de sua mão que aponta e balança no compasso de sua expressão verbal.	1.27
	B5g	Vou Tomar Nosso Mundo De Volta	A fala se desenrola de forma mais pausada, carregada de clareza e com um foco prolongado na última palavra, "volta". Enquanto saúda, seus olhos se dirigem à plateia, e ela ergue o braço para frente, em um gesto que se estende na direção dos espectadores.	1.38

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
Slam das Minas Rj: Thais Ayomide	B6a	A Linda Rosa Juvenil Não Precisa Da Sua Piedade Para Cantar A Liberdade	A poesia ocorre na rua, a poeta tem um microfone em sua mão. No cenário, uma DJ com máscara se destaca, evocando a noção de que esse embate poético surgiu após o período de confinamento da pandemia de COVID-19. Um homem, descontraído, se inclina contra uma placa, observando atentamente a batalha poética. Conforme o vídeo se desenrola, a câmera	0.40

			acompanha o passo da poeta, revelando gradualmente outros membros da plateia que compõem o ambiente. Na frase em destaque, a poeta fecha os olhos enquanto ela modula sua voz, acrescentando uma melodia à sua declamação. Em um ápice de expressão, na frase "não precisa da sua liberdade para cantar a liberdade", seus olhos se abrem de forma impactante, sua voz ressoa com um tom mais profundo e volumoso. Essa transição brusca cria um contraste marcante, enfatizando a abordagem singular quando se direciona à "linda rosa" em contraposição ao retrato do "outro" presente na poesia.	
	B6b	Pra Se Fortalecer (...) Ela Já Tinha Caminhado Até A Sua Raiz E Lembrou De Onde Vem A Tal Força Motriz	Sua fala é calma e vai ganhando uma entonação gradual. Ela olha o público em todos os lados, e, quando fala sobre a lembrança e da força motriz, ela posiciona sua mão em sua frente enquanto carrega um sorriso discreto.	2.06
	B6c	E De Lembrança Em Lembrança Ela Se Fez Semente	Movimenta sua cabeça para cima e para baixo, discretamente, como o movimento de afirmação.	2.10
	B6d	(Ele) Teve Que Se Curvar Pra Ver Ela Vencer	Ela olha para câmera, seu semblante expõe raiva, força e bravura.	2.29

POESIA	EXCERTO DA BATALHA	DIZERES DE RESISTÊNCIA	CENA METAFÓRICA - UMA BREVE DESCRIÇÃO	TEMPO
SLAM DAS MINAS RJ: Anna Moura	B7a	Tamo Com Pressa	Na rua, a poeta se posiciona em pé e centralizada no vídeo, atrás dela há uma kombi colorida com o escrito Slam das Minas na lataria, há, também, algumas blusas com frases escritas, acreditamos que são produtos expostos para serem vendidos pelo movimento. A poeta segura um microfone. Ela fala com tranquilidade e em um tom baixo. Sua voz enfatiza a palavra pressa. Ela fala com confiança, mostra a impaciência e traz um tom de ordem.	0.54
	B7b	Minhas Letras Mirando Sua Testa	Ela se expressa com uma voz tranquila, como se estivesse provocando de forma descontraída. A palavra "testa" é estendida, ganhando uma ênfase em sua entonação.	1.01

	B7c	Tenho Esperança	Ela fala de maneira natural e cotidiana, olhando a plateia. A câmera foca em seu rosto, que expressa serenidade e autoconfiança.	1.11
	B7d	Denunciando	Sua fala é clara, o tom de sua voz é preciso.	1.35
	B7e	Eu Sigo No Corre Pra Espalhar Informação	A câmera ainda focada no rosto da poeta, ela fala de forma fluida e cotidiana.	1.48
	B7f	Eu Escolho Rap, Eu Escolho A Rima	Fala pausada e enfática.	1.53

Fonte: elaboração nossa

A partir desses enunciados, as poetisas mostram que são muito mais do que corpos oprimidos e violentados, dizem sobre suas vidas, suas vontades, sobre quem são e onde estão a partir dos próprios discursos, além disso, falam sobre o outro de acordo com suas próprias lentes. Mais à frente, descreveremos brevemente o dizer de resistência de cada poesia e, então, partiremos para a análise das metáforas.

A primeira poesia destaca a longa história de resistência das mulheres negras desde o início de suas vidas, enfatizando que enfrentam desafios desde a infância devido à discriminação racial. A existência dessas mulheres é intrinsecamente ligada à resistência contra um sistema opressor. Há também uma expressão de respeito pela herança e sabedoria dos antepassados, reconhecendo sua importância na identidade das mulheres negras. A força, conforme mencionada na poesia, não está apenas na resistência individual, mas na capacidade de enfrentar adversidades, lutar por direitos e persistir em busca de justiça, especialmente relevante em contextos de ativismo social e lutas por igualdade. Assim, o conjunto da poesia ressalta a importância da resistência coletiva e individual das mulheres negras em meio a um contexto de discriminação racial e social.

A poesia, articulada por meio dos enunciados de B2a a B2h, é uma expressão poderosa que abraça a jornada de autodescoberta, resistência e afirmação da identidade preta e periférica. A inclusão das palavras "Preta" e "Periférica", seguidas de "Graduada", constrói um discurso multifacetado, desafiando as representações sociais hegemônicas e reivindicando uma identidade que transcende as expectativas historicamente impostas à população preta e periférica, notadamente às mulheres. Ao longo da poesia, o discurso se desdobra em um processo de autocompreensão, onde a poeta proclama sua negritude,

compreende sua sexualidade e abraça esses aspectos como partes intrínsecas de sua identidade. A poesia, como um todo, celebra a força, a resistência e a busca por mudanças significativas, unindo temas de identidade, autenticidade, luta contra estereótipos, resistência histórica e a continuidade da luta por justiça e igualdade.

A terceira poesia traça um manifesto de autenticidade, resistência e afirmação cultural. A poeta reivindica espaço para que as mulheres expressem suas próprias experiências e perspectivas. A poesia ressalta o papel da expressão artística, especialmente da poesia, como uma forma de resistência cultural, desafiando discursos dominantes e promovendo uma visão alternativa do mundo.

A quarta poesia é uma expressão de denúncia social, poder feminino e solidariedade. A poeta destaca o poder da palavra e da expressão artística para expor injustiças e confrontar o sistema hegemônico. Há uma exaltação da força inerente às mulheres e uma afirmação de que a resistência faz parte de sua identidade. A solidariedade entre mulheres é um tema recorrente no Slam das Minas, destacando a importância do apoio mútuo na busca por igualdade. A poesia aborda estratégias diversas para buscar justiça, incluindo denúncias, ação direta e união feminina.

A quinta poesia também ressalta o poder transformador das palavras e da poesia. A conscientização das experiências marginalizadas é abordada como uma forma de poder e resistência, sugerindo uma vontade de dismantelar as estruturas de poder que perpetuam a discriminação. A poesia traz um chamado à luta para reaver o que foi roubado aos grupos marginalizados socialmente em um mundo de injustiça e desigualdade.

A sexta manifestação poética enfatiza a autonomia e a autoafirmação como elementos essenciais na busca pela liberdade. A poeta encontra poder ao lembrar-se de suas origens, sugerindo que a identidade e a força pessoal estão intrinsecamente ligadas à herança cultural e às experiências dos antepassados.

A última poesia do conjunto destaca a urgência de agir e provocar mudanças significativas, enfatizando a necessidade de conscientização rápida sobre questões como racismo e machismo e criando uma sensação de urgência para lidar com esses problemas. Vemos, na poesia, que as palavras têm o poder de desafiar ideias, opressão e injustiças, representando a poesia como uma arma intelectual e criativa contra a opressão. A poeta traz

uma atitude ativa e comprometida em buscar e compartilhar conhecimentos, além de transmitir uma sensação de responsabilidade social como agente de mudança.

Iniciaremos, agora, uma análise macro dos elementos que se aproximaram e se distanciaram com o propósito de identificar as metáforas de resistências retratadas nas poesias de maneira mais visível, buscando ilustrar, a partir de algumas exemplificações, como, a partir dos enunciados das poesias, encontramos as metáforas. Como veremos adiante, o *corpus* projeta metáforas sobre resistência nas seguintes nuances: poder, luta, denúncia, sentidos de identificação, poesia, ancestralidade e união feminina.

Posteriormente, investigaremos as metáforas de resistência aliadas aos modelos culturais, assim, conseguiremos entender como as metáforas de resistência são estratégias argumentativas de criação de um espaço de ação, representação, identificação e, evidentemente, de mudança social. Para isso, como já dito, precisamos observar quais elementos são recorrentes, fazendo uma análise das consonâncias e dissonâncias apresentadas nos quadros das poesias visto anteriormente.

3.2.2.1 Visão macro sobre os elementos textuais: consonâncias e dissonâncias

A seguir evidenciaremos uma discussão macro comparativa, de modo a observar as consonâncias e dissonâncias dos dizeres de resistência que foram destacados no quadro 4. A visão macro sobre os elementos textuais pode ser compreendida como uma análise mais ampla dos padrões e contrastes presentes nas poesias e nas mensagens transmitidas por meio da linguagem.

A figura 3 identifica a maneira pela qual a resistência é metaforicamente retratada por meio das expressões mais frequentemente utilizadas no *corpus*. Existem diversas abordagens para se referir a um determinado tema e, na imagem ilustrativa, concentramo-nos na representação, ou seja, no cerne das diversas expressões. Ao estruturar essas declarações, desvendaremos as metáforas que as envolvem, após isso, traremos ilustrações com passagens das poesias a fim de responder à questão: Como que a metáfora de resistência aparece textualmente nas poesias? De que formas e com quais expressões?

FIGURA 3 - Imagem ilustrativa das metáforas sobre resistência projetadas no *corpus*

Fonte: elaboração nossa.

Por meio da figura 3, podemos observar todos os enunciados que foram previamente detalhados nas seções do subitem 3.2.2, os quais estão interligados com o tópico central em questão. Dessa forma, identificamos um total de sete ocorrências em que a resistência é abordada por meio de metáforas presentes nas poesias estudadas. Esses elementos centrais estão organizados em uma estrutura hierárquica, onde a categoria "poder" ocupa o primeiro lugar devido à sua recorrência mais frequente.

O processo de seleção das metáforas no texto teve início com a realização da catalogação e mapeamento dos dizeres de resistência presentes nas poesias. Cada poesia foi

minuciosamente analisada de modo individual, com o objetivo de compreender a dimensão textual do *corpus* da pesquisa. Em seguida, elaboramos uma catalogação dos dizeres de resistência/existência das poesias, acompanhados por uma breve descrição da cena metafórica que complementa cada parte da performance. Um exemplo representativo desse tipo de dizer é encontrado no enunciado B5f “Consciência Marginal Para Destruir A Sabotagem”, o qual sugere uma forte conotação de resistência e enfrentamento das adversidades.

Posteriormente, nos aprofundamos em uma análise macro dos elementos textuais, com o intuito de identificar as metáforas de resistência retratadas de forma mais proeminente nas poesias. Dentro dessa análise expandida, destacamos a frequência e a recorrência das metáforas utilizadas nas poesias. Ao conduzirmos uma investigação mais abrangente desses elementos textuais, pudemos perceber a emergência da metáfora de resistência "poder" no enunciado mencionado. Neste enunciado, observamos a posição de poder do sujeito para desconstruir algo, especificamente a sabotagem, por meio da consciência marginal, do conhecimento e das ferramentas ligadas ao saber. Dessa forma, compreendemos sua significativa contribuição para a construção de um discurso de resistência e (re)existência.

Para ilustrar o processo de seleção de metáfora de forma mais precisa, podemos visualizar uma linha de conexão que parte da poesia B5, passa pelo enunciado B5f “Consciência Marginal Para Destruir A Sabotagem” e chega à metáfora “poder”, a qual está intimamente ligada à noção de resistência. Essa conexão linear ajuda a visualizar como as metáforas são selecionadas e conectadas dentro do contexto da pesquisa.

Realizada essa breve descrição do procedimento didático de seleção das metáforas, a seguir, explicaremos cada uma das metáforas expostas na imagem ilustrativa acima.

As metáforas são evidenciadas textualmente nas poesias por meio das expressões dos enunciados destacados na figura 3. Abordaremos alguns desses enunciados a fim de investigar de que forma as metáforas se manifestam textualmente. Vale ressaltar que não abordaremos todos os trechos destacados, a fim de evitar uma análise excessivamente longa e redundante. Nosso objetivo é elucidar a estrutura e funcionamento dessa teia de enunciados metafóricos, destacando exemplos representativos para uma compreensão mais aprofundada. Ao focarmos em algumas exemplificações, buscamos fornecer uma visão suficientemente

abrangente do modo como as metáforas são construídas e interligadas no contexto em questão.

Uma consonância recorrente materializada nas poesias é a metáfora de resistência "poder", destacada 14 vezes. A metáfora traz uma forte conotação de resistência e enfrentamento das adversidades. Essa associação sugere que as mulheres negras não são meramente vítimas das circunstâncias, mas sim agentes ativos que têm a habilidade de moldar seus próprios discursos e superar os desafios que enfrentam. Adiante, veremos alguns enunciados que estão associados a metáfora do poder com o intuito de evidenciar como esse conceito se configura como a temática maior nos discursos poéticos, se caracterizando como uma metáfora de resistência.

Uma expressão que pode nos mostrar a ligação com o poder é enfatizada em B2d: a palavra "Armadas" tece uma conotação com guerra, guerrilha, confronto, combate e suas variantes, sugerindo que as poetisas ativistas estão munidas com as próprias vozes e conhecimento para enfrentar os desafios que enfrentam. A palavra "armadas" pode ser considerada uma metáfora estrutural, conforme apresentado por Lakoff e Johnson (2003), onde o conceito de estar equipado com armas é transferido metaforicamente para descrever um estado de preparação ou fortificação. Nesse contexto, pode ser associado a estar preparado, seja intelectualmente, emocionalmente ou de outras maneiras, contendo, no entanto, um determinado grau de disputa pelo poder. O adjetivo "Amadas", presente no mesmo enunciado, mostra o reconhecimento da importância do afeto e da valorização das mulheres em suas vidas pessoais e sociais. Isso contrasta com a objetificação e o desrespeito que muitas mulheres enfrentam na sociedade como foi visto no capítulo sobre o feminismo negro. Aqui, o conceito de ser alvo de amor é transferido para expressar uma condição de carinho, aceitação e afeto.

Já o termo "Empoderadas", subsequente aos outros, indica que as mulheres têm uma certa margem de poder de tomar decisões sobre suas próprias vidas, visando corrigir desequilíbrios de poder existentes na sociedade relacionados à hegemonia dominante. Nesse contexto, o excerto é uma afirmação de agência e resistência contra as consequências do colonialismo, que historicamente desvalorizou as mulheres em muitas culturas colonizadas, se tornando uma ferramenta de poder decolonial. A palavra "empoderadas" é uma metáfora

ontológica, onde o poder é atribuído como uma entidade a esses grupos sociais. Essa metáfora implica não apenas a posse de poder, mas também a capacidade de agência social.

Nesse sentido, o enunciado B2d materializa a metáfora do poder por comunicar a ideia de que essas mulheres possuem a capacidade de influenciar mudanças significativas em suas vidas e nas estruturas sociais que as rodeiam. Além disso, a metáfora do poder se revela como uma reafirmação da autoestima e autoconfiança das mulheres negras, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar sua própria voz, sentidos de identificação e experiência, contrapondo a marginalização histórica que muitas vezes enfrentam. Dessa forma, a metáfora do poder contribui para a construção de uma imagem positiva das mulheres negras, inspirando um senso de orgulho em suas conquistas e contribuições para seu grupo social e para a sociedade como um todo.

Em B3d, a frase "Você É Minha Rainha" expressa o apoio e solidariedade entre as mulheres, sugerindo a importância de fortalecer e elevar umas às outras, reconhecendo a dignidade e o valor individual de cada mulher, principalmente, no contexto da poesia, da figura materna. A frase também rejeita as representações sociais negativas e opressivas que

foram historicamente associadas às mulheres pretas e periféricas por discursos hegemônicos, coloniais e patriarcais. A poeta, então, destaca a beleza e a força dessas mulheres, desafiando as representações negativas que frequentemente são impostas sobre elas. Ao usar a palavra "Rainha", metáfora ontológica usada para personificar e elevar uma mulher, conferindo-lhe atributos associados à realeza, como dignidade, valor e respeito, afirma a importância da cultura e da identidade das mulheres pretas e periféricas, celebra a herança cultural e o papel central que essas mulheres desempenham em suas comunidades.

Dito isso, vemos o que Gee (2001) fala sobre os modelos culturais estarem conectados aos conhecimentos compartilhados de um grupo social, uma vez que a poeta utiliza o conceito "rainha" para reverenciar a figura da mulher preta, mostrando os valores e as crenças de nossa cultura, que associam à palavra rainha adjetivos positivos. Assim, o enunciado se associa à metáfora do poder ao revelar um discurso de resistência, reconhecimento e celebração das mulheres negras e periféricas, desafiando e redefinindo concepções tradicionais e estereótipos historicamente impostos sobre elas.

Ao falar em conscientização como uma forma de poder, logo, de resistência, a frase de B5f se refere à conscientização das experiências. Ter uma "consciência marginal" significa

reconhecer e valorizar essas experiências, bem como as formas como as estruturas de poder afetam esses grupos, como visto em Lerner (2019), discutido anteriormente, a tomada de consciência é gatilho para possíveis mudanças. A palavra "destruir", nesse contexto, evidencia uma vontade de dismantelar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a discriminação. É uma chamada à ação para promover mudanças significativas na sociedade e combater a “sabotagem”, uma referência à resistência ativa contra sistemas de poder opressivos. A palavra "sabotagem" pode ser considerada uma metáfora estrutural. De acordo com a definição fornecida por Lakoff e Johnson (2003), as metáforas estruturais são aquelas que estruturam nossa compreensão de conceitos abstratos em termos de conceitos mais concretos. No caso da palavra "sabotagem", ela é utilizada para representar conceitos abstratos relacionados a obstáculos, interferências negativas, forças opressivas. Essa escolha de palavra cria uma imagem mental associada a algo concreto (ato de sabotar), proporcionando uma compreensão mais vívida e específica do conceito abstrato que está sendo comunicado. Portanto, "sabotagem" age como uma metáfora que estrutura nossa compreensão dos desafios que precisam ser destruídos por meio da consciência marginal. O poder de se insurgir contra as injustiças é conferido aos indivíduos conscientes marginalmente. Em outras palavras: saber é poder.

Sendo assim, nas poesias destacadas, a metáfora do poder é articulada de diversas maneiras por meio de expressões e construções textuais. A metáfora do poder contribui para a construção de um discurso de resistência, autonomia, valorização e luta coletiva das mulheres negras nas poesias.

Outra consonância vista é a metáfora "luta". As poetisas ativistas utilizam expressões simbólicas para reforçar a força e a luta das mulheres negras contra a opressão e o preconceito, destacando sua capacidade de superação e transformação. A metáfora luta aparece dez vezes nas poesias e, mais do que uma arena de batalha, representa toda a trajetória das mulheres negras no decorrer da história do Brasil. A metáfora “luta” simboliza a vida dessas mulheres, que já nascem nesse espaço de luta por uma vida mais digna e justa, é um discurso que atravessa gerações e permeia a vida desses sujeitos.

O excerto B1a, Mãe Preta Resiste Desde Que Não Sabia O Que Era Existir, nos ajuda a ilustrar o dito, pois enfatiza a história de resistência das mulheres negras desde o início de suas vidas. O enunciado sugere que, desde o momento em que essas mulheres (mães pretas)

nasceram, elas têm enfrentado desafios e adversidades devido à interseccionalidade de gênero e raça que as atravessam que, como abordado por González (2020), são afetadas por intermédio de uma rede de práticas opressivas. No contexto histórico de discriminação racial e desigualdade, essa frase aponta para a força e a resistência contínuas das mulheres negras desde a infância que, antes de poder existir - ser quem se é, ter uma vida digna, precisam se colocar contra um sistema opressor e resistir, em primeiro lugar. Assim, a existência dessas mulheres pressupõe luta e resistência. A expressão "Mãe Preta Resiste" pode ser vista como uma metáfora estrutural, pois estrutura nossa compreensão do conceito abstrato de resistência em termos de uma figura materna negra. A expressão "Mãe Preta Resiste" também pode ser compreendida como uma metonímia, representando uma figura específica (a mãe preta) para simbolizar a resistência de uma comunidade mais ampla.

Em B3h, a frase, “Tem Muita Luta Por Trás De Conquistas De Outras Batalhas Travadas”, nos diz que, muitas vezes, as lutas não são visíveis ou imediatamente aparentes, mas que são intrínsecas a cada conquista, a luta é diária e acontece a passos curtos e pode ser vista como um lembrete para respeitar e honrar a história e as lutas que pavimentaram o caminho para as conquistas atuais. Isso incentiva a compreensão das raízes das mudanças sociais e a valorização daqueles que abriram caminho para o progresso, além de denunciar a falsa meritocracia, pois, por trás de cada conquista, por mais sutil que seja, há uma história marcada por lutas de direitos. Nesse sentido, o enunciado pode ser caracterizado como uma metáfora estrutural, pois refere-se à associação de elementos que, por meio dessa relação, ganham significado. Nesse caso, a estrutura metafórica está presente na associação entre "conquistas" e "batalhas travadas" que são conectadas de uma maneira que cria um significado simbólico mais amplo. A ideia é que as conquistas estão relacionadas às batalhas travadas, sugere que cada conquista é o resultado de uma luta significativa na busca de direitos, igualdade e espaços sociais, culturais e políticos das mulheres pretas e periféricas brasileiras.

A palavra "Vingança", em B4i, pode ser usada para expressar uma luta histórica contra a opressão, discriminação e injustiça, representando um senso de conexão com aquelas que enfrentaram desafios semelhantes ao longo da história e uma determinação em buscar justiça e igualdade. A vingança é um ato de resistência, de não aceitação, de luta contra os poderes dominantes; é uma declaração de luta. O uso da palavra "Vingança", utilizada pela

poeta, sugere uma resistência contínua contra o legado de um passado machista, racista e opressor e um compromisso em superar as adversidades que foram impostas às pessoas negras ao longo dos séculos. Assim, a vingança expressa, também, a necessidade de reparação de injustiças históricas e contemporâneas, bem como a busca por um futuro mais equitativo, sendo uma metáfora ontológica que vai além de uma definição literal e se torna um símbolo de uma luta mais ampla contra a opressão histórica, machismo e racismo.

São as mulheres se colocando em um cenário ameaçador contra sistemas que as oprimiram e ainda oprimem, um recado de mudança, de luta e de recusa às normas e atitudes de sistemas dominantes. Vale dizer que o entendimento da palavra vingança, ligado a metáfora de luta e falado por uma mulher preta em um espaço de batalha poética, traz significados diferentes do que se pronunciado por um homem, cis e branco em uma roda de poker com os amigos. Isso remete ao que Gee (2001) denomina de significados situados, os quais estão ligados a modelos sociais específicos de grupos sociais e são negociados nas interações sociais, expondo os modelos culturais que estão em jogo e as experiências compartilhadas de um grupo determinado.

Sendo assim, a metáfora “luta” se torna um símbolo de resistência ativa, enfatizando a necessidade de persistência e ação para transformar as realidades sociais. Nesse contexto, a metáfora transmite a mensagem de que a resistência é uma jornada constante, marcada pela força coletiva e pelo compromisso com a transformação social.

A metáfora de resistência "denúncia", por sua vez, desafia as representações sociais hegemônicas, dando voz às experiências silenciadas e negligenciadas pela sociedade. Retratada em sete ocorrências, a metáfora revela as feridas sociais e emocionais, lançando luz sobre os efeitos corrosivos do machismo, do racismo e da discriminação. Essa denúncia não apenas critica a realidade atual, mas também convoca à ação, encorajando a reflexão e a mudança social de mulheres que passam por situações de opressão a "botar a boca no mundo" ou a dar os “três lances, ou melhor, 180" (B4k).

O enunciado B1b traz a palavra “Grito”, e o ato de gritar, especialmente quando feito por uma mulher negra, pode ser entendido como uma forma de denúncia, pois, em muitos contextos, as vozes das mulheres negras foram historicamente silenciadas; e gritar é uma maneira de romper com esse silenciamento, de se fazer ouvir e de reivindicar seu espaço e sua importância na sociedade. Tal construção nos mostra como os modelos culturais,

atravessados na metáfora da denúncia, trazem influência no senso de identificação, representação e nos modos de agir no mundo dos sujeitos, pois, neste contexto, a palavra "grito" não é usada literalmente para descrever o ato de emitir um som alto, mas sim como uma expressão simbólica que está metaforicamente orientada (metáfora orientacional) para destacar a posição de resistência de quem grita. A metáfora orientacional, tendo a ver com espaço e direção, entende o grito como um aumento de voz, indo em direção contrária ao silêncio, a voz abaixada, abafada e moderada.

Ao observar a quarta poesia, podemos ver que B4a enfatiza o poder da palavra e da expressão artística como ferramentas para a denúncia de injustiças. A "língua afiada", como significado situado, ela é clara, mas é socialmente ambígua, e sugere que a mulher negra possui habilidades retóricas e poéticas afiadas que ela usará para chamar a atenção para questões que causam feridas em sua comunidade e na sociedade em geral, a língua é uma metáfora estrutural de uma faca, que quando afiada é certa, podendo machucar e ferir o outro. O excerto indica que a poeta está comprometida em denunciar as injustiças, se coloca como uma voz que irá expor e criticar essas questões, buscando conscientizar as pessoas sobre a realidade que muitas vezes é ignorada ou negligenciada. A poeta não está disposta a aceitar as injustiças; em vez disso, está disposta a usar sua arte e sua voz para desafiar e confrontar questões que a oprimem. A frase também pode ser vista como um chamado à solidariedade e à construção de uma comunidade mais forte. Ao dizer "o que nos fere", a poeta está indicando que essa denúncia não é apenas sobre ela, mas sobre sua comunidade, não um caso isolado, mas coletivo.

A frase de B4k começa com a exigência de respeito para "As Mina, As Manas, As Monas", que são termos que frequentemente se referem a mulheres e a comunidade LGBTQIA+. Essa parte da frase destaca a necessidade de respeitar todas as pessoas, independentemente de gênero, orientação sexual ou raça, e denuncia qualquer atitude de desrespeito ou discriminação. Assim, vemos uma metáfora criativa, pois os termos "Mina," "Mana," e "Mona" são utilizados criativamente para representar mulheres e a comunidade LGBTQIA+. É uma maneira de criar uma nova forma de descrever e incluir esses grupos. A parte seguinte da frase "Ou Eu Boto Minha Boca No Mundo" sugere uma ameaça de denúncia pública. A poeta está declarando sua intenção de falar abertamente e expor qualquer comportamento ou atitude arrogante que desrespeite as pessoas mencionadas anteriormente.

Aqui, temos uma metáfora de personificação. A boca é personificada, atribuindo a ela a capacidade de falar e denunciar. Também pode ser interpretada como uma metáfora criativa, pois a boca é utilizada de forma simbólica para representar a expressão e a denúncia. A frase continua com a promessa: em "Acabo Com Sua Arrogância Em Três Lances, Ou Melhor, 180", a poeta se mostra determinada em confrontar a arrogância e a discriminação e simboliza, novamente, a central de atendimento à violência contra a mulher como um espaço de denúncia de violência contra mulheres.

A metáfora “denúncia”, portanto, se configura como uma voz contundente que clama por justiça, revelando as injustiças e desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras. A denúncia, nas poesias, não é apenas uma exposição de fatos, mas um dizer que busca romper com o silenciamento histórico e dar visibilidade a experiências muitas vezes negligenciadas.

A busca pela afirmação de "sentidos de identificação" das mulheres negras e periféricas também são recorrentes nas poesias, contadas em seis vezes. A metáfora enfatiza a importância do reconhecimento e valorização de sua história, ancestralidade e cultura, assim como a construção de uma autoimagem positiva. Ao ir contra a uma tentativa de imposição de sentidos de identificação construída por vozes brancas e masculinas, as poetisas resistem ao falar sobre os próprios sentidos de identificação, indo contra a uma identidade distorcida do que é ser uma mulher preta que, por muito tempo, fez parte do imaginário social. Dessa maneira, as poetisas redesenham a representação da figura preta e feminina com outros traços e apresentam a mulher preta e periférica brasileira de acordo com seus próprios sentidos de identificação, atribuindo adjetivos como b2a "graduadas" e b3c "lindas".

Na segunda poesia, podemos ver, em B2a a inclusão das palavras "Preta" e "Periférica" seguidas da palavra "Graduada", o que sugere uma identidade multifacetada. Ela comunica que a poeta em questão identifica-se como preta e periférica, ao mesmo tempo em que destaca suas realizações acadêmicas e quebra com as representações sociais que visam afastar esses corpos de espaços educacionais. As palavras "Preta" e "Periférica" são utilizadas para estruturar a compreensão de um conceito abstrato (no caso, uma pessoa) em termos mais concretos. Elas adicionam características específicas à pessoa descrita, destacando sua identidade racial e sua origem. A ordem das palavras na frase sugere uma progressão, onde a pessoa começa por afirmar sua identidade racial e sua conexão com a periferia, antes de

mencionar sua formação acadêmica. Isso pode ser entendido como uma maneira de enfatizar a importância de sua identidade racial e de sua experiência na periferia como parte fundamental de quem ela é.

O enunciado desafia representações sociais prévias, sugerindo que a pessoa que a pronuncia está quebrando expectativas e demonstrando que ser preta e periférica não a impede de alcançar o sucesso acadêmico e profissional, âmbitos que foram historicamente negados às mulheres e à população preta e periférica. Dessa forma, o modelo cultural hegemônico que exclui o conceito “graduada” da realidade de uma mulher preta é contestado quando atravessado por um modelo cultural menor que evidencia que mulheres pretas possuem direito à educação e, mais ainda, possuem um diploma de graduação. Assim, conseguimos observar, como pautado por Gee (2001), instâncias de uma estrutura social mais ampla em paralelo com interações diárias.

Nessa compreensão, os modelos culturais, reflexos de um passado específico a negação do estudo as mulheres, principalmente as mulheres pretas, como apresentado por Lerner (2019), evidencia que as mulheres são privadas de educação ao longo da história. Esse fato ainda influencia nosso dia a dia, visto que as palavras: mulher preta, periférica e graduada não são vistas juntas com muita frequência - ainda que mulheres pretas têm ocupado, a cada dia mais, seus espaços na Academia por meio do sistema de cotas e de modelos culturais de contraposição que, aos poucos, auxiliam para que a educação seja mais democrática e acessível para todos.

O dizer de B3i começa com "Eu Africana", o que indica uma identificação cultural com as raízes africanas. A poeta está afirmando sua herança africana, sugerindo que se reconhece como parte da diáspora africana e valoriza suas conexões culturais. Ao afirmar "Eu Africana Que Carrego A Minha Fala", declara que é a guardiã de sua própria voz e história. Assim, a poeta destaca a sua capacidade de expressar suas experiências, perspectivas e sentidos de identidade por meio de sua fala. Há, também, o aspecto de resistência contra a marginalização histórica das pessoas negras e uma afirmação da importância da perspectiva africana. Ao dizer que carrega "A Minha Fala", a poeta mostra que sua voz e sua fala são valiosas e dignas de serem ouvidas e validadas perante a sociedade. Mais ainda, que ela fala por ela mesma, em uma história escrita por mãos brancas e masculinas. Com isso, a poeta mostra que, agora, serão as versões delas que contarão a história. Dessa maneira, podemos

observar uma metáfora ontológica, visto que a expressão “Carrego A Minha Fala” é uma maneira de atribuir significado à existência e à identidade pessoal, enfatizando a importância da própria voz e expressão na construção da identidade.

O enunciado B4c resiste em oposição ao sexismo e à opressão de gênero. A fala, “Não Porque Seja Fênix, Mas Porque É Mulher”, implica que ser mulher, por si só, é uma razão suficiente para ser forte e resistente em um mundo que, muitas vezes, as subestima e menospreza. Vemos que a negação pressupõe afirmação, reforçada, inclusive, pela adversativa. A comparação com Fênix, uma figura que renasce das cinzas, conhecida por sua capacidade de renascer e se regenerar, mesmo após ser consumida pelo fogo, coloca as mulheres como detentoras da capacidade de se recuperar e se fortalecer diante de adversidades, assim como a Fênix renasce das cinzas. Isso reforça a ideia de que a resistência faz parte da identidade feminina. Podemos ver uma metáfora criativa na frase por usar a imagem da Fênix para representar a força feminina, criando uma nova forma de descrever a resistência das mulheres.

Em síntese, as nuances das metáforas sobre os "sentidos de identificação" nas poesias revelam-se como uma ferramenta que representa diferentes facetas da identidade dessas mulheres; em outras palavras, evidencia as interseccionalidades que atravessam essas mulheres. Essa metáfora não apenas comunica quem as poetisas ativistas são de acordo com elas mesmas e com os grupos sociais dos quais fazem parte, mas também ressoa como um ato de resistência, desafiando representações sociais hegemônicas e construindo uma teia de afirmação interseccional.

Já a metáfora "poesia", destacada em seis circunstâncias, enfatiza o papel da literatura, da cultura hip-hop, da própria fala como uma forma de resistência, expressão e transformação. A “poesia”, metáfora que apareceu seis vezes, é vista como uma ferramenta poderosa para construir discursos alternativos, desafiando os dizeres hegemônicos e promovendo a conscientização; como dito em B7e, a poesia é uma ferramenta para "espalhar informação". Além de rejeitarem o silêncio e o apagamento imposto, a poesia se insere como uma metáfora vista como um eco para vozes antes silenciadas socialmente. A poesia é capaz de explorar questões sociais e políticas de maneira profunda, falando para diferentes grupos, em uma linguagem direta e acessível, oferecendo um meio de denúncia, reflexão e resistência sobre as realidades enfrentadas por essas mulheres.

Por conseguinte, o enunciado de B7b transmite a ideia de um confronto poético, onde as "letras" e palavras da poeta são direcionadas com precisão para um alvo, simbolizado pela "testa" de seu receptor. Isso pode ser interpretado como uma maneira figurativa de desafiar ideias, opressão e injustiças. O excerto implica que as palavras da poeta têm o poder de despertar consciências e chamar a atenção para questões importantes, representa a ideia de que a poesia pode ser uma arma intelectual e criativa contra a opressão e a injustiça. O enunciado exhibe traços de personificação, conferindo às letras a habilidade de "mirar", ação frequentemente associada a seres humanos. Contudo, também pode ser interpretado como uma metáfora ontológica, ao apresentar as "letras" não apenas como elementos gráficos ou literários, mas como veículos de ideias, saberes e emoções expressadas pela poeta. Nesse contexto, atribui-se às letras a capacidade de "mirar", conferindo-lhes uma característica humana de intenção e foco.

Em B7e, vemos que a poeta está ativamente envolvida em espalhar informações relevantes para sua comunidade, incluindo questões sociais, políticas e culturais. A frase destaca o papel da educação e do compartilhamento de conhecimento como uma forma de capacitar as pessoas e promover a mudança. Pode indicar também um compromisso com a disseminação de informações precisas e confiáveis. A expressão "Eu Sigo No Corre" sugere uma atitude ativa e comprometida em coletar e compartilhar informações, podendo representar a ideia de que a pessoa está em constante movimento de buscar e levar conhecimentos, além de refletir uma sensação de responsabilidade social, onde a pessoa se vê como um agente de mudança e entende que o conhecimento é uma das chaves para a transformação social. Assim, a expressão incorpora uma metáfora ontológica, ao atribuir ao ato de seguir no corre a característica não apenas de uma atividade física, mas de um compromisso ativo e constante em buscar e compartilhar conhecimentos. A expressão sugere uma atitude dinâmica, destacando a noção de movimento contínuo em direção ao objetivo de levar informação.

Vemos a identificação cultural da poeta com o rap no excerto B7f, "Eu Escolho Rap, Eu Escolho A Rima", o qual se trata de uma metáfora ontológica, onde a escolha pelo rap e pela rima não é apenas uma preferência musical, mas uma escolha que molda a existência e a identidade do falante. Nesse contexto, o rap e a rima não são apenas gêneros musicais, mas elementos que atribuem significado à experiência humana, influenciando a forma como a

pessoa se percebe e se relaciona com o mundo. O rap, com isso, é mais do que apenas um gênero musical; é uma forma de expressão artística que, muitas vezes, aborda questões sociais, culturais e políticas, especialmente nas comunidades urbanas. A escolha do rap e da rima é também a escolha do instrumento de resistência, de conhecimento e de forma de levar vida. A escolha do rap é uma afirmação de resistência, onde a pessoa se recusa a ser silenciada e usa a arte para fazer sua voz ser ouvida.

Vemos que a metáfora "poesia" emerge como um símbolo de resistência intrínseca moldada pela arte e pela força coletiva, onde as palavras se tornam instrumentos de mudança. As poesias, assim como outros meios artísticos, são espaços para desafiar as normas estabelecidas, contestando injustiças e tecendo, através das palavras, esperança e revolução. Dessa maneira, a metáfora da "poesia" ecoa a ideia de que a resistência, assim como a arte da poesia, é um processo contínuo, um fluxo constante de criatividade e ousadia para recriar e revitalizar as realidades sociais.

A metáfora da "ancestralidade", vista em cinco momentos, é um componente profundo e significativo nas poesias, evocando conexões com as raízes, a história e os sentidos de identificação cultural das mulheres negras. Por meio dessa metáfora, as poesias exploram a relação entre o passado e o presente, resgatando memórias e valorizando as tradições que moldaram a experiência das mulheres ao longo do tempo. A ancestralidade vem aliada a palavra força, pois o ancestral é uma força que impulsiona as vozes, os corpos e a identificação das mulheres pretas e periféricas, ao falar sobre ancestral, falamos também sobre cultura, sobre o rompimento de silenciamento, sobre (B3b) "honrar jornadas" que vieram antes e que abriram espaços para o hoje. É sobre (B3j) manter "nações vivas", é saber B6b "de onde vem", saber das raízes que geminam sementes e que, agora, dão frutos.

Nesse sentido, a frase de B6b, "Pra Se Fortalecer (...) Ela Já Tinha Caminhado Até A Sua Raiz E Lembrou De Onde Vem A Tal Força Motriz", indica que a poeta em questão encontrou força ao reconectar-se com suas origens culturais e familiares. Ao lembrar de onde vem sua "força motriz", a mulher reconhece que sua identidade e poder pessoal estão profundamente ligados à sua herança cultural e às experiências de seus antepassados. A ideia de caminhar até a raiz sugere que, em momentos de desafio ou dificuldade, a poeta encontrou força ao se reconectar com sua história e origens, lembrando-se da resiliência e da sabedoria de seus antepassados; a utilização da palavra "raiz" para se referir à ancestralidade pode ser

entendida como uma metáfora estrutural, nesse caso, a metáfora estrutura a compreensão do conceito abstrato de ancestralidade em termos mais concretos, utilizando a imagem da raiz para transmitir a ideia de algo profundo, que sustenta e nutre seus sentidos de identidade e a sua história. A frase também é uma celebração da riqueza da ancestralidade e da importância de manter viva essa conexão com as tradições transmitidas ao longo das gerações.

Em B6c, “E De Lembrança Em Lembrança Ela Se Fez Semente”, vemos que a frase sugere a ideia de que, no contexto da poesia, apesar das adversidades e desafios enfrentados ao longo do tempo (lembrança em lembrança), a mulher preta não apenas sobrevive, mas também se transforma e se fortalece. O enunciado possui características de uma metáfora ontológica, a expressão "ela se fez semente" não deve ser interpretada literalmente, mas sim como uma metáfora que molda a compreensão da existência e da transformação. A utilização da palavra "semente" evoca a ideia de potencial, crescimento e renovação, atribuindo significado à trajetória da poeta de maneira simbólica, se fazer semente é ter certeza que germina e permanece. Tal enunciado pode ser interpretado como um exemplo de resistência diante de experiências de discriminação racial e outras formas de opressão. Ela é capaz de superar as dificuldades e florescer, simbolizando seu poder interno. A ideia de "se fez semente" pode ser associada à preservação da cultura, tradição e identidade afro-brasileira. Ao longo das gerações, as mulheres pretas têm desempenhado um papel fundamental na transmissão de conhecimentos e valores culturais. Essa frase pode ser vista como um lembrete do poder da cultura e da herança cultural em resistir e persistir ao longo do tempo. Além disso, simboliza um ato de resistência por implicar que a mulher preta é agente de sua própria transformação e crescimento.

A metáfora da “ancestralidade” nos sinaliza modelos culturais relacionados a conexão com as raízes culturais, valorizando tradições e costumes transmitidos ao longo das gerações, o que pode influenciar na maneira como as pessoas veem a si mesmas e seus sentidos de identidades culturais e coletivos. Neste contexto, se trata de uma ancestralidade africana e feminina; com isso, há certas especificidades que precisam ser destacadas, como a resistência histórica, transmissão de saberes e fazeres dentro de suas comunidades e a dimensão espiritual e religiosa. Esses modelos culturais de contraposição interligados a metáfora aqui destacada foram desencadeados por modelos mestres de silenciamento dos valores, saberes e culturas de matriz africana adaptadas ao contexto ocidental europeu e americano.

A metáfora "união feminina", revelada em cinco instâncias, é, muitas vezes, retratada como uma fonte de potência, permitindo que as mulheres se fortaleçam mutuamente em um mundo onde a opressão e a discriminação são obstáculos persistentes. Ademais, reforça a ideia de que, ao se apoiarem, as mulheres têm a capacidade de transformar suas realidades e promover mudanças sociais significativas. Essa metáfora vai contra a ideia de solidão das mulheres negras, contudo, a união feminina não se limita apenas ao âmbito pessoal; ela tem um impacto muito mais amplo. Quando as mulheres se unem, elas não apenas fortalecem a si mesmas, mas também têm o potencial de remodelar as normas e estruturas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero. A união feminina é uma força catalisadora que pode inspirar a mudança e desafiar as injustiças. É uma demonstração de resiliência, conectando as mulheres em uma rede de solidariedade, representatividade, aliança e cumplicidade.

O enunciado B4d sugere um forte senso de solidariedade entre mulheres. Ao afirmar que "nos reconhecemos amigas", a mulher negra está expressando que reconhece e valoriza o apoio e a compreensão mútua entre mulheres. Tal aspecto pode ser visto como um chamado à união e ao apoio mútuo em face das lutas e desafios que as mulheres enfrentam. Ao reconhecer umas às outras como amigas, as mulheres estão fortalecendo seus sentidos de identidade e poder como grupo. Isso pode ser uma forma de resistência contra as estruturas patriarcais e capitalistas que historicamente dividiram as mulheres. Ao afirmar que se reconhecem como amigas, as mulheres estão reconhecendo ainda que compartilham experiências, desafios e lutas comuns como mulheres – o que pode incluir questões como sexismo, discriminação de gênero e racismo, entre outros. A frase destaca a importância de reconhecer essas experiências compartilhadas. O mesmo acontece em B4e, onde a palavra "Aliada" também pode ser vista como um ato de resistência coletiva ao indicar que as mulheres estão se unindo para resistir a sistemas e estruturas que perpetuam a discriminação de gênero e o racismo. Juntas, elas se tornam uma força mais poderosa na busca por mudanças sociais. Ainda a respeito dessa união entre as mulheres, o excerto B4f "Eu Fico Do Seu Lado, Sempre" é um agregador ao promover a ideia de que as mulheres são mais fortes quando se unem e assumem o compromisso em apoiar e unir-se a outras mulheres. O que é complementado em B4g, "Nós Duas Se Empoderando", onde vemos que, ao se apoiarem mutuamente, as mulheres se fortalecerem. Esses enunciados são metáforas ontológicas, pois não apenas descrevem relações e ações, mas também visam moldar a compreensão da

existência e da realidade das mulheres, enfatizando a construção de identidade e poder das mulheres como grupo e ressaltando que, ao se unirem, se tornam uma força ainda mais potente.

A metáfora de “união feminina” é um modelo cultural menor que confronta o modelo cultural mestre da rivalidade entre mulheres promovido pelo patriarcado e pelo capitalismo, ao entender esses modelos somos capazes de olhar mais atentamente a como nossa sociedade se organiza e como moldam nossos pensamentos e comportamentos. Assim, podemos buscar formas de promover mudanças significativas. Durante muito tempo, discursos dominantes tentaram convencer mulheres a se posicionarem contra umas às outras, construindo um espaço de rivalidade. As metáforas de “união feminina”, então, são modelos culturais de contraposição que se mobilizam a fim de desconstruir a ideia de inimizade e de construir, no lugar, um espaço de confiança, amizade e união, isto é, de resistência contra forças opressoras que buscam subalternizar as vozes, os corpos e os espaços das mulheres na sociedade.

Deste modo, as sete metáforas abordadas, consonantes vistas nas poesias analisadas, são utilizadas como uma forma de expressão e resistência contra as injustiças e desigualdades sociais enfrentadas pelas mulheres pretas e periféricas brasileiras.

Após realizada a análise relativa à consonância das metáforas e suas nuances, vamos, agora, aos aspectos dissonantes encontrados. As dissonâncias são vistas nas incompatibilidades emocionais entre algumas das poesias e, até mesmo, na mesma poesia em momentos diferentes, mesclando projeções de estados emocionais de raiva e indignação com serenidade e autoconfiança. Essas contradições podem refletir as complexidades das vivências e emoções das poetisas ativistas, trazendo uma profundidade única para cada poesia.

Embora existam similaridades entre as poesias em relação à temática de resistência, as batalhas poéticas abordam uma ampla gama de temas, desde a religiosidade até o contexto da pandemia de COVID-19. Essa diversificação de focos pode criar um distanciamento nas mensagens transmitidas pelas poesias, sendo outro fator de dissonância. Assim, as diferenças nas experiências individuais geram dissonâncias na abordagem da resistência, uma vez que as lutas individuais podem variar amplamente. No Slam das Minas, vemos temáticas que exploram conflitos internos, apresentando a resistência como um processo complexo que envolve lidar com dúvidas, medos e contradições pessoais.

Além disso, há poesias que incorporam desafios interseccionais, como os relacionados a raça, classe e sexualidade, criando dissonâncias ao destacar a complexidade da resistência em contextos diversos, como o de uma mulher trans, que partilha de uma vivência distinta de uma mulher cis.

Por meio dos fatores dissonantes, podemos perceber que as poesias do Slam das Minas visam quebrar as representações homogeneizantes ao apresentar uma diversidade de experiências dentro de suas comunidades, ajudando a reconhecer que não há uma única história ou experiência válida para esses grupos.

Dito isso, as questões discutidas acima estruturam modelos culturais de contraposição do contexto da situação de comunicação. Vimos que as poesias do Slam das Minas, muitas vezes, representam um modelo cultural menor que abraça o feminismo interseccional, reconhecendo as interseções de gênero, raça e classe nas experiências das mulheres, além de abordar modelos culturais de contraposição de desconstrução de representações sociais de gênero e de raça, desafiando dizeres tradicionais e se opondo aos modelos culturais mestres coloniais.

Contudo, o embate entre modelos culturais mestres (coloniais) e modelos culturais de contraposição (decoloniais) no Slam das Minas reflete a luta contra a imposição de representações sociais sobre faces culturais hegemônicas e patriarcais, com os seus tentáculos modernos como o machismo, o sexismo e a misoginia. As poesias apresentadas no Slam, ao destacarem perspectivas diversas e desafiarem normas tradicionais, contribuem para um movimento de resistência decolonial. Esse embate envolve a rejeição de valores e normas impostas, promovendo a valorização das experiências locais, das identidades marginalizadas e das vozes historicamente silenciadas. Ao fazer isso, as poetisas ativistas do Slam das Minas tornam-se agentes de mudança cultural e social, desafiando e lutando para transformar paradigmas estabelecidos por meio da batalha poética.

Feita a análise e o agrupamento dos trechos das poesias para caracterizar um conjunto de metáforas de um determinado tema, vamos, a partir desse conjunto, vinculá-los aos elementos apresentados no quadro 3 (passos metodológicos da pesquisa): os momentos integradores das práticas.

3.2.2.2 Para além das metáforas: momentos da prática

Será discutido, a seguir, a relação dos momentos do discurso com outros momentos da prática social, tendo, como intenção, analisar os modos como os enunciados nascem nesse lugar, nesse momento e não em outros. Assim, visamos investigar: de que forma as metáforas presentes nas poesias revelam indícios de modelos culturais mestres e modelos culturais de contraposição?

Para acessar os modelos culturais, é necessário, antes, olhar os outros elementos envolvidos em uma prática que os antecede. Cabe lembrar que as metáforas textuais estão articuladas com os quatro momentos das práticas, conforme disposto na figura 2 (Metáforas e modelos culturais como um dos momentos integradores das práticas): Discurso e Semiose; Crenças, valores e desejos; Atividade Material; e Relações Sociais). Dito isso, iremos vincular as metáforas aos outros elementos.

O momento “Discurso e Semiose” está relacionado com as metáforas de resistência "poder", "luta", "senso de identificação", "união feminina", "denúncia", "ancestralidade" e "poder”, na medida em que se caracteriza como o instante da materialização linguístico-discursiva e sua tessitura com os discursos que atravessam e são reconstruídos pelos enunciados na semiose. Na dinâmica do *corpus*, podemos destacar o discurso político de combate ao patriarcado e ao racismo. Vale mencionar que entendemos que há imbricamentos de vários discursos, como o discurso da educação, da economia, da mídia, mas, aqui, colocaremos o mais preponderante: o discurso político. Por ora, as metáforas se atrelam a uma questão de sobrevivência, outrora, de resistência por direitos, mas, em termos gerais, todas se atrelam nesse campo de disputa política.

As metáforas estão imbricadas também em determinadas crenças, valores e desejos associados a vários campos discursivos, principalmente, no campo político. Deste modo, a busca pelo poder, muitas vezes, está ligada ao desejo de justiça social, refletindo a crença de que as mulheres negras merecem igualdade de direitos, de oportunidades e de tratamento. Há, também, o valor do reconhecimento dos sentidos de identificação racial e de gênero, destacando a autoaceitação, o afeto, a aliança do grupo ou o conhecimento. Dessa forma, as metáforas relacionadas a “Crenças, Valores e Desejos” visam projetar sentidos sobre a importância da acreditar e lutar por uma sociedade mais igualitária e justa. O desejo de que as vozes e as experiências das mulheres negras sejam reconhecidas e valorizadas entram na esfera do desejo de transformação social, política e cultural em favor das comunidades das

mulheres negras e periferizadas. Vemos refletir, assim, a crença de que a luta e a mobilização são necessárias para enfrentar injustiças e se aproximar, a cada dia, da igualdade entre sujeitos e grupos sociais.

A “Atividade Material” é a instância do “fazer-saber poesia” dada na própria batalha do Slam das Minas - espaço social, temporal e cultural, com todas as composições existentes no movimento social, desde os instrumentos materiais concretos como o microfone e a rua, quanto aspectos mais abstratos como a plateia e as próprias poesias.

Por fim, o momento das “Relações Sociais” constitui-se como o se colocar nesse espaço de resistência e existência, abarcando, justamente, essa relação de poder e de luta contra hegemônica, representando mais do que simples interações humanas, mas o cerne da sociedade, refletindo a complexidade das dinâmicas sociais, culturais e políticas. As relações sociais, portanto, não são marcadas apenas por um convívio e uma busca por equidade, mas também um ato de afirmar sentidos de identificação, culturas e valores marginalizados. É um movimento coletivo que desafia as normas preestabelecidas, questiona o status quo e busca transformações profundas. Nas relações sociais, encontramos não apenas confrontos, mas também espaços de solidariedade e construção mútua, onde indivíduos se unem para desafiar estruturas injustas e criar uma sociedade mais justa e inclusiva.

Realizada essa breve relação das metáforas com os outros elementos, precisamos discutir sobre os efeitos disso, sobre cidadania, sobre quem tem direito à vida plena e quem não tem. Logo, vamos direcionar nosso olhar para os modelos culturais, uma vez que os modelos culturais de contraposição induzem e são induzidos por essas metáforas.

Sabemos que o “evento” é o acontecimento do Slam das Minas, e o que acontece dentro do slam - esse conjunto de metáforas - nasce dentro e a partir de modelos culturais de contraposição atrelados ao hip hop e a cena do Slam. As estruturas sociais e os modelos culturais mestres fazem pressão sobre as pessoas e sobre os eventos, mas os modelos culturais de contraposição, de determinado contexto, podem ser modelos de resistência e de negação dos modelos mestres, em que as margens de manobra são exercidas. As metáforas aqui analisadas compõem um modelo cultural contextual de resistência que procura condicionar os modelos culturais mestres e as estruturas sociais com mudanças e transformações sociais em pró da igualdade e da justiça.

Ao aglutinar as metáforas e mostrar uma regularidade e uma tentativa de se instaurar como modelos culturais do evento, tentam romper os poderes e ideologias que operam nos modelos culturais mestres. A resistência acontece quando construímos modelos culturais de contraposição e **colocamos ele** na vida, no dia a dia, na batalha do Slam das Minas. Em outras palavras, temos modelos culturais mestres/majoritários/hegemônicos que dialogam e convivem com modelos de contraposição /periferizados que, em interação, atuam como uma forma de debate e desconstrução.

Nas práticas sociais hegemônicas, há a inexistência de espaço social de luta e a presença de interdição dos corpos e de questões do não poder dizer, instaurando a necessidade de resistir e criando, para a concretização dessa resistência, esse espaço social de luta por meio da transgressividade, da poesia, do *hip-hop*, do Slam das Minas.

Em muitas esferas sociais, mulheres têm suas vozes subjogadas e suas lutas deslegitimadas. A inexistência de espaço para o confronto de ideologias opressoras e normas culturais limitantes impede que muitos discursos femininos ganhem espaço e reconhecimento. Nesse cenário, o Slam das Minas se destaca como um território em que as poetisas ativistas podem romper as barreiras que lhes são impostas e finalmente expressar suas perspectivas.

A sociedade, muitas vezes, impõe limitações aos corpos femininos, interditando sua autonomia e liberdade de expressão. As mulheres podem ser silenciadas e coagidas a não abordar questões delicadas, como violência de gênero, sexualidade e opressão patriarcal. No Slam das Minas, essas interdições são desafiadas e a poesia torna-se um veículo para romper com o não poder dizer, revelando feridas e desafios que precisam ser compartilhados e discutidos.

Diante das barreiras impostas às vozes femininas, o Slam das Minas emerge como um espaço de luta. Por meio da poesia e da performance, as mulheres se apropriam do palco e das ruas para se expressarem, reivindicando seus espaços de fala. Esse movimento de resistência se torna fundamental para a construção de sentidos de identificação coletivos. A transgressividade é uma marca do Slam das Minas, pois permite que as poetisas ativistas desafiem normas e convenções sociais. Por meio da poesia, elas subvertem as representações sociais hegemônicas e questionam a ideologia dominante, abrindo caminho para outros

discursos e perspectivas. Essa transgressão é uma forma de reivindicar a liberdade de expressão e desestabilizar estruturas de poder opressoras.

Dito isso, vamos observar, abaixo, de que forma as metáforas presentes nas poesias revelam indícios das relações de poder e das ideologias imbricadas aos modelos culturais, elementos estes também integradores das práticas.

As metáforas permitem que as poetisas ativistas subvertam significados e desafiem as normas sociais estabelecidas, muitas vezes, relacionadas ao poder patriarcal. Ao resistirem e existirem, também, por meio das poesias, as poetisas ativistas questionam as estruturas tradicionais de poder. Ao dar voz as experiências e perspectivas frequentemente ignoradas e silenciadas na sociedade dominante, expressando suas vivências, as metáforas ressaltam a complexidade das relações de poder que afetam suas vidas. As metáforas, usadas para expressar formas de resistência contra as formas de opressão e poder hierárquico presentes na sociedade, auxiliam na criação de ideias que desafiam a autoridade e reivindicam espaços de poder para si mesmas e para outras mulheres.

De tal modo, as metáforas podem desconstruir concepções naturalizadas das relações de poder de gênero, de raça, de status e posições sociais, revelando como essas hierarquias são socialmente construídas e impostas. Ao questionar a "ordem natural" das coisas, as poesias do Slam das Minas podem expor as injustiças e desigualdades fundamentadas no poder colonial. Além disso, as metáforas são usadas para redefinir e afirmar os sentidos de identificação das mulheres, destacam a força, a resiliência e a capacidade das poetisas ativistas, visando fortalecer a autoestima e a luta por igualdade.

As metáforas presentes nas poesias do Slam das Minas revelam, também, indícios de ideologia de várias maneiras. A ideologia, nesse contexto, refere-se a um conjunto de significados e construções sociais (GONZÁLEZ, 2020) que visam moldar e influenciar a forma como as pessoas veem o mundo, agem, interpretam suas experiências e estabelecem seus sentidos de identificação. Abaixo estão algumas formas pelas quais as metáforas nas poesias do Slam das Minas podem revelar indícios de ideologia.

As metáforas procuram desconstruir e questionar conceitos ideológicos dominantes na sociedade, são usadas para desafiar normas culturais, crenças tradicionais e estereótipos de gênero que são perpetuados pela ideologia dominante ao representar ideias e valores que são contrários à ideologia hegemônica.

Quando as poetas ativistas utilizam metáforas de resistência e existência para refletir sobre seus sentidos de identificação, revelam como se enxergam e como desafiam a ideologia que tenta limitar suas possibilidades. Além disso, a partir dessas metáforas, podemos ver como as mulheres enfrentam e desafiam as ideologias opressivas, isto é, como agem na sociedade. Por meio das poesias, podemos observar a desnaturalização de discursos ideológicos, revelando que as ideias e crenças estabelecidas são construções sociais e históricas que trazem um viés que busca inferiorizar e excluir determinados grupos sociais. Desta forma, as poetas ativistas criticam e refletem sobre como a ideologia é moldada e perpetuada na sociedade, construindo, assim, margens de manobra para resistir e romper com esses padrões ideológicos que ainda perpetuam em nossa sociedade.

Em outra direção, apesar de termos um espaço de transgressão, esse espaço não consegue se desvencilhar de um modelo cultural mestre de opressão e isso acontece porque a estrutura social é marcada de tal forma que, primeiro, é preciso construir um espaço de luta, de “poder dizer” que se funda na negação, para depois pautar outras transversalidades. Logo, as poetas ativistas precisam lutar para deixar de serem sufocadas por um sistema opressor, para depois poder poetizar sobre a beleza da vida ou outras temáticas. Ou seja, por mais que tenhamos uma estrutura de resistência, ela é condicionada e tenta condicionar essa estrutura de ideologia e poder dominante. Isto é, dentro de uma estrutura social de poder e ideologia patriarcal e dominante, formas de resistência sempre existem, só não são preponderantes.

Sintetizando o que foi dito, as metáforas refletem, reproduzem ou contestam modelos culturais dominantes, que são amplamente aceitos e perpetuados na sociedade. Algumas metáforas refletem acerca dos padrões de pensamento patriarcais e dos estereótipos de gênero que são internalizados pelos sujeitos ao longo de sua vivência. Contudo, buscam romper esses modelos com outros, com modelos culturais feministas e decoloniais, por exemplo. Ao desafiar os modelos culturais estabelecidos e promover novas formas de pensar e agir, as poetas buscam desconstruir conceitos tradicionais de feminilidade, maternidade, beleza e outros valores culturais que limitam as mulheres em suas escolhas, assim como conceitos pautados no racismo.

As metáforas são usadas também para conscientizar sobre os modelos culturais prejudiciais que afetam negativamente as mulheres, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados, expondo como determinados modelos culturais perpetuam opressão,

discriminação e desigualdade e, assim, encorajando as pessoas a questionar e analisar criticamente os modelos culturais que influenciam suas vidas.

Em resumo, as metáforas organizadas sob o agrupamento "poder", "luta", "senso de identificação", "união feminina", "denúncia" possuem um traço comum de contraposição ao sistema; a "ancestralidade" traz um viés de retomada da origem e dos saberes e conhecimentos decoloniais; a "poesia", por sua vez, atua na questão poética e artística sobre formação política. Por meio dessas materializações linguístico-discursivas, vemos a existência do elemento de resistência, na colocação de algo novo, em uma tendência de contrapor e denunciar a ordem social existente. Por mais que essas metáforas sejam variantes, uma que retoma a origem, outra que trabalha sobre a questão poética ou sobre a formação política, temos um elemento de resistência, a colocação de algo novo, que vai além de ser somente contra o sistema. Há uma tendência de contrapor e denunciar a ordem social existente e questionar como ele funciona. O primeiro passo da formação política é, portanto, ter condição de entender a realidade para, depois, contrapor.

Como vimos, Butler (1993) argumenta sobre essa dinâmica de criar o espaço social de luta, utiliza da comunicação e poesia como criação de um elemento educacional - formativo enquanto senso de coletividade e informativo/argumentativo sobre o entendimento do que é a sociedade e como somos oprimidos. Após isso, a autora passa por um segundo ponto: o que fazer para mudar. Porém, antes, temos que ter uma visibilidade das pautas, de conscientização, de entender o que acontece o dia a dia. Atrelando essa questão à ACD, precisamos pensar em alternativas. Mais do que resistência, o que é reexistência? O que se coloca como forma de se romper essa lógica opressora? Como que as poetisas ativistas do Slam das Minas poetizam uma mudança social? É sobre isso que discorreremos no próximo passo.

3.2.3 Passo três: desdobramentos da análise

Discutiremos, neste tópico a última questão dos passos metodológicos desta pesquisa (quadro 3): de que modo as metáforas podem atuar como respostas e reescritas sobre práticas de opressão na (re)existência dos corpos?

Ao analisar os processos sociais mais amplos sob as perspectivas discutidas na presente pesquisa, a pesquisa se desloca para além da teoria, adentrando o terreno concreto

das experiências diárias das mulheres pretas e periféricas brasileiras. As teorias, então, servem não apenas como ferramentas conceituais, mas como guias para entender como essas mulheres, por meio de suas práticas, moldam, resistem e recriam suas próprias realidades em meio a contextos sociais complexos.

A (re)existência vai além da resistência; é a capacidade de enfrentar, reimaginar e reescrever discursos e práticas de opressão. No contexto das poetisas ativistas do Slam das Minas, a (re)existência se manifesta como uma resposta criativa e resiliente aos desafios diários. Para romper a lógica opressora, é crucial contrapor estereótipos, dar visibilidade às vozes marginalizadas e criar espaços seguros para a expressão. Como visto em Butler (2018), a (re)existência, nesse contexto, é uma forma de disputa de poder que se traduz em ações concretas e poéticas, desafiando normas sociais e culturais.

As poetisas ativistas do Slam das Minas desempenham um papel fundamental na mudança social ao desafiar normas de gênero e colonialismo. Por meio de suas poesias, elas exploram as experiências femininas, raciais e decoloniais, procurando dismantlar estereótipos e oferecendo outras formas de viver. Ao compartilhar suas histórias, elas visam promover a conscientização e incentivam a reflexão crítica. Além disso, elas criam comunidades de apoio, estimulando o diálogo e a ação em direção a uma sociedade mais justa e equânime. Nesse sentido, conseguimos observar o conceito de performatividade (BUTLER, 2018), que, mais do que representar, as performances do Slam demonstram uma ação contínua e criativa que não apenas reflete, mas também contribui e condiciona, de certo modo, as redes de práticas. As poesias não apenas representam a resistência, mas também a realizam, incorporando e vivenciando as próprias experiências enquanto mulheres pretas e periféricas. Como vimos por meio da categoria analítica de Gee (2001), os modelos culturais de contraposição disputam e procuram desconstruir os modelos culturais mestres.

O conceito de performatividade auxilia na compreensão de como as poetisas ativistas não apenas refletem, mas também constroem ativamente outras formas de ser, estar, agir e se colocar linguisticamente no mundo. Suas práticas diárias, incluindo a forma como se vestem, falam e interagem, são atos de resistência que desafiam estereótipos e discursos.

Ao expressarem suas vozes e experiências, estão exercendo um poder que desafia as práticas hegemônicas e redefine os espaços de expressão e reconhecimento. O poder, nesse

contexto, é a capacidade de resistir, narrar e recriar as próprias histórias e formas de (sobre)viver.

É crucial considerar como esses processos sociais mais amplos se desdobram nas práticas sociais cotidianas das poetisas ativistas do Slam das Minas para entender como as poesias não apenas refletem, mas também moldam as redes de práticas que constituem a experiência das mulheres pretas na sociedade.

Ao enfrentar adversidades estruturais, as poetisas ativistas exercem o biopoder quando: retomam o domínio sobre seus corpos, ocupam universidades e espaços educacionais, criam redes de apoio comunitária, por meio de coletivos, organizações e movimento artísticos, políticos e sociais como o Slam das Minas, desafiam normas sociais que as marginalizam ao buscarem independência econômica, desafiando estereótipos que limitam as oportunidades econômicas para mulheres negras, ou ao escolherem estilos de cabelo e vestimenta que celebram suas identidades culturais e pessoais. O poder aqui é exercido, portanto, na capacidade de (re)afirmar suas existências em meio a sistemas que historicamente as oprimem, ao utilizar o poder para buscar transformação social – e não para oprimir, e ao olhar para o poder como uma luta coletiva – e não individual. As poesias revelam, então, as vivências teorizadas no conceito de poder na ótica do feminismo negro, tal como discutido por Ribeiro (2018) e Hooks (2018).

Ao invés de aceitar as ideias dominantes, as poetisas ativistas desafiam as ideologias que sustentam o racismo, o sexismo e outras formas de discriminação, indo de acordo com as ideias trazidas por Gonzáles (2020), que entende que a ideologia tem o potencial de validar sistemas de poder e opressão, mas, ao mesmo tempo, pode ser empregada como instrumento para resistir e combater as injustiças sociais, na medida em que as ideologias são (re)construídas nas práticas cotidianas.

Ainda cabe destacar que, no contexto do Slam das Minas, a hegemonia é confrontada de várias maneiras: na relação de estabilidade e instabilidade, no (des)equilíbrio dos modelos culturais e nas formas de pensamento, causados pelo Slam das Minas como forma de ação social. As poetisas ativistas questionam e contestam ativamente as representações normativas e estigmatizadas associadas aos sentidos de identidade femininos, raciais e decoloniais, desafiando estereótipos que foram historicamente perpetuados. Assim, as poesias do Slam das Minas desempenham um papel crucial como instrumentos de contra-hegemonia.

As metáforas, nesse cenário, utilizadas como ferramenta de resistência e também de existência, transcendem as palavras; são construções simbólicas que permitem às poetisas ativistas do Slam das Minas reescreverem suas trajetórias. Elas capturam a essência da (re)existência ao transformar a dor em expressão artística, proporcionando uma saída para as emoções silenciadas socialmente ou, até mesmo, reprimidas pela falta de espaço (físico e emocional) de falar sobre, de ter a permissão de falar sobre. Ao fazerem isso, essas poetisas não apenas denunciam a opressão, mas também redefinem seu significado. É fundamental expressar que a arte possui essa autonomia e liberdade de questionar e contrapor as normas sociais e os modelos vigentes. Por isso, torna-se um espaço social de luta (BUTLER, 2019) potente em termos de transformação social.

Os modelos culturais de contraposição vistos nas poesias por meio dessas metáforas imprimem uma marca: feminista e decolonial. Então, as poetisas ativistas lutam por uma mudança feminista e decolonial na sociedade quando desconstruem conceitos tradicionais de feminilidade, maternidade, afeto e beleza. Válido é ressaltar que todas as vezes que desconstruímos algo, construímos algo diferente para colocar no lugar. Com isso, existe, para além da desconstrução, uma proposta de espaços de conexão com outras lutas interseccionais.

Desta forma, temos o primeiro passo de mudança social, que está atrelado a um momento inicial: buscar e compartilhar conhecimento e consciência, a fim de se estabelecer um senso crítico sobre a realidade; e, em um segundo momento, relacionado a desafiar preconceitos, se reconectar com a ancestralidade, ter o direito de amar, entre outros. Essa proposta de mudança é a maneira como as poetisas ativistas do Slam das Minas enxergam esse outro mundo possível. Como diz um provérbio africano, “Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”.

No Slam das Minas vemos mulheres que se posicionam como palco de resistência e reivindicação de seus sentidos de identificação e experiências. Essas poetisas ativistas utilizam suas próprias vivências como instrumentos para questionar, desconstruir e confrontar as diversas formas de opressão que enfrentam em suas vidas. Frequentemente abordam questões de gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência e outras atravessamentos que compõem seus sentidos de identificações, afirmando o que González (2020) defende sobre a importância de levar em conta essas múltiplas formas de opressão em lutas sociais e políticas.

Assim, além das lutas de gênero, as poetas ativistas do Slam das Minas também abordam outras lutas interseccionais que permeiam suas vidas. Elas falam sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres negras, como visto nas poesias destacadas, que estão sujeitas a uma dupla marginalização de gênero e raça, discutem sobre as desigualdades econômicas e sociais enfrentadas por mulheres de classes menos privilegiadas. Elas também destacam questões relacionadas à sexualidade, abordando os desafios enfrentados pelas mulheres lésbicas, bissexuais e trans, reivindicam o direito de amar e expressar sua sexualidade livremente, desafiando a homofobia e a transfobia presentes na sociedade.

Por meio das poesias do Slam das Minas, essas mulheres encontram um espaço para se conectar com outras lutas interseccionais, reconhecendo que a opressão é multifacetada e requer uma abordagem holística.

O posicionamento dessas mulheres e suas ações são orientadas socialmente. Suas poesias e performances são moldadas por suas experiências pessoais e pelas questões sociais mais amplas que afetam suas vidas e sentidos de identificação. As poetas ativistas do Slam das Minas são agentes sociais que se posicionam diante das opressões e desigualdades que enfrentam no cotidiano. Suas poesias refletem não apenas suas vivências individuais, mas também as lutas coletivas e as questões estruturais que permeiam a sociedade.

Embora essas mulheres se posicionem de forma assertiva, é importante reconhecer que suas ações são moldadas por contextos sociais e históricos mais amplos. Elas enfrentam desafios e obstáculos que resultam de estruturas de poder e suas resistências estão enraizadas em uma luta coletiva por justiça social e igualdade. Assim, o posicionamento das mulheres do Slam das Minas coloca-se como uma resposta aos contextos sociais em que vivem, uma resposta de resistência a uma sociedade que violenta esses corpos.

A (re)existência, como concebida pelas poetas ativistas do Slam das Minas, vai além da resistência; é um ato afirmativo de viver em sua plenitude, apesar das adversidades. Enquanto a resistência, muitas vezes, implica em se opor ativamente às forças opressoras, a (re)existência implica em reconstruir e redefinir os próprios sentidos de identificação em termos próprios. Na (re)existência, as poetas ativistas se recusam a ser definidas pelas opressões que enfrentam; em vez disso, procuram moldar suas próprias redes de práticas sociais e discursivas, reescrevendo as histórias que foram contadas sobre elas.

Para romper a lógica opressora, as poetas ativistas do Slam das Minas empregam metáforas, como vimos, enquanto ferramentas de transformação. Elas desconstróem estereótipos e normas sociais, oferecendo outras perspectivas que desafiam as expectativas tradicionais. Ao redefinir conceitos de feminilidade, amor, poder e sentidos de identificação, elas projetam dizeres que visam desestabilizar as estruturas opressivas.

Ao investigarmos as poesias, percebemos que os dizeres não são apenas denúncias, mas, como visto, há, sobretudo, um discurso de existência, de identificação, de representações e histórias contadas pelos próprios versos. As metáforas de resistência transformam as experiências de opressão em algo tangível e compreensível; são formas de resistência criativa por oferecerem uma maneira de lutar contra a opressão de maneira não violenta e artística. Não apenas comunicam a dor, mas também provocam reflexão sobre as estruturas sociais e políticas que perpetuam o sistema dominador. As metáforas podem servir como uma forma de se acessar parte das esferas sociais, confrontando-a com sua própria complacência em relação à opressão.

Podemos dizer que as performances do Slam das Minas não são apenas entretenimento: são manifestações artísticas de (re)existência, projetadas para provocar pensamento, empatia e, acima de tudo, ação. As palavras das poetas ativistas não são apenas expressões artísticas, mas sementes plantadas na consciência coletiva. Ao falar sobre temas tabus e confrontar questões desconfortáveis, elas incitam um diálogo aberto sobre as opressões sistêmicas. Além disso, ao criarem comunidades de apoio, elas fortalecem redes de solidariedade que podem se transformar em movimentos de base, desencadeando, assim, uma mudança social.

Por meio da (re)existência afirmativa, da desconstrução criativa da opressão e da mobilização através da arte, as poetas ativistas do Slam das Minas não apenas resistem às estruturas opressivas, mas também lutam ativamente um futuro mais inclusivo e equânime, delegando o poder para si mesmas e para as futuras gerações. Suas poesias não são apenas palavras; são atos de (re)existência que ecoam através do tempo, desafiando continuamente as normas estabelecidas e inspirando outros a se juntarem à luta por uma mudança social significativa.

Assim, podemos ver o balançar de um discurso que resiste e que denuncia. Vemos, nas performances, o paralelo entre o cansaço de viver o que é obrigada a viver, ou seja, as

ações socialmente orientadas e a resistência, que mesmo não se tratando de uma escolha, está viva e, a cada dia, mais potente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As batalhas do Slam das Minas, mesmo sendo um espaço de resistência e reexistência, ainda são perpassadas pela ideologia hegemônica do racismo e do patriarcado. Isto significa que as poetas ativistas poderiam falar sobre qualquer assunto, mas abordam assuntos que atravessam o sistema opressor, uma vez que esse tópico impede outros tópicos de se destacarem, pois, o sistema opressor, ao negar a existência e uma vida plena às mulheres negras e periféricas, também lhes nega outras formas de resistir e existir. Assim, por mais que o Slam das Minas seja um espaço de respiro, as violências ainda acontecem com frequência no dia a dia e influenciam para que as poesias abordem determinadas temáticas.

Portanto, ao observar as lutas do Slam das Minas como um reflexo das complexidades da sociedade brasileira contemporânea, torna-se evidente que, embora o movimento represente um espaço vital de resistência, ele não ocorre de forma isolada. As poetas ativistas, ao escolherem temas intrinsecamente ligados à opressão sistêmica, revelam a persistência das estruturas racistas e patriarcais que permeiam suas vidas diárias. Quando pensamos, por exemplo, na implementação de cotas raciais nas instituições de ensino superior, enquanto um passo importante na luta pela igualdade de oportunidades, também é destacada a necessidade contínua de dismantlar os preconceitos arraigados que moldam o acesso à educação no Brasil. Logo, a luta das mulheres negras e periféricas no Slam das Minas não é apenas uma expressão artística; é um eco das batalhas que se desdobram em toda a sociedade, um testemunho da resistência que emerge em resposta às adversidades sistêmicas.

Cabe mencionar o passado que ainda escreve situações que são denunciadas nas poesias. Um ponto crucial na História do Brasil é a implementação de cotas para brancos e europeus enquanto as pessoas pretas eram relegadas à margem da sociedade. Esse processo histórico, longe de estar encerrado, continua a moldar a realidade do país. Mesmo após a introdução das cotas raciais em 2009, a equidade na educação ainda é um desafio. Os descendentes dos escravizados libertos e os jovens ricos e brancos continuam a ter acesso desigual às universidades públicas e a outros espaços sociais.

É inquestionável o impacto do sistema de cotas raciais no Brasil. Carneiro (2022) relata que, a partir do programa de cotas, houve uma multiplicidade de corpos nas universidades. Com isso, houve também um impacto significativo na produção de saberes elaborados por corpos não brancos, abrangendo perspectivas e visões de mundo

anteriormente sub-representados. Carneiro (2022) afirma que “Temos que acreditar que outro mundo é possível e nós acreditamos que outro mundo é possível”. A implementação das cotas raciais não apenas quebrou barreiras de acesso à educação superior, mas também desencadeou uma mudança cultural nas instituições de ensino, desafiando estereótipos arraigados e promovendo uma compreensão mais abrangente da sociedade brasileira.

A autora e as poetas ativistas do Slam das Minas nos mostram a luta e a crença desse outro mundo possível. A resistência não começa somente como uma resposta agravada pelas injustiças, mas como uma crença em um mundo melhor. Nesse contexto, a resistência é mais do que uma simples reação; é um ato de criação. É a construção coletiva de um mundo, onde a diferença não é apenas tolerada, mas celebrada, onde a justiça social não é um privilégio, mas um direito, e onde a esperança não é apenas um sonho, mas uma realidade palpável e possível.

A mudança social significativa e a compreensão mais profunda da estrutura da sociedade começaram a acontecer apenas recentemente na sociedade brasileira. A valorização dos saberes ancestrais ganhou espaço nas universidades, mas ainda precisa ser ampliada. No entanto, a realidade é que a ideologia por si só não supre necessidades básicas. Lutar por direitos em uma organização coletiva é importante, mas a prioridade, muitas vezes, é garantir a própria sobrevivência. Como expresso no *Slam*, as necessidades essenciais, como comer, trabalhar e viver dignamente, ocupam o centro do palco. Somente quando essas necessidades básicas são atendidas é possível enfrentar o restante dos desafios que a desigualdade social direcionada imputa. Sendo assim, a cena do *Slam* precisa se contrapor ao sistema opressor e, quando se contrapõe ao hegemônico, ela é e está sendo pautada também pelo hegemônico. Ao negar o que existe para depois existir, reflete que está sendo orientada pelos modelos culturais de contraposição de resistência que revelam, então, um modelo cultural mestre de opressão.

Entendemos, também, neste presente trabalho, que as metáforas de resistência vão além do texto, permeando a forma como as poetas ativistas se expressam e envolvendo diversos elementos das redes de práticas. No entanto, devido ao escopo da pesquisa, não foi possível realizar uma análise aprofundada no aspecto corporal.

As metáforas desempenharam um papel essencial na observação e investigação do objeto de pesquisa “Slam das Minas”, permitindo acessar e (re)construir ideologias, relações

de poder e modelos culturais. Analisar essas metáforas possibilitou a compreensão de como tais estratégias argumentativas são empregadas para moldar nosso pensamento, comportamento e compreensão da realidade, destacando os elementos políticos e sociais subjacentes na linguagem. Além disso, ao carregarem uma carga cultural e social, as metáforas contextualizaram as experiências das artistas dentro de uma matriz cultural mais ampla, crucial para uma compreensão abrangente das influências que moldam as redes de práticas que as atravessam. Ao explorarem dualidades e contradições, as metáforas forneceram uma lente para abordar as complexidades das experiências das poetisas ativistas, destacando a relevância desses elementos no contexto do Slam das Minas, onde os dizeres frequentemente envolvem lutas contra sistemas opressores e a celebração dos sentidos de identificação.

Dito isso, as metáforas, categoria de análise textual da pesquisa, foram necessárias e importantes para investigar o objeto em questão, visto que, por meio dessas metáforas, fomos capazes de observar um modelo cultural menor de resistência que procura condicionar os modelos culturais mestres e as estruturas sociais com mudanças. Assim, foi possível afirmar que as poesias do Slam das Minas é um instrumento de resistência.

Embora a escolha de incorporar metáforas tenha enriquecido a pesquisa, é importante reconhecer algumas limitações e restrições decorrentes dessa abordagem metodológica específica. Ao focalizar nas metáforas, determinados elementos foram relegados da análise, uma vez que a profundidade e complexidade das poesias do Slam das Minas é multifacetada. A natureza simbólica das metáforas pode ter desviado a atenção de outros elementos linguísticos e estilísticos presentes nas poesias, como o uso específico de certas palavras, a estrutura gramatical ou até mesmo os estados emocionais. Além disso, a análise das metáforas concentrou-se, principalmente, no âmbito linguístico, deixando de lado possíveis interpretações ou significados que poderiam ser explorados em uma análise mais ampla e interdisciplinar, como na instância da recepção. Ademais, ao se concentrar nas metáforas, a pesquisa, em razão de seu recorte, pode ter negligenciado nuances culturais mais amplas ou aspectos sociais que não foram abordados por essa lente específica. Embora as metáforas tenham proporcionado uma entrada valiosa, é crucial reconhecer que essa escolha metodológica trouxe consigo determinadas limitações, ressaltando a necessidade de uma abordagem complementar e mais abrangente em pesquisas futuras.

Sendo assim, vemos que esta pesquisa demonstra condições de se expandir para outros horizontes que não foram, por ora, explorados. Em trabalhos futuros podemos buscar analisar o ritmo, a expressividade do hip hop, a corporeidade, entre outras possibilidades investigativas.

A integração do quadro teórico-metodológico, por trazer abordagem multifacetada, ofereceu uma compreensão holística do objeto de estudo, destacando não apenas as estruturas linguísticas, mas também as interseções complexas de poder, identidade e colonialismo.

No entanto, essa combinação teórica também trouxe desafios. A complexidade intrínseca a essas teorias pode dificultar a compreensão. Além disso, a aplicação da metodologia de ACD em contextos interseccionais e decoloniais pode ser limitada se não for articulada adequadamente ao objeto de estudo. Uma área crucial para melhorias metodológicas é a participação comunitária, como ocorre na pesquisa-ação. Incorporar as vozes das comunidades estudadas de maneira direta e participativa pode aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais, garantindo que as pesquisas sejam culturalmente sensíveis e relevantes para as pessoas envolvidas.

Apesar dos desafios, essa abordagem ofereceu contribuições significativas. Em uma proposta de giro decolonial, a pesquisa expandiu o conhecimento teórico e metodológico, especialmente na interseção entre análise do discurso crítica, interseccionalidade, decolonialidade e feminismo negro. Além disso, ao destacar questões de poder e marginalização, a pesquisa pode ter contribuído para a conscientização pública e para o ativismo social, alimentando debates importantes na sociedade. O desafio futuro será aprimorar a aplicação prática dessas teorias, garantindo que não apenas informem a Academia, mas também se traduzam em mudanças tangíveis na sociedade.

Além da análise das poesias em si, a presente pesquisa procurou se localizar dentro de um movimento ontológico e metodológico, uma desconstrução e construção nas zonas movediças da ACD. Portanto, precisamos ressaltar as modificações realizadas em termos teóricos e que se refletem na análise do objeto para entender em que medida essas complementações, dadas nos graus de abertura interdisciplinar da ACD, foram adequadas para a pesquisa.

Sendo assim, foi possível observar que a análise de conjuntura da ACD faircloughniana incentiva e recomenda investigações para além do discurso como texto,

considerando este momento particular da prática social interligado com a estrutura e o evento, na dialética das redes de práticas.

Ao adotarmos a metáfora como instrumento analítico textual e relacioná-la aos modelos culturais de Gee (2001), a pesquisa buscou investigar como as poetisas ativistas utilizam o movimento social Slam das Minas como um espaço de resistência e transgressão. A metáfora, nesse contexto, não apenas materializou linguístico-discursivamente os modelos culturais, mas também tornou visíveis crenças, discursos e outros elementos da prática que vão além do foco textual da primeira fase da ACD. Essa substituição proporcionou uma perspectiva mais ampla sobre a complexidade das experiências das poetisas ativistas do Slam das Minas, evidenciando não apenas a opressão, mas, sobretudo, a resistência das poetisas ativistas. As metáforas, nesse sentido, emergem como manifestações de uma luta contínua por dignidade e justiça, permitindo a exploração das relações de poder, ideologias e modelos culturais presentes nas poesias analisadas.

Além disso, a adoção do poder em uma perspectiva do feminismo negro trouxe uma reconfiguração significativa à nossa compreensão do poder no discurso. A análise direcionou-se para a dinâmica do poder presente nas poesias, que utilizam o corpo e a voz, nas batalhas poéticas, como instrumentos contra um sistema de poder que se manifesta por meio da opressão sistêmica. Nesse contexto, o foco deslocou-se do poder entendido como uma ferramenta de opressão para concebê-lo como um instrumento de transformação social e promoção da igualdade.

Outra modificação importante em ser sublinhada foi a substituição do conceito de representação da ACD pela performatividade de Butler (1993). Vimos que a performatividade não se limita ao discurso que é colocado no texto, mas é um rito marcado por uma estrutura que atua diretamente sobre os corpos. Essa abordagem destaca que a representação não é apenas uma manifestação textual, mas um processo ritualístico que permeia as crenças, valores, desejos, interações sociais, diálogos e corpos presentes em uma rede social. Essa substituição contribuiu para uma compreensão mais profunda dos rituais sociais que normatizam, obliteram e moldam os corpos. Butler (2018) trouxe a noção de que a representação não é apenas uma forma de dizer, mas uma maneira de agir sobre o mundo, dando destaque à interação, vivência cotidiana e práticas performativas na constituição dos significados sociais.

Sendo assim, por meio das perspectivas interdisciplinares, a análise se tornou mais sensível às nuances das vivências das poetisas ativistas no Slam das Minas. Isso permitiu uma compreensão mais rica das estratégias de resistência, das dinâmicas de poder e das formas como as poesias contribuem para desafiar as estruturas hegemônicas e promover uma transformação social mais inclusiva. O feminismo negro, juntamente da interseccionalidade, ao trazer as experiências das mulheres negras, favoreceu para a desconstrução de práticas hegemônicas que, muitas vezes, são centradas em experiências dominantes. Isso amplia a compreensão das formas como as hegemonias são construídas e como diferentes grupos desafiam esses discursos. O olhar decolonial ofereceu uma crítica às ideologias dominantes, destacando como as estruturas coloniais continuam a influenciar as normas culturais. Isso colaborou para uma análise mais atenta às ideias e valores presentes nas poesias do Slam das Minas, questionando as ideologias que perpetuam a opressão.

Por fim, com base nos conceitos vistos, a análise de conjuntura foi repensada. No primeiro passo, a inclusão das perspectivas feministas negras, decoloniais e interseccionais na análise permitiu uma compreensão mais profunda das demandas e desafios enfrentados pelas mulheres, especialmente aquelas que estão no centro do Slam das Minas. A visibilidade das questões relacionadas a gênero, raça e interseccionalidade foi aprimorada, contextualizando-as em estratégias políticas mais amplas de resistência e transformação social.

No segundo passo, a análise das metáforas nos permitiu explorar as fontes de modelos culturais presentes nas poesias do Slam das Minas. Isso possibilitou identificar como as metáforas são utilizadas como instrumentos de expressão cultural, desafiando normas culturais dominantes e se tornando um instrumento de resistência.

No terceiro passo, a discussão sobre como as metáforas buscam desafiar e romper com os sistemas de opressão foi aprofundada pela incorporação das perspectivas interdisciplinares. A análise considerou não apenas as dimensões linguísticas, mas também os contextos sociais, históricos e culturais que permeiam as metáforas. Isso proporcionou uma compreensão mais holística das estratégias utilizadas no Slam das Minas para enfrentar e resistir aos sistemas de opressão.

A interação transdisciplinar entre ACD e outras perspectivas, como o feminismo negro, decolonialidade e interseccionalidade, não apenas aprimorou cada passo da análise,

mas também permitiu explorar a complexidade do objeto de pesquisa como um todo. A pesquisa passou a abordar as interseções entre diferentes formas de opressão, os mecanismos de resistência cultural e as implicações políticas mais amplas, oferecendo uma visão mais rica e matizada das dinâmicas presentes no Slam das Minas. Portanto, ao trazer esses outros conceitos, a análise de conjuntura se tornou mais sensível às nuances e às camadas presentes nas poesias do Slam das Minas, possibilitando uma compreensão mais reflexiva e dialética do objeto de pesquisa.

Com base no que foi apresentado, podemos inferir que o que fizemos na pesquisa foi um recorte sobre um momento que se mistura com o olhar da pesquisadora diante do afastamento acadêmico que se coloca pelo emprego do quadro teórico-metodológico. Tentamos contribuir para a ACD ao considerar suas aberturas e ao cogitar um diálogo com o feminismo e a decolonialidade, os quais são entendidos aqui como conceitos importantes para contribuir para sociedade ao trazer uma experiência de contraposição hegemônica.

Esta pesquisa não é apenas um registro do passado; é um chamado à ação no presente e uma tentativa de contribuição para um futuro mais justo e igualitário. Que as palavras e as experiências das poetisas ativistas do Slam das Minas ecoem não apenas nas páginas deste trabalho, mas também nas mentes e corações de pessoas que lutam para criar mudanças significativas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, María del Pilar Tobar. **Construções Discursivas de Reexistência** – um estudo em Análise de Discurso Crítica sobre marchas de mulheres no Brasil. Brasília, 2018. 408 p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília.

ALMEIDA, Marina. **Slam das minas: mulheres na batalha poética**. Escrevendo para o futuro, 07 de dezembro, 2017. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-emo movimento/slam-das-minas/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

BARROS, Solange. **Realismo Crítico e Emancipação Humana**. Contribuições Ontológicas e Epistemológicas Para os Estudos Críticos do Discurso. São Paulo: Pontes, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; tradução**, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith; LADAU, Ernesto; ZIZEK, Slavoj. **Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary Dialogues on the Left**. New York: Verso, 2000.

CARMO, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 201-223, ago. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). **Pensamento feminista - conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARVALHO, Maria Helena de Aguiar. **Discurso e poder na contemporaneidade: Contribuições da Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. “Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática”. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, dezembro 2011. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>]

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patrícia Hills; BILGE, Silma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica**. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2022.

CORREIA, K. C. de Andrade. **Na prática a teoria é outra! Uma análise discursiva sobre a responsabilidade social do professor de Português da Educação Básica**. 2017. 269 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. *Stanford Law Review*, Vol. 43, No. 6, 1991, p. 1241-1299. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/1229039> >. Acesso em: 17 fev. 2023.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

D’ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n 9, 2011, p. 119-126. Disponível em: < <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**; Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução; tradução de Silvana Vieira; Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. Reflexões sobre as materialidades linguístico-discursivas de processos ideológicos. In: ASSUNÇÃO, A.L.; BIAVATI, N.D.F.B.; SPERANDIO, N.E. (Org.). **Interfaces do linguístico: enunciação e práticas discursivas**. 1ed.Campinas, SP: Pontes, 2017, v. 1, p. 171-196.

FOCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edição Loyola, 1966.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade e a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

FREITAS, Daniela Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea**. Rio de Janeiro, 2018. 132 p. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam, Cidadania e Performance. In: LOMBARDI, Kátia Hallak (org.) et al. **Engajamentos Contemporâneos: Linguagem, Política e Educação**. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 15-33.

GAMA, Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA**. Cachoeira, 2019. 253 p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. London: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**; tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, 1984

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **The Antonio Gramsci reader: selected writings, 1916-1935**. David Forgacs (ed.). New York: Schocken Books, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. Context of Situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (org.) **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. London: Oxford University Press, 1991, pp. 3-28.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1976.

HARVEY, D. **Justice, Nature and the Geography of a Difference**. London: Blackwell, 1996.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “Prefácio a 26 Poetas Hoje”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **26 Poetas Hoje** - 6a ed - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução de Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019a. E-book.

JESUS, Amanda Julieta Souza de. **Mulheres negras no Slam das Minas BA: um espaço de insubmissão e resistência**. Salvador, 2021. 129 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago press, 2003.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MATOSO, Glauco. **O que é poesia marginal?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Instituto Procomum, 2019. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. 2017. DOI: 10.17666/329402/2017.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MUSSALIM, F.; SILVA-FONSECA, C. Estereótipos de gênero e cenografias em anúncios publicitários. In: MOTTA, Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.p. 139- 150.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, 1992.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de. **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo. **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

RESENDE, Viviane de Melo. Reflexões teóricas e epistemológicas em torno da Análise de Discurso Crítica. **Polifonia**, nº 17, 2009, p. 125-140. Disponível em:< <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1012/789>>. Acesso em 17 fev. 2023.

RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Org.) **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. E-book.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. 1ª ed. Bazar Tempo, 2019.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface** - Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa I. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TV SENADO. **Sueli Carneiro**: de que barro somos feitos para permitir a situação dos negros deste país? [Vídeo]. YouTube, 27 de setembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PTVwG12yIhA>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa** - Antropofagia Periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VILAR, Fernanda. Migrações e periferia: o levante do Slam. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 58, e588, 2019, p. 1-13. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/5TcrrxVk98Bb3sPhswqDd8g/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ANEXO – CORPUS DA PESQUISA

ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 1

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta. Aguenta o infinito em um corpo que o grito de socorro acusa suspeito. Não chore nem fale das mortes diárias, pariu cinco vezes sem anestésias com falas no ouvido: Preta é firme! Seu corpo foi alvo da falta de amor, teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu, quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por causa da cor, mas preto é forte, sempre ouvi falar, mãe preta resiste desde que não sabia o que era existir, mãe preta, teve teus calos calejados pela falta de arrego dos atrasos da história que traçaram o teu destino. Mãe preta, que pariu no reboição e trouxe com muito ofício outra preta que não sorriu. Filha de preta! Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com o grito de cansado entalado na garganta e os bico de diarista entalado na minha herança, vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância, os homens que me olhavam revestidos de ganância e pra eles não importa se trata-se de uma criança, de hipersexualizar o hobby da vizinhança. Dedos te apontaram ontem, hoje o cano te aponta. Amanhã outro julgamento, julgando que se aguenta. Tua cabeça um reboição, teu corpo cumpriu capricho e tua mãe também passou por isso, e todas da tua família. Tua vó bem que dizia: é uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas vejo uma morte lenta, e para cada abuso novo um branco te orienta: negra é forte, negra aguenta. Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença, com força dos ancestrais internalizou que aguenta, imaginou o chicote lento na vértebra de um branco e viu que a força é um detalhe pra quem vive resistência.

Fonte: https://youtu.be/DbQXy_jcCXE

ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 2

Eu me chamo Victória, mas poderia me chamar Luana, presente! Cláudia, presente! Maria Eduarda, presente! Nasci estatística pelo fato de ser mulher, me vi estatística quando me entendi negra, entrei pra outra estatística quando entendi a minha sexualidade. Entrei pra estatística da exceção, minoria privilegiada para justificar o desmando do patrão, que diz: Deus ajuda a quem cedo madruga. Balela, ladainha, é mentira pra rico dormir. Preta, periférica e agora? Rá, agora, de fato, graduada. Terror da casa grande, nunca coube na senzala. Eu zelo pelo bem das minhas: armadas, amadas, empoderadas. Na luta, em frente, no front. Poucas ideias, muita força. Bradando aos machistas, esquerdomachos e fascistas. Abra o olho, cortar a sua pica. E aliás, também cortar vocês de nossas vidas. Ah! isso é só o início do jogo.

Fonte: <https://youtu.be/DLGr3d7RMAs>

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 3

Eu vi, vi o chicote bater nela e doeu em mim. Vi a corrente prender ela e prendeu também a mim. Preta, escravizada que iniciou minha caminhada, é por você e pra você minhas palavras. Eu vi, eu vi o ferro alisar ela e queimou em mim, eu vi o pano vendar ela e então descobri que se fechar meus olhos a minha boca fala, sou espírito livre para honrar jornada de toda preta, mãe, mulher, menina, filha de outras filhas ainda escravizadas, neta de outras mulheres também silenciadas, lindas tão lindas que nem sabem ainda que são tão raras porque nossa carne é vendida mais barata. Anda sem perspectiva, até hoje ela chora, minha mãe nem chora mais diz que faz parte da história. Eu fiz a jura e é por ela minha luta e minhas poesias. Mesmo que cê não saiba ainda, mãe, as riquezas são nossas e você é minha rainha. Como eu te disse, preta, para não chorar que já tamo a algumas vidas aí tentando concertar. A bonança chegará, a justiça de xangô virá, mas se eu pudesse pedir alguma coisa de verdade, mesmo com a barriga doendo de fome eu clamava por liberdade. Há um povo que traz a injustiça no olhar, há um povo que faz a dança o seu caminhar, o machucado ardeu quando o suor bateu, dor enraizada, iansã rasgando o céu e ogum cortando na espada, e nem só de esperança se fazem as minhas palavras, tem muita luta por traz de conquistas de outras batalhas travadas. Eu, africana, que carrego a minha fala, mantendo nações vivas anos e anos até hoje nos terreiros e encruzilhadas.

Fonte: <https://youtu.be/-hKrrZNgjRI>

ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 4

Dói, um tapinha não dói, um tapinha não dói, um tapinha não dói, só um tapinha. (2x) Dói sim! Mana, o tapa que ele te deu, em mim doeu. E agora eu entendo que sua garganta esteja fechada, mas minha língua é afiada e pela palavra eu vou retalhar o que nos fere, se ele quebrou o vidro e lambeu o sangue pra te calar na briga, eu abri as pernas e mostrei o buraco que sangra mas que dá a vida, ta cego, vagabundo? é por aqui que nasce e morre o mundo. E eu sei que mesmo abatida você vai se levantar das cinzas, não porque é fênix, mas porque é mulher. E a cada dia nos reconhecemos amigas, bem que tentaram nos ensinar inimigas, mas na hora do pega pra capá, você tinha uma aliada. Então, se tu bater o pé eu fico do teu lado sempre. nós duas se empoderando, planejando a ação, e o vacilão chorando no portão, foi procurar os amigos pra alimentar seu ego, se achando todo esperto, foi procurar afeto, mas não tem mais não. A casa agora tá vazia, a cama, que poderia tá agora quentinha, tá vazia, e vai continuar vazia se continuar achando que toda mulher é vadia, se continuar achando que precisa levantar a mão, porque é burro demais pra saber conversar, mas aqui não tem babá e nem babaca pra te ensinar. Aqui se faz, aqui se paga. Continua negando o seu carma, mais falso que nota de 3 reais, paga de santo na igreja, não bebe cerveja, não murmura, só esmurra e só não mata porque a biblia diz: não matarás. Mas te mandar o papo reto, prefiro o satanás do que compartilhar o mesmo teto. Mas ó, confesso, bateu a indecisão, é meu irmão, te mandar pra cadeia ou te dar atestado de bandidão, ou fazer justiça com minhas próprias mãos. Mas não dá pra negar não, meu pulso está batendo a 180 de pulsação, e a cara da tua mina tá toda arreventada, sorte que eu desviei da garrafada. Mana, se tu tá ouvindo isso agora, nunca dê a cara a tapa, porque eles batem, e a sua cara é muito linda pra aturar covarde. Eu tô escrevendo pra provar que poesia não é brinquedo, e eu tô cansada de sentir medo, eu tô cansada de ver macho sentado bebendo a tarde na calçada e espancado na madrugada. Ou respeita as minas, as manas, as monas, ou eu boto minha boca no mundo acabo com a tua arrogância em três lances ou melhor: 1 8 0. E não é só isso, a mulherada tá mais braba que um catiço e eu sei que eu não ando só.

Fonte: <https://youtu.be/I5uvNblX5Cc>

ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 5

Nunca vi rastro de cobra, nem couro de lobisomem, se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Tu vem dizer que é homem, tu vem dizer que é homem, vem viver na minha pele, conhecer o aterrorizante. Tu vem dizer que é homem, tu vem dizer que é homem e na hora de assumir, tu vai lá, se esconde e some. Tu vem dizer que é homem vem dizer que é homem, mas se não fosse esse teu nome, tu se envergonhava. Mas cê sabe por quê? Foi porque eu nasci riscada sentenciada no feto menina, pro pai que azar, na fila sem vaga, escalando, escadas, fronteiras, receitas que vem separar, segregação, vem viver aqui na pista, o ritmo é louco da ponte pra cá e seu canto é pro morro das mães, tias e primas, pra queda da farsa que quer nos matar. Eu não sou muhá(?) cuidado comigo, se vier no vacilo eu viro pitibul, se não dá tranquilo, relaxa, amigo, esse papo eu mesma explico pra tu. Vida oprimida por ser feminina, usada, largada no colonial. Ser mãe aos quatorze, filhos e o abandono das pretas aqui é normal. Tanto empoderamento, essa coisa de momento, se não for pra atingir aquele que pertence a base, segundo andar no tormento de acabar com o veneno que corrói o meu povo, minha comunidade. Femicídio, são treze por dia, a indústria dos ratos sabe bem função alto. Ocupo a rua, mais cedo a conduta, a madrugada sozinha, aqui é (indefinido). Filha da pátria fugida, nativa da tribo, tu quer bancar que é macho, vem viver o meu perigo (indefinido), minha palavra vale um tiro, não me nega, se cura do teu machismo. Para as pretas, para as trans, que dedico essa mensagem de consciência marginal pra destruir a sabotagem, tu me assistindo nessa falsa igualdade, mas de frente pra tropa não tem quem salva, o salve pra Eva leva a culpa em suas costas, Maria, Madalena, vida louca da história. Histórias forjadas, desespero na porta. Amor, vou tomar nosso mundo de volta.

Fonte: https://youtu.be/WO1pa8uw_p8

ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 6

Hoje eu vou contar a história de Gabriela, hoje eu vou contar a história de Gabriela, que de viela em viela fez da rua passarela, passou e fez o Zé ruela lembrar que antes Gabriela, que era só cravo e canela, era a dona de suas mazela. Mas tem sempre um cravo pra se ofender e vim querer mandar em você. Só que hoje, a linda rosa juvenil, não precisa da sua piedade para cantar a liberdade. Todo dia a porra do cravo, todo dia a porra do cravo brigava com a rosa, todo dia a porra do cravo brigava com a rosa, os pau no cu do jardim tavam tudo acostumado. A ver rosa maltratada, abusada, despedalada, estupra... ai não. Eu vim fazer poema de amor, cês viram? Comecei a falar de flor, só que, enquanto eu olhava o jardim, ele assobiou pra mim. Chegou bem perto e sussurrou. Minha flor. deu-se o ato, a linda rosa perdeu pro cravo. Não, não, não, calma, calma, eu não quero ver ninguém triste, afinal, isso é normal, todo dia a gente sai da rua e é um novo amanhecer e vem ele de novo querendo te foder. Enquanto os dias se passavam, ela sentiu uma pétala sendo deixada no caminho, e pique João e Maria, ela voltou recolhendo uma a uma, tentando juntar as partes de si que caíram pelo chão, não por sua intenção, é que nascemos dessa submissão. Por fora ela tava igual o cão, por dentro só sobrou pão que infelizmente ele já tinha amassado. E cada cabeça que ela tinha que curvar, ela lembrava de cada duro amanhecer, de cada duro enrijecer, de cada cabeça que teve que curvar, sem o seu querer, sem o seu prazer, mas pra se fortalecer e pro cravo enlouquecer, ela já tinha caminhado até a sua raiz e lembrou de onde vem a tal força motriz, lembrou que flores são pra odóiá. Sonhou com “indecifrável” sentada no topo? Isso sim é um assovio bom, moço. E de lembrança em lembrança, ela se fez semente. Cê mentiu que não viu ela crescer, mas teve que se curvar pra ver ela vencer. Aliás, sem você.

Fonte: <https://youtu.be/TFdvdL KTBE4>

ANEXO 7 - TRANSCRIÇÃO DA BATALHA 7

Descarada gente branca, já passou o Natal e o que você fez? O ano terminou e começou outra vez, mas me diz aí o que é que foi que mudou. Dois anos sem sorte, o medo da morte te aproximou do terror, a dor na espinha, o frio na barriga, sair na rua e isso ser um risco a sua vida, pra você foi desesperador, já pensou? Ter que existir um vírus devastador pra você conseguir se colocar um pouco no lugar onde eu tô? Na porta dos hospitais, gente branca sem leite, os noticiários nacionais mostrando gente branca morrendo e a quem diga que eles até compraram jornais pra procurar emprego, imagina, longe de mim achar que cês tenham merecido, mas parece que cês só entendem a dor do outro quando já viveram algo parecido, então me diz e agora qual que vai ser a sua conduta? Teve dois anos pra pensar em vida de preto aqui é curta, tamo com pressa, cê diz que quer colar com nós mas nunca aguenta essa conversa ou então me diz o que te interessa, não é possível que seja minhas letras mirando sua testa, cantar de preto no rap e dizer que é favela, ter três doutorado, pra quando vai falar de racismo, só saber citar Mandela, sempre a mesma novela. Mas mesmo assim eu tenho esperança, porque depois de tudo isso não é possível que cês tenham olhado só pro próprio umbigo. Não. Cês devem ter se comovido, tava o tempo todo curtindo, compartilhando todo esse genocídio. Câmeras pra monitoramento ao vivo. Vocês viram, povos originários sem demarcação de terras sendo mortos a tiros, corpos pretos com medo de ir no mercado encontrar o próximo assassino, as mulheres em unanimidade denunciando relacionamentos abusivos, as travestis sendo queimadas a céu aberto como se fossem lixo. E é tanta coisa pra dizer, mas o tempo aqui é curto. Até porque cês acha longa qualquer ideia com mais de cinco minutos. Mesmo assim, eu sigo no corre pra espalhar informação, até porque cada um tem seu jeito, né? De fazer textão. Eu escolho rap, eu escolho a rima, começando o ano com mais uma poesia no slam das minas e isolada pela sociedade muito antes da pandemia.

Fonte: <https://youtu.be/su2Hhfh F8fQ>